



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO



ROSE ELAINE DOS SANTOS BONIFÁCIO

**A MULHER AUTORA NO CORDEL SERGIPANO: UMA
ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS DE IZABEL
NASCIMENTO E DANIELA BENTO**

SÃO CRISTÓVÃO – SE

Maio-2025

Rose Elaine dos Santos Bonifácio

**A MULHER AUTORA NO CORDEL SERGIPANO: UMA
ANÁLISE A PARTIR DAS TRAJETÓRIAS DE IZABEL
NASCIMENTO E DANIELA BENTO**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Comunicação da Universidade
Federal de Sergipe-UFS para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Malta

SÃO CRISTÓVÃO – SE

Maio-2025

Dedicada às mulheres do cordel sergipano.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Sergipe (UFS), meu sincero agradecimento por ter sido espaço de crescimento pessoal e construção diário de conhecimento, mesmo diante dos desafios e retrocessos que marcam o cenário educacional brasileiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFS), pelo acolhimento, pelas trocas e por me possibilitar desenvolver uma pesquisa que me atravessa em tantos níveis.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que, por meio de seus programas de incentivo e das bolsas concedidas, torna possível a realização de pesquisas como esta e a permanência de estudantes como eu na pós-graduação.

À professora Renata Malta, pelas tantas trocas, por acreditar na minha pesquisa e por nunca permitir que o rigor acadêmico apagasse as subjetividades e sensibilidades que atravessam este trabalho.

À professora Sônia Aguiar, que me acompanha desde os primeiros passos no jornalismo e que me orientou no TCC com seu olhar generoso e crítico, sendo uma das minhas grandes inspirações na academia desde então.

À Fanka, mulher potente, cordelista e referência viva de resistência poética, por fazer da autoria feminina um território de luta e mostrar para tantas que escrever é ocupar o mundo com voz própria.

À mainha, Cleide Maria, por ser minha maior referência de força, generosidade e cuidado. Seu amor foi o chão sobre o qual pude caminhar.

À minha amada Leila Martins, que é a luz da minha vida, meu alicerce e inspiração para seguir. Obrigada por me lembrar que amor também é uma forma de revolução.

À Izabel Nascimento e Daniela Bento, que me permitiram ouvir suas histórias, partilhar suas palavras e aprender com cada dimensão das suas trajetórias. São elas as verdadeiras protagonistas deste trabalho.

Aos meus amigos, que tornam essa jornada que é a vida mais leve, mais doce e possível.

A quem me guia, que em momento algum, me deixou só e que sempre abre os caminhos para que eu possa caminhar.

À Rose de 15 anos atrás que ousou acreditar em si mesma, no poder dos estudos e, assim, mudou sua história. Que este trabalho seja sempre um lembrete da sua coragem!

RESUMO

Este trabalho analisa as trajetórias de duas cordelistas sergipanas, Izabel Nascimento e Daniela Bento, destacando, a partir de suas subjetividades, as expressões de resistência político social e as desigualdades de gênero que atravessam suas experiências no campo multifacetado do cordel. O objetivo da pesquisa é compreender as dimensões que emergem das vivências dessas mulheres negras ao ocuparem espaços historicamente dominados por homens, observando de que modo tensionam estruturas hegemônicas e como suas narrativas propõem interseções entre mídia, cordel e poder, visando outras formas de existir, comunicar e resistir. A metodologia está ancorada nos estudos de trajetória e história de vida propostos por Howard S. Becker (1994) e Maria Luiza Nogueira (2017), que priorizam olhar sob os processos de subjetivação e ressignificação a partir de perspectivas individuais que promovem a construção de perspectivas coletivas. Como referencial teórico, adotamos a Teoria do Ponto de Vista inicialmente proposta por Sandra Harding (1991), mas, de forma aprofundada, por Patricia Hill Collins (2019), articulada ao pensamento feminista negro e interseccional de autoras como Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2007), Ochy Curiel (2020), Maria Lugones (2019), Glória Anzaldúa (1987), Audre Lorde (1980), bell hooks (2019) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Para problematizar as dimensões de gênero e comunicação no cordel, trazemos os estudos de Francisca Pereira dos Santos (2020), Ria Lemaire (2017, 2018, 2020), aliados aos de Néstor García Canclini (2019), Maria Gislene Fonseca (2019) e Luiz Antônio Marcuschi (2010), cujas contribuições destacam as estratégias individuais e coletivas das mulheres na produção cultural além de sua função literária, sobretudo na função social, política e comunicacional. Como procedimento de coleta, foram conduzidas entrevistas em profundidade com roteiro previamente estabelecido com base no método Kathy Charmaz (2009), que diz que a estrutura de um roteiro prévio para entrevistas deve ser ampla para acolher a diversidade das experiências, mas também específica o bastante para captar com profundidade o singular de cada participante. Os resultados indicam a potência da autoria feminina no cordel sergipano, atravessando as questões de raça, gênero e sexualidade nas trajetórias de Izabel e Daniela. Além disso, mostram como essas mulheres atuamativamente na ressignificação do fazer cordel, e como se organizam nas redes sociais, utilizando o cordel como instrumento pedagógico, político e identitário. Ao estudar suas trajetórias, a partir dos seus próprios termos, observamos também as múltiplas funções sociais da autoria feminina no cordel, que não apenas transcendem os estigmas historicamente atribuídos à literatura de cordel como “subliteratura”, mas também desafiam os limites impostos à própria legitimidade da escrita de mulheres. Ao se debruçar sobre as perspectivas das cordelistas, compreendemos melhor as interseções entre mídia, cordel e poder como caminho para refletir criticamente sobre as experiências de mulheres em posições de protagonismo e que se unem para tensionar estruturas patriarcais e racistas.

Palavras-chave: autoria feminina; mulheres cordelistas; cordelistas sergipanas; resistência contra-hegemônica; estudo de trajetória.

ABSTRACT

This work analyzes the trajectory of two female cordelists from Sergipe, Izabel Nascimento and Daniela Bento, highlighting, from their own perspectives, the expressions of sociopolitical resistance and the gender inequalities that shape their experiences within the multifaceted field of cordel literature. The research aims to understand the dimensions that emerge from the lived experiences of these Black women as they occupy spaces historically dominated by men, examining how their narratives challenge hegemonic structures and reflect processes of confrontation and transformation. Methodologically, the study is grounded in life history and trajectory approaches proposed by Howard S. Becker (1994) and Maria Luiza Nogueira (2017), which emphasize processes of subjectivation and resignification through individual experiences that foster collective agency. The theoretical framework draws on Patricia Hill Collins' (2019) Standpoint Theory, in dialogue with Black and interseccional feminist thought from authors such as Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2007), Ochy Curiel (2020), Maria Lugones (2019), Gloria Anzaldúa (1987), Audre Lorde (1980), bell hooks (2019), and Chimamanda Ngozi Adichie (2019). To explore the intersections of gender and communication in cordel, we also engage with the works of Francisca Pereira dos Santos (2020), Ria Lemaire (2017, 2018, 2020), Néstor García Canclini (2019), Maria Gislene Fonseca (2019), and Luiz Antônio Marcuschi (2010), whose contributions emphasize the social, political, and communicational roles of women in cultural production. As an empirical strategy, in-depth interviews were conducted using a semi-structured guide inspired by Kathy Charmaz (2009), designed to be "broad enough to cover a wide range of experiences, and narrow enough to elicit and elaborate on the participant's specific experience." The findings reveal the transformative power of female authorship in the Sergipe cordel scene, addressing intersections of race, gender, and sexuality. Moreover, they illustrate how these women actively redefine the practice of cordel, particularly through their engagement with social media and their use of cordel as a pedagogical, political, and identity-based tool. Their narratives transcend stigmas of cordel as a "sub-literature" and resist limitations historically imposed on women's writing. Ultimately, their perspectives illuminate the intersections between media, cordel, and power, offering a critical lens on the collective agency of women in protagonistic roles who come together to challenge patriarchal and racist structures.

Keywords: female authorship; women in cordel; female cordelistas from Sergipe; counter-hegemonic resistance; trajectory study.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Capa do Cordel “A História da Donzela Teodora”.	22
Figura 02 – Capa do cordel Violino do Diabo.	36
Figura 03 – Fotografia Maria das Neves.	36
Figura 04 – Quadro acadêmico dos patronos e ocupantes da ABLC.	38
Figura 05 – Apoio Ana Santana.	40
Figura 06 – Apoio Maria da Penha.	40
Figura 07 – Apoio Monja Coen.	40
Figura 08 – Izabel Nascimento via Instagram em prol da #cordelsemmachismo.	40
Figura 09 – Mesa: Mulheres que escrevem cordel: travessias contemporâneas versus memoriais literários.	43
Figura 11 – "Lives do Movimento": Mostra o protagonismo feminino no Cordel, nas artes e nas redes.	45
Figura 10 – Cordel de quinta: Lançamento virtual do GP a escrita feminina.	45
Figura 12 – Izabel Nascimento lançamento “Sementes de girassois”	68
Figura 13 – Capa e contracapa da I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano.	103
Figura 14 – Lançamento da Comissão Estadual de Gênero para Mulheres Rurais.	106
Figura 15 – Projeto Ecos Decoloniais.	111
Figura 16 – Apresentação REBRAC: Recital de vozes da resistência, Holanda.	122
Figura 17 – Print screen feito pela autora da aba inicial do canal no Youtube de Izabel Nascimento.	125
Figura 18 – Publicação de Izabel: capa do Jornal da Cidade devido ao plágio da obra “Cordel de Whatsapp”.	130
Figura 19 – "Eu escrevi um Cordel com o ChatGPT".	134
Figura 20 – Capa do PodCast Ressaca Poética no Spotify.	137
Figura 21 – Capa premiação Festival Tela Cariri, obra Coisa de Preto.	138

Figura 22 – Reinvenção do Coisa de Preto, primeiro como folheto, depois como livro em aquarela, trend “primeiro você começa, depois você melhora”.	142
Figura 23 – Divulgação roda de conversa sobre identidade, pertencimento e sexualidade.	143
Figura 24 – Divulgação da animação Coisa de Preto. Adaptação do cordel.	143
Figura 25 – Divulgação Mesa de Debate em alusão ao dia da visibilidade lésbica.	144
Figura 26 – #tbt Izabel no Programa Encontro com Fátima Bernardes, homenagem ao Dia Internacional da Mulher.	144
Figura 27 – Novo quadro “Belita” Izabel em quadrinhos.	145
Figura 28 – Carta de Izabel contra o machismo sofrido pelas mulheres do Vale do Paraíba.	145
Figura 29 – Trecho da carta de Izabel contra o machismo sofrido pelas mulheres do Vale do Paraíba.	146
Quadro 01 – Produções e aparições na mídia Izabel Nascimento (2004 - 2025)	53
Quadro 02 – Produções e aparições na mídia Daniela Bento (2004 - 2025)	55
Quadro 03 – Dimensões e camadas extraídas das entrevistas com as cordelistas.	61
Quadro 04 – Temas centrais na I Antologia de Mulheres do Cordel Sergipano.	95
Quadro 05 – Cordelistas sergipanos mencionados nas cinco primeiras páginas do Google.	113
Quadro 06 – Cordelistas citadas ao longo da pesquisa.	160

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASC	Academia Sergipana de Cordel.
EQUIP	Escola Quilombo dos Palmares.
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso.
LGBTQIA+ -	Lesbicas, gays, bissexuais,transgêneros, queers, intersexos, assexuais ou arromânticas e +, que representa outras identidades e orientações sexuais, como pansexuais, demissexuais, não-bináries, entre outras expressões de existência.
SEAGRI	Secretaria de Estado da Agricultura.
ASCOM	Assessoria de comunicação.
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
REBRAC	Rede Europeia de Brasilianistas de Análise Cultural.
ABLC	Academia Brasileira de Literatura de Cordel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01. ENTENDENDO A HISTORIOGRAFIA DO CORDEL SOB OUTRA LENTE	
17	
1.1 Nas trilhas do cordel que atravessam as tecnologias digitais	18
1.2 As vozes que não serão silenciadas: a presença feminina como fundamental para a compreensão da trajetória do cordel.	32
CAPÍTULO 02. PERCURSO METODOLÓGICO	44
2.1 A entrevista: um lugar de escuta, um encontro de trajetórias.	48
2.2 Blocos Temáticos e seus direcionamentos	55
CAPÍTULO 03. ANÁLISE: TRAJETÓRIAS QUE SE DIZEM- AUTODEFINIÇÃO COMO RESISTÊNCIA AO SILENCIAMENTO	57
3.1 O início de tudo: o cordel no seio familiar	64
3.2 Cordel como expressão identitária e de denúncia	79
3.3 Da ausência a evidência: a cordelista ocupa espaços de poder	89
3.4 Cordel e as tecnologias digitais	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO TRATADA - DANIELA BENTO.	148
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO TRATADA - IZABEL NASCIMENTO.	149
APÊNDICE C – MEMORIAL.	150
MEMORIAL	150
Das Neves às Nuvens — Às vozes que não se calam!	150
Quadro 06 – Cordelistas citadas ao longo da pesquisa.	166

INTRODUÇÃO¹

Esse mundo não é bom para uma mulher negra, ainda mais para uma mulher negra que escreve.

NASCIMENTO, Izabel (2024)².

Estudar as trajetórias de mulheres negras é um passo importante para ampliar a compreensão das experiências de corpos historicamente silenciados e subalternizados por uma historiografia construída majoritariamente por homens brancos, acadêmicos, a partir de epistemologias eurocêntricas. No cordel, essa questão ganha uma camada adicional de relevância, uma vez que, por muitos anos, foi relegado à condição de subcultura e subliteratura, desvalorizado tanto nos espaços acadêmicos quanto nos circuitos oficiais da produção literária. Frente a esses cenários de múltiplas exclusões, a historiografia crítica feminista, que tem sido construída ao longo de décadas, tem se dedicado a tensionar as ausências e reivindicar o reconhecimento das autoras de cordel não só escrevendo versos a sombras dos poetas, mas em lugares de protagonismo, escrevendo suas histórias sobre os seus próprios termos.

Neste trabalho, me posiciono como parte integrante de uma engrenagem maior, assumindo o lugar de mestrande em um programa de pós-graduação em Comunicação, ciente de que minha escuta, minha escrita e minha presença também compõem o campo que investigo. Ao trazer para o centro da análise as trajetórias de duas cordelistas negras que ocupam espaços de poder no estado onde nasci, reconheço não apenas o compromisso ético e político dessa escolha, mas a Rôsinha recém aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio, caloura de jornalismo, buscando mulheres escritoras parecidas consigo em que pudesse se inspirar. A inspiração para essa Rôsinha só veio dois anos após sua entrada na UFS, em 2017,

¹Por volta das 07h21min, estava eu sentada navegando nas redes sociais, no dia 29 de maio de 2024, finalizando o roteiro de entrevista para esta dissertação, num momento de descanso, e qual foi minha surpresa: Izabel Nascimento tinha acabado de postar um cordel feito numa experimentação no ChatGPT, com a máxima: “*Este cordel nasce do medo. Mas não do medo de quem escreve versos, e sim, daquele medo histórico que fez com que algumas pessoas, no passado, anunciassem o fim da Literatura de Cordel graças ao surgimento do jornal impresso, depois do rádio, depois da televisão, depois da internet, depois das redes sociais e que agora está em polvorosa com a Inteligência Artificial, sem saber que o/a poeta é na essência, um ser destemido.*” Essa ação da autora só confirmou a pertinência temática do meu trabalho de investigar a potência de duas cordelistas sergipanas dentro do campo da comunicação.

² Trecho retirado da entrevista concedida à autora deste projeto, no dia 28/06/2024.

quando presenciou a fundação da Academia Sergipana de Cordel, a primeira do estado organizada e presidida por uma mulher. Naquele momento, eu ainda pensava sobre qual tema abordar no projeto de conclusão de curso enquanto estagiava no Museu da Gente Sergipana, uma das principais instituições de valorização da cultura local. Foi nesse contexto que conheci Izabel Nascimento e Daniela Bento, as duas cordelistas que hoje protagonizam esta pesquisa. Fui sendo profundamente impactada pelo alcance dos projetos que desenvolviam, tanto na vida de outras mulheres quanto no cenário cultural de Sergipe. Duas mulheres negras, parecidas comigo, que enfrentaram a subalternidade e conquistaram reconhecimento no estado por meio da coletividade e da poesia. Assim, compreendi: é sobre esse fenômeno que pretendo estudar.

Acompanhar de perto o trabalho dessas cordelistas e observar como suas ações promovem inclusão e valorização da mulher no cordel durante o estágio no Museu da Gente despertou em mim o desejo de investigar o teor de suas produções no TCC e, agora, me debruçar com maior profundidade sobre as camadas de suas trajetórias nesta dissertação. O encontro com as sujeitas desta pesquisa, ainda marcado pelas limitações de um trabalho de conclusão de curso, não deixou de ser decisivo. Pelo contrário, pavimentou o caminho que fez surgir as perguntas que guiam esta pesquisa: Em que medida as desigualdades de gênero e raça atravessam as trajetórias de mulheres negras, sergipanas e cordelistas que ocupam espaços de protagonismo e resistência política, social e artística na sociedade? E até que ponto as trajetórias de Izabel e Daniela no cordel, ao ultrapassar os limites do campo literário, se tornam instrumentos contra-hegemônicos de comunicação, denúncia e enfrentamento?

Com o propósito de responder tais questionamentos, o objetivo geral desta dissertação é analisar as trajetórias das duas cordelistas sergipanas, Izabel Nascimento e Daniela Bento, buscando investigar as dimensões que emergem de suas experiências como mulheres negras no cordel e compreender até que ponto essas dimensões tensionam estruturas hegemônicas, incluindo as interseções entre mídia, cordel e poder, visando propor outras formas de existir, comunicar e resistir. Os objetivos específicos incluem: (1) Traçar um panorama da historiografia do cordel, a partir da crítica feminista afim de compreender o contexto político e social em que Izabel e Daniela estão inseridas e o espaço ocupado pela mulher no cordel; (2) Analisar o uso que as duas autoras fazem das tecnologias digitais e das redes sociais como ferramentas de criação de novos formatos de cordel, de circulação das suas obras e de comunicação com seus públicos, além da intervenção cultural em rede; (3) Delimitar quais dimensões afetivas, sociais e políticas que emergem das falas de Izabel e Daniela, a fim de

compreender como essas dimensões se articulam, divergem, se assemelham, e até que ponto desafiam estruturas hegemônicas presentes dentro e fora do cordel.

A escolha pelas trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento não é casual, trata-se de uma decisão que carrega compromissos éticos, políticos e epistêmicos. Focar nas vozes dessas duas cordelistas sergipanas é reconhecer a potência de uma autoria feminina e negra que reconfigura os sentidos do fazer cordel não só em Sergipe, no Brasil e fora dele. Ao analisar suas trajetórias, é possível perceber como o cordel, frequentemente associado a uma maioria masculina, se transforma em espaço de acolhimento, poder, denúncia e construção de subjetividades quando apropriado por mulheres que reivindicam um campo mais plural e diverso. Suas ações e produções extrapolam o campo literário e operam como recursos de mobilização social, memória e afirmação de identidades. Em um país onde as interseções entre raça, gênero e classe estruturam as desigualdades sociais, ouvir e sistematizar essas narrativas é também um gesto de reparação epistêmica, de afirmação de saberes outros. Juntas, Izabel e Daniela constroem novos espaços para autoria de mulheres no cordel: criam academias, propõem enfrentamentos à lógica patriarcal que ainda é viva no cordel, articulam movimentos nacionais, como o Cordel Sem Machismo e a primeira Antologia de Cordel escrita exclusivamente por mulheres e tantos outros projetos que serão explorados ao longo deste trabalho. Vemos que suas ações transcendem o olho a olho e movimentam a cultura popular sergipana também nas redes com o uso das tecnologias digitais na exploração de novos formatos de cordel e em novas formas de alcançar cada vez mais mulheres.

Partindo dos pressupostos descritos acima, esta pesquisa se ancora metodologicamente nos estudos de trajetória e história de vida propostos por Howard S. Becker (1994) e Maria Luiza Nogueira (2017), que priorizam a escuta atenta dos processos de subjetivação e ressignificação a partir de experiências individuais. A partir dessas perspectivas, compreendemos que trajetórias pessoais, como as de Izabel e Daniela, também constroem sentidos coletivos e revelam disputas simbólicas no campo social e cultural. Como referencial teórico, adotamos a Teoria do Ponto de Vista de Patricia Hill Collins (2019), em diálogo com a epistemologia do *Standpoint* de Sandra Harding³, articulada ao pensamento feminista interseccional de autoras como Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2007), Ochy Curiel (2020), Maria Lugones (2019), Gloria Anzaldúa (1987), Audre Lorde (1980), bell

³Patricia Hill Collins expande a teoria de Harding ao inserir a dimensão interseccional de raça, classe e gênero, especialmente no contexto das mulheres negras. No ano de 1991 em *Whose Science? Whose Knowledge? Thinking from Women's Lives*, Sandra Harding inaugura a Teoria do Standpoint, defendendo que os saberes situados a partir das experiências de mulheres podem revelar estruturas ocultas de poder e dominação na produção do conhecimento.

hooks (2019) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Essas autoras fornecem o aporte crítico necessário para compreender como raça, gênero e classe operam de maneira interligada na construção de equidade e na resistência sociopolítica das mulheres negras. Para refletir sobre as dimensões de gênero e comunicação na trajetória das cordelistas, recorremos aos estudos de Francisca Pereira dos Santos (2020) e Ria Lemaire (2017, 2018, 2020), aliados às contribuições de Raquel Recuero (2007), Néstor García Canclini (2019), Maria Gislene Fonseca (2019) e Luiz Antônio Marcuschi (2010). Esses autores destacam as estratégias de ação cultural desenvolvidas por sujeitos historicamente marginalizados, evidenciando o papel político, pedagógico e comunicacional do cordel.

Como procedimento de coleta, foram realizadas entrevistas em profundidade com roteiro previamente estruturado, seguindo os princípios metodológicos de Kathy Charmaz (2009), que propõe a elaboração de perguntas e blocos temáticos construídos a partir da experiência de cada indivíduo participante da entrevista que sejam “suficientemente gerais para abranger uma ampla gama de experiências, e restritos o suficiente para suscitar e elaborar a experiência específica de cada participante”. Além das entrevistas, foi realizado um mergulho analítico nos cordéis das autoras, articulando suas produções às discussões que emergiram das dimensões temáticas identificadas ao longo das entrevistas.

Desse modo, este trabalho nos permite iluminar como as trajetórias de Daniela e Izabel, contadas a partir dos seus próprios termos, revela as múltiplas funções sociais da autoria feminina negra no cordel, que não apenas transcendem os estigmas historicamente atribuídos à literatura de cordel como “subliteratura”, mas também desafiam os limites impostos à própria legitimidade da autoria quando intersecciona gênero e raça. Ao nos debruçarmos sobre as perspectivas dessas cordelistas, é possível compreender com maior profundidade as interseções entre mídia, cordel e poder, e como essas relações operam como caminhos de reflexão crítica sobre a presença de mulheres negras em posições de protagonismo. São trajetórias que, articuladas entre si, tensionam estruturas hegemônicas e propõem formas outras de existir, comunicar e resistir.

Embora já existam pesquisas que evidenciem a potência da atuação de cordelistas no Brasil, ainda são poucas aquelas no campo da Comunicação Social que se voltam ao papel da mulher negra sergipana enquanto escritora de cordel, especialmente em contextos de liderança, uso estratégico das tecnologias digitais e intervenção cultural em rede. Este trabalho, portanto, tem um significado especial para mim, não apenas enquanto pesquisadora, mas enquanto mulher negra e comunicadora que, ao longo da vida, têm buscado compreender

e afirmar sua identidade em um campo historicamente excludente. Esta dissertação é uma continuidade das investigações iniciadas ao longo da minha formação acadêmica, agora com um foco ainda mais direcionado e comprometido com as lutas por justiça social, representatividade e transformação.

No que concerne à estrutura, esta dissertação está organizada em uma introdução, três seções principais, considerações finais e apêndices. O **primeiro capítulo**, “Entendendo a historiografia do cordel sob outra lente” descontina o contexto e a relevância do estudo da autoria de mulheres no cordel sob uma perspectiva crítica e feminista. A proposta é investigar o contexto histórico, político e social em que Izabel Nascimento e Daniela Bento estão inseridas e o espaço ocupado pela mulher no cordel, compreendendo as autoras como sujeitas da pesquisa. Graças aos esforços de pesquisadoras e cordelistas que aparecem no capítulo introdutório desta dissertação, é possível repensar os lugares historicamente destinados às mulheres que fazem cordel. A partir da reconstrução da historiografia do gênero sob uma lente crítica e feminista, é percebido que, embora frequentemente invisibilizadas pelo cânone, as mulheres sempre estiveram presentes, contribuindo ativamente para a construção, transformação e reinvenção desse campo.

Aqui cabe enfatizar que ao longo deste capítulo também vemos o cordel como um campo de disputas, um espaço de relações que são construídas individualmente e coletivamente, instrumento estratégico de contestação e transformação social (Hall, Stuart. 2003), visto que nasceu de uma forma muito particular no nordeste brasileiro, diferente do cordel europeu, aqui ele adquire particularidade de um momento estratégico de tensionamentos e denúncias das camadas populares frente às tensões sociais de seu tempo. A pesquisadora Márcia Abreu (2011) evidencia esse caráter insurgente ao apontar que, nos primeiros anos do século XX, mais da metade dos folhetos impressos trazia “poemas de acontecido”, abordando temas como cangaceirismo, cobrança de impostos, presença de fiscais, custo de vida, baixos salários, seca e exploração dos trabalhadores (Abreu, 2011, p. 74).

Diante desse cenário, este capítulo estabelece as bases para compreender as contribuições e os desafios enfrentados por autoras no cordel. Mais do que oferecer uma visão panorâmica da escrita de mulheres nesse universo, a proposta é evidenciar as disputas históricas que atravessam suas trajetórias e reafirmar o cordel como um espaço possível de resistência sociopolítica e de reinvenção.

O **segundo capítulo** é dedicado ao “Percorso metodológico” do trabalho. Nele, detalhamos o procedimento de análise que se ancora nos estudos de trajetória e história de vida, que valorizam os processos de subjetivação e ressignificação a partir de experiências individuais, compreendendo essas narrativas como formas de construção de sentidos coletivos. Como base teórica, adotamos a perspectiva de Patricia Hill Collins, articulada ao pensamento feminista negro e interseccional que nos oferecem subsídios para compreender as interseções entre raça, gênero e classe nas práticas de autodefinição e autoria de mulheres negras no campo político e cultural. Por fim, abordamos os métodos utilizados para a coleta e detalhamento do caminho analítico.

No **terceiro capítulo**, “Análise: Trajetórias que se dizem - autodefinição como resistência ao silenciamento”, investigamos as trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento a partir de suas próprias narrativas. Buscamos, aqui, compreender como a experiência de ser mulher negra e cordelista atravessa múltiplas dimensões de suas vidas: desde o ambiente familiar até a atuação no campo político, passando pelo uso das tecnologias digitais, o vínculo com o território e a construção de redes nas mídias sociais. Ao reconhecer as entrevistas como espaços de enunciação e construção de saber, este capítulo enfatiza que as vozes de Izabel e Daniela não apenas narram experiências individuais, mas também reconfiguram os sentidos da autoria feminina no cordel sergipano. Assim, o capítulo busca evidenciar como essas trajetórias tensionam estruturas de poder e afirmam a autoria negra no cordel como prática contra-hegemônica. Neste momento, o que está em jogo não é apenas o conteúdo dos relatos, mas quem os enuncia, a partir de quais lugares, com quais marcas e contra quais silêncios.

Na conclusão do texto, sintetizo os principais achados da pesquisa e discuto a potência da autoria feminina no cordel sergipano, as problemáticas atravessadas pelos marcadores sociais de raça, gênero e sexualidade, além disso construo e disponibilizo no Apêndice C o memorial “Das neves às nuvens - Às vozes que não se calam!” com as muitas mulheres, artistas, ativistas, cordelistas que foram citadas ao longo desta dissertação de mestrado. O memorial nasce da necessidade de referenciar, com o cuidado que a memória exige, tantas outras mulheres que, com palavras afiadas, abriram brechas no tempo para que outras também pudessem passar.

Por fim, é preciso dizer que as trajetórias das cordelistas que protagonizam esta pesquisa revelam não apenas a permanência, mas também a força transformadora da presença de mulheres negras no cordel. Mostram como essas autoras atuamativamente na

ressignificação do fazer cordel, ampliando seus usos e sentidos. Seja no corpo a corpo das performances nos saraus, nos coletivos que fundam, ou na ocupação estratégica das redes sociais, suas ações posicionam o cordel como um recurso potente, pedagógico, político e identitário. Ao final, reconhecemos que a escrita dessas mulheres não é apenas produção cultural, é também meio de comunicação potente e vivo, produção de memória, afirmação de subjetividades e enfrentamento dos silêncios históricos que marcaram a autoria negra no Brasil.

CAPÍTULO 01. ENTENDENDO A HISTORIOGRAFIA DO CORDEL SOB OUTRA LENTE

O capítulo que inaugura esta dissertação propõe um retorno à historiografia do cordel brasileiro, sem a lupa do cânone eurocentrado e sob a perspectiva da crítica feminista que contribuiu e ainda contribui para os estudos das trajetórias das poetisas no Brasil. A proposta é investigar o contexto histórico, político e social em que Izabel Nascimento e Daniela Bento estão inseridas e o espaço ocupado pela mulher no cordel, compreendendo as autoras como sujeitas da pesquisa.

Antes de direcionar o olhar para a historiografia do cordel, é válido salientar que nesta dissertação o cordel é visto como um campo interdisciplinar, como já vem sendo proposto por outros/as pesquisadores/as há mais de duas décadas. Nesse sentido, Jacineide Gabriel Arcanjo aponta que:

Um dos pontos mais relevantes acerca da literatura de cordel que destacamos aqui é a sua relação com a perspectiva interdisciplinar. Essa interdisciplinaridade se revela na união de áreas de conhecimento diferentes, tendo como objetivo a construção do conhecimento coletivo a partir do cordel. (Arcanjo, 2012, p.02)

A pesquisadora Manuela Fonseca Santos (2005, p. 86), ao também explorar o caráter interdisciplinar do cordel, revela que "se antes o folheto interessava somente ao público nordestino, hoje ele soube conquistar, em múltiplas perspectivas, o mundo moderno e seduz tanto pesquisadores nacionais quanto internacionais, de diferentes universidades e linhas de estudo." Segundo as professoras Prisciane Pinto, Aldenice Auxiliadora e Rosilene Félix (2023, p.52), "o cordel se manifesta em diversas finalidades, como entretenimento, denúncia, educação e registro". As autoras acrescentam ainda que essa interdisciplinaridade no cordel também "é influenciada pelas condições sociais e políticas do momento histórico em que foram escritos."

Diante dessas perspectivas, ao discutir a interdisciplinaridade no cordel antes de retomar a historiografia crítica feminista, a ideia é compreender até que ponto é possível transcender os limites da "caixinha da literatura", ou seja, romper com uma visão dicotomica e compartmentalizada que cede espaço para um "tradicionalismo" limitante nas pesquisas relacionadas ao cordel, especialmente dentro da academia. Aqui ousamos pensar no cordel além do espaço que ele ocupa no curso de letras, literatura e linguística nas universidades. Propomos o movimento contrário, de ampliar o diálogo para outros campos do conhecimento

como a comunicação e os estudos de gênero e raça, ao investigar as trajetórias de mulheres cordelistas negras no contexto de um programa de pós-graduação em comunicação social.

Desse modo, buscamos responder às perguntas centrais desta pesquisa: Em que medida as desigualdades de gênero e raça atravessam as trajetórias de mulheres negras, sergipanas e cordelistas que ocupam espaços de resistência política, social e artística na sociedade? E até que ponto a poesia de cordel, ao transcender o campo literário, se transforma em um recurso de comunicação, denúncia e enfrentamento na mão destas mulheres que saíram de um lugar de ostracismo para um lugar inaugural de protagonismo?

1.1 Nas trilhas do cordel que atravessam as tecnologias digitais

“Quando criou o Jornal Impresso, quando surgiu o rádio, quando surgiu a televisão, quando surgiu a internet, quando criaram os computadores e as redes sociais. As pessoas ficam praguejando o fim do Cordel. E o mais bonito desse processo inteiro é que o Cordel se transforma ao longo da história. Em um determinado momento, o Cordel vira filme, em outro, o Cordel vira novela, em outro, o Cordel é feito no ChatGPT. Ele segue a trajetória dele”.

– Izabel Nascimento, em entrevista concedida à autora da dissertação no dia 28 de junho de 2024.

Marques e Silva (2020, p. 32) relatam que os primeiros cordéis chegaram ao Brasil por meio dos colonos europeus que [...] desembarcavam na costa brasileira e portavam consigo uma visão particular e eurocentrada do mundo, uma visão que vinha sendo disseminada por meio da literatura de folhetos e que costumava “desenhar o Novo Mundo como uma terra paradisíaca, cheia de criaturas exóticas e de pessoas vivendo ainda à margem do mundo civilizado”.

Essa visão do branco europeu ocidental foi sendo desconstruída ao longo da trajetória do cordel no Brasil, especialmente no Nordeste, onde o cordel ganhou traços da territorialidade e da vida social, econômica e cultural da região. Paul Zumthor (2000) relata que, em solo brasileiro, particularmente no Nordeste, o cordel “incorporou características próprias da realidade local, distanciando-se progressivamente da perspectiva europeia”. No entanto, ainda conforme o autor, em seus primórdios, a literatura de cordel ainda revelava traços de uma memória e de uma oralidade herdadas de tradições distantes, vindas dos trovadores e cantadores.

Essa oralidade, que marcou o início da trajetória do cordel no Brasil, manifestava-se nos poetas que carregavam no corpo e na voz os versos, transmitidos oralmente como um elo

vivo entre o passado e o presente, entre o velho e o novo mundo, no cordel que se reinventava diante das particularidades do povo brasileiro. Nesse período, muito antes do advento do ChatGPT, das redes sociais, da televisão, do rádio, do jornal impresso e mesmo do folheto, a poética do cordel era sustentada exclusivamente pela voz. A voz era o suporte que trazia ritmo e musicalidade, a memória era o meio de registrar e preservar o que era transmitido oralmente. Tanto para o poeta, que inscrevia cada verso no corpo e na voz, quanto para o público, que memorizava os versos para relembrá-los em momentos oportunos. Na peleja da oralidade, Márcia Abreu (1997) aponta que o cordel circulava em feiras e praças públicas do nordeste, onde repentistas, cantadores e cantadoras improvisavam versos ritmados, acompanhados por instrumentos musicais:

Durante o século XIX e início do XX, as cantorias eram recitativos acompanhados ao som de violas ou rabecas em que cantadores batiam-se em desafios e/ou apresentavam composições poéticas - glosas feitas a partir de um mote, descrições da natureza, sátiras, narrativas em versos. Estas apresentações ocorriam em praticamente todos os lugares em que houvesse público - nas feiras, em festas nas fazendas ou engenhos, em residências particulares. Os cantadores poderiam apresentar-se durante toda uma noite sem duelarem, ou seja, cantando apenas seus poemas previamente elaborados, mas, quando batiam-se em desafios, cabia ao vitorioso o direito de cantar suas composições poéticas (Abreu, 1997, p. 129).

Ao investigar as cantorias dos séculos XIX e início do XX examinando a marca da oralidade no cordel brasileiro, Abreu (1997) ainda observa que a publicação dos primeiros folhetos surgiu como uma extensão dessas apresentações orais. Segundo a autora, "o estilo característico dos folhetos parece ter iniciado seu processo de definição neste espaço de oralidade, muito antes que a impressão fosse possível" (Abreu, 1997). Para a autora, o movimento de transição da poética oral para a escrita foi, inicialmente, de transportar o ritmo, a narrativa, a musicalidade e a poética para o suporte de papel a fim de, posteriormente, potencializar a sua distribuição e registro, e não de extinguir a marca da oralidade e das cantorias. Para Abreu (1997), o poeta era aquele que "armazenava no corpo a informação", utilizando a memória como forma de registro. Com o advento da escrita, essa função do corpo foi, em parte, liberada, permitindo novos modos de preservação e transmissão do saber:

Em situações de oralidade, mesmo quando ela é residual, como na cultura nordestina, em que convivem letrados e iletrados, o armazenamento das informações se faz no corpo de poetas. A fixação no papel libera o corpo desta tarefa e incentiva a inovação constante, já que as histórias e os conhecimentos estão definitivamente registrados no papel (Abreu, 1997, p. 129).

Contudo, ao endossar o argumento da fixação e da liberação do corpo do poeta, é importante destacar que Abreu (1997) não desconsidera a dinâmica própria da oralidade, a qual não pode ser completamente "traduzida" completamente para o papel. A oralidade e a escrita são formas distintas de registro, de acesso e de produção de sentidos. A oralidade evoca as nuances da presença, da performance, a fluidez da comunicação, a memória, enquanto a escrita exige uma estrutura fixa, um distanciamento temporal e uma forma diferente de reflexão e recepção do que está sendo lido. Essas diferenças precisam ser reconhecidas, pois cada forma tem suas especificidades e funções no tempo, corpo e espaço, e não há uma transposição direta e completa de uma para a outra.

Sobre esse momento de transição da oralidade para a escrita no contexto do cordel, a pesquisadora Ria Lemaire (2005) demarca no texto *“Donde vindes filha, branca y colorida?” Reflexões em torno do tema mulher e oralidade”*:

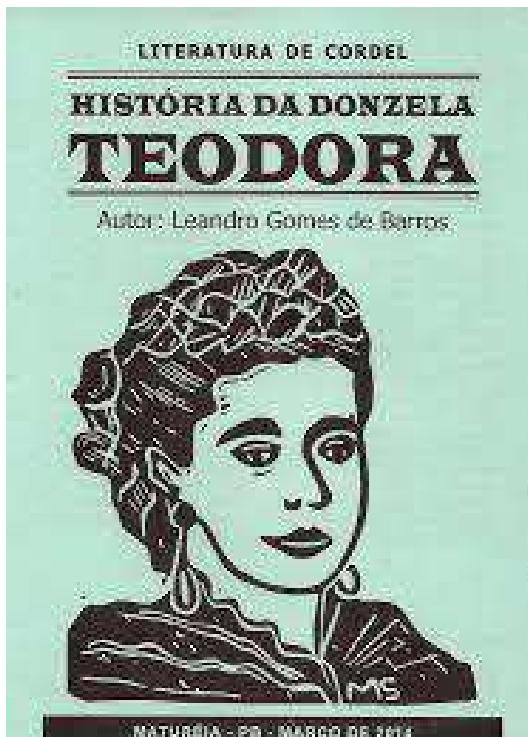
O ato de escrever ainda não era “compor escrevendo” para ser lido em silêncio dos tempos de hoje; é compor mentalmente e transcrever com um objetivo diferente: o texto escrito/impresso é o suporte de uma memorização ao serviço da tradição oral da comunidade, facilitando-lhe a sua transmissão pela voz, no palco, a um auditório, um público que escuta (Lemaire, 2005, p.31).

O cordel, nesse estágio, continuava a ser performático: a escrita servia como uma ferramenta auxiliar para o poeta e para a comunidade, permitindo que os versos fossem decorados, transmitidos e reencenados em praças, feiras e encontros populares. Dessa maneira, a tradição oral encontrava no suporte escrito um aliado estratégico, e não um substituto, garantindo a vitalidade de suas práticas em meio às transformações tecnológicas e sociais da época.

A chegada da tipografia e a impressão do cordel representam, de fato, uma nova forma de fazer e circular o cordel. No entanto, é importante notar que essa transição não elimina a oralidade nem a performance que a acompanha. Ao contrário, a escrita se torna um suporte para a memória e facilita a transmissão do cordel pela voz, mantendo o vínculo com o público. Esse processo implica que, embora o formato escrito permita uma preservação mais ampla e uma circulação mais expansiva, ele também introduz uma estrutura mais formalizada que não existia na oralidade pura. A escrita, assim, não é apenas uma transcrição da oralidade, mas uma nova linguagem com suas próprias regras, possibilidades e limitações, que, em certa medida, altera a maneira como o conteúdo do cordel é produzido, acessado e compreendido. Essa dualidade entre oralidade e escrita na produção do cordel não diminui o valor de nenhuma das formas, mas ressalta as especificidades de cada uma.

Mesmo que não seja possível afirmar com certeza quem foi o primeiro autor ou autora a editar e imprimir os primeiros folhetos de cordel, retomando os estudos de Abreu (1997), a autora relata que Leandro Gomes de Barros é reconhecido na historiografia oficial do cordel como o responsável pela publicação sistemática dos folhetos aqui no Nordeste, tendo produzido o mais antigo folheto impresso de que se tem notícia, datado de 1893, intitulado “História da Donzela Teodora”, que conta a história de uma jovem escrava que consegue, através de sua sabedoria, vencer na vida, ao desvendar enigmas lançados por homens de grande inteligência⁴.

Figura 01 – Capa do Cordel “A História da Donzela Teodora”



*Ela que já era um ente
nascida por excelência
Como quem tivesse vindo
Das entranhas da ciência
Tinha por pai o saber
E por mãe a inteligência.
(Barros, 1893)*

Fonte: Blog Cordelendo⁵.

Na primeira década do século XX, com a transposição da voz para o folheto, como apontam Márcia Abreu (1997) e Ruth Terra (1983), outros autores de relevância também

⁴ A História da Donzela Teodora é um cordel composto por 142 estrofes e 852 versos, divididos em sextilhas com rimas ABCBDB. Disponível em: [Cordelendo: CLÁSSICOS DO CORDEL: HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA \(PARTE I\)](#)

⁵ Disponível em: [Cordelendo: CLÁSSICOS DO CORDEL: HISTÓRIA DA DONZELA TEODORA \(PARTE I\)](#). Acesso em: 02 mar. 2024.

começaram a publicar, como Francisco das Chagas Batista, em 1902, e João Martins de Athayde, em 1908. Nesse período, a professora Ruth Brito Lemos Terra relata que:

Os folhetos eram impressos em tipografias que faziam serviços gráficos diversos. Isto explica em parte serem utilizadas nos folhetos as mesmas ilustrações de outras publicações do período. A partir de 1909 ou 1913 começam a funcionar tipografias de poetas populares, mas só em 1918 é que a impressão de folhetos passa a ser feita quase exclusivamente nestas (Terra, 1983, p.24).

Nesse período, a poesia oral, investigada por Abreu (1997), que circulava apenas por meio da voz dos cordelistas, pôde ultrapassar os limites do corpo do poeta e ganhar o suporte dos folhetos. Conforme demarca a pesquisadora Bruna Paiva Lucena (2010), esta mudança de suporte – da voz para o folheto – só foi possível a partir do surgimento das máquinas tipográfica com a criação da Imprensa Régia⁶ em 1808. Antes disso, a publicação de documentos era censurada pela Corte Portuguesa, que trazia os impressos diretamente de Portugal. (Lídia Lerbach de Souza, 2020).

Sob encomenda dos autores de folhetos, as tipografias dos jornais, ou mesmo as destinadas à produção literária local, realizavam o serviço, como era o caso da Imprensa Industrial e da Livraria Francesa, que publicaram folhetos dos cordelistas, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. (Sodré, 2001)

Ruth Terra (1983, p.24) descreve essas tipografias como pequenas empresas, funcionando nas residências dos poetas, onde os serviços eram desempenhados pela própria família. Segundo a autora, o processo de elaboração dos impressos envolvia poucos equipamentos, tornando a produção mais artesanal.

Nesse momento, outros nomes da literatura brasileira, como Silvio Romero, anunciam a extinção do cordel, alegando que o surgimento dos jornais era o prelúdio do fim do cordel, algo que foi reiterado por outras vozes em anos posteriores que também praguejavam o desaparecimento da poética. O professor Gilmar Carvalho diz:

É pertinente observar que, na atualidade, num mundo dominado pelos meios de comunicação de massa, o cordel teima em persistir. Ao contrário do que preconizava Silvio Romero, a proliferação dos jornais não contribuiu para extinguir a literatura de folhetos, sendo pela interiorização das máquinas que se tornavam obsoletas nos grandes centros que oficinas puderam imprimir a produção popular de poesia. (Carvalho, 1994, p.69)

⁶ Em 13 de maio de 1808, foi criada a Impressão Régia. Até então, era proibido imprimir qualquer livro ou papel no Brasil. Disponível em: [A IMPRENSA RÉGIA. O TARDIO NASCIMENTO DA IMPRENSA BRASILEIRA | Verbum](http://www.verbum.com.br/verbum/2013/05/13/a-imprensa-regia-o-tardio-nascimento-da-imprensa-brasileira/)

Mesmo por meio de um processo lento que descrevia Ruth Terra, ao contrário do que autores como Sílvio Romero praguejava, o cordel foi utilizando os recursos tipográficos como meio para sua difusão e perpetuação. Uma das hipóteses levantadas pela autora é que essa popularização, dentre outros fatores, foi motivada pela ânsia de informações de quem via no cordel um meio de comunicação, que levava à casa dos nordestinos informação e entretenimento. Em sintonia com a autora, Matos (2008) aponta que era costume os folhetos serem lidos, em voz alta, para familiares, vizinhos e amigos pelos poucos que sabiam ler. “Isso era feito nas praças, em sítios e nas feiras, especialmente pelos próprios cordelistas, os quais apresentavam seus poemas a esse leitor/ouvinte comunitário, o povo” (Matos, 2008, p. 76). De acordo com as considerações do trabalho de Matos (2008), é possível refletir que o folheto impresso não era destinado prioritariamente à leitura silenciosa e individualizada, como no modelo de leitura burguês europeu; ao contrário, nas feiras e saraus ele se inseria em práticas coletivas de escuta e performance, o que para Matos (2008) preservou a “dimensão pública e comunitária da palavra” aqui no Brasil.

A leitura em voz alta atualizava o elo entre poeta e público, texto e performance, entre escrita e corpo, mantendo viva a experiência sensorial e afetiva que caracteriza a oralidade. Como recurso de expressão o poeta tinha a voz, e de registro a memória. Nesse processo, o folheto de cordel funcionava não apenas como suporte físico do poema, mas como ponto de encontro, catalisador de sociabilidades entre as classes populares. De acordo com o pesquisador das particularidades do cordel Português e Brasileiro, Arnaldo Saraiva (2011), em palestra proferida em março de 2011, na Universidade Estadual da Paraíba destaca:

O folheto cumpria funções importantíssimas, porque, curiosamente, sempre foi um atrativo para os analfabetos e pessoas com pouca instrução que gostavam de OUVIR as histórias de cordel, ou ver as xilogravuras que ilustram os livretos. Além disso, os impressos também cumprem o papel da distração e com um humor peculiar abordam desde histórias bíblicas, aventuras marítimas, histórias de personagens e heróis de cada localidade, alguns fatos verídicos, outros ficcionais. Conseguia informar e entreter acima de tudo (Saraiva, 2011).

Nessa inclusão de um novo suporte para o cordel, da voz para o folheto de papel jornal, também estava ocorrendo no Brasil a expansão do comércio devido às marcas da Revolução Industrial, ali na transição do século XIX para o XX⁷. Com esse fenômeno surgiu também a necessidade de aumentar o número de gráficas no país, em consequência do maior número de jornais em circulação. A pesquisadora Ruth Terra (1983) em análise ainda diz que

⁷ Disponível em: [A historiografia da industrialização brasileira](#)

a chegada dos trens, impulsionada pela expansão comercial, proporcionou a locomoção dos poetas e dos livretos para pequenas cidades e vilas. Esses indícios revelam, mesmo que ainda timidamente, que os novos fenômenos tecnológicos e comunicacionais em nada contribuíram para o fim do cordel, pelo contrário, facilitaram a disseminação da arte, do seu conteúdo, do que era transmitido. Ao contrário do que apontavam os autores que praguejavam o fim do cordel, o jornalista Ricardo Noblat (1992, p.49) observa que o folheto, na época da revolução tipográfica, representou para a população do interior nordestino “*o jornal, dos que não leem jornais*”. E acrescenta que “o folheto tornou-se um intermediário para um amplo processo de comunicação sem o qual não se completa.” (Noblat, 1992)

É importante destacar que, ao longo da historiografia do cordel, o debate sobre o cordel como meio de comunicação popular tem sido amplamente desenvolvido pelos estudiosos da folkcomunicação desde a década de 1960, quando teorizado por Luiz Beltrão (1960), que contribuiu de forma pioneira para a compreensão da poética como veículo comunicacional entre as camadas mais marginalizadas da sociedade. Através de suas investigações, Beltrão observa como o cordel, ao longo da sua história, funcionou não apenas como expressão artística, mas também como recurso dos “grupos sociais rurais e urbanos, marginalizados social e culturalmente, sem acesso ou representação nos meios de comunicação estabelecidos (imprensa, rádio, televisão)” (Beltrão, 1960).

No artigo *"Almanaque de Cordel: Veículo de Informação e Educação do Povo"*, o autor argumenta sobre a continuidade da função social do cordel com o advento da tipografia. A metáfora que antes associava o líder-comunicador ao verso carregado na voz e no corpo, em sua presença física, passa a se estender também aos folhetos impressos:

Graças à tipografia, muitas vezes ainda de caixa, com caracteres gastos e famílias tipográficas desajustadas, e aos preços manuais, todas as funções educacionais e informativas desses "professores do povo", desses salomões sertanejos e caboclos, estendem-se para além da presença física do líder-comunicador. Eles preenchem, entre as camadas marginalizadas rurais e urbanas, a lacuna deixada pela ausência ou inação do poder público. Não fosse assim, o almanaque de cordel, já teria desaparecido há muito tempo, como praticamente desapareceu no lado de cá, no hemisfério erudito do mundo da Comunicação Social (Beltrão, 1971, p. 11-16).

Essa permanência do cordel como veículo de comunicação popular revela a potência da cultura oral aliada à escrita em contextos de resistência política frente a erudição do campo da comunicação social, principalmente quando o cordel surge como um recurso para preencher lacunas informacionais em comunidades marginalizadas, onde a grande mídia não acessa e não tinha a preocupação em acessar. Para Beltrão (1982), em um cenário de

precariedade informacional, o cordel reafirma seu papel como mediador de conhecimento e formação crítica, preservando sua função social de educar, informar e criar espaços para as experiências e narrativas das classes subalternizadas.

À exemplo, Beltrão (1982) destaca a importância dos almanaque de cordel como meio informativo para orientar a população rural nos períodos de plantio e colheita:

Homens do campo precisam cuidar de suas roças e zelar por seus produtos, atentando para os dias mais favoráveis à plantação, ao corte de madeira, à postura das galinhas e à castração dos animais. Todas essas orientações, entre outras, estão reunidas no almanaque de cordel do poeta Vitorino, entre as páginas 10 e 13 (Vitorino apud Beltrão, 1982, p.10 -13).

O autor complementa: “considerando que 1982 é um ano do ciclo solar, à página 19, após apresentar os prognósticos astrológicos, o professor adverte o agricultor”:

*“Era o provérbio mais certo dos Sábios do Oriente
plantar no mês de janeiro enquanto a terra estiver quente
é comprar fiado a santo porque não cobra da gente.”*

(Almanaque do Cordel, 1982)

O ritmo, a musicalidade, a rima não se perderam no almanaque impresso, pelo contrário, ganhou uma nova dimensão, a do registro musicado como estratégia de memorização. Além de divulgarem cuidados com a alimentação, plantação e orientações para a preservação da saúde do trabalhador do campo, os editores desses folhetos também anunciam produtos de sua própria fabricação. Entre eles, aparecem defumadores, recomendados para aqueles que, nas palavras do líder-comunicador e poeta, “estão recebendo um raio hostil de um planeta maléfico ou a inveja e o mau-olhado em seu progresso”.

Pela ótica de Beltrão (1982), Terra (1983), Abreu (1997) Lemaire (2020) e tantos outros pesquisadores, vemos que o surgimento da tipografia e de novos suportes para o fazer cordel não anulou sua dimensão oral, mas a ampliou, permitindo que as palavras continuassem a circular para além do corpo do poeta, fazendo dos impressos um registro vivo da memória coletiva, ainda cumprindo sua função social entre a comunidade.

Retornando os estudos de Lemaire (2019) na obra “Tradições que se refazem”, para pensar um pouco mais sobre a relação do cordel com os suportes comunicacionais e tecnológicos ao longo do tempo, a autora argumenta:

Quando Gutenberg inventa, em 1453, a imprensa, ela nasce como um instrumento e produto da elite e das pessoas que estão no poder, mas logo os poetas da oralidade se apropriam da nova tecnologia, utilizando-a para imprimir os seus textos cantados e declamados, com o objetivo de vender essas folhas volantes e ganhar dinheiro com a venda. Os textos serão os mesmos, serão cantados ou declamados como sempre, mas ao mesmo tempo a tradição da palavra falada muda, se refaz (Lemaire, 2019, p.06).

A observação de Lemaire evidencia mais uma vez um aspecto crucial dessa discussão: a tradição oral não se extingue com o surgimento da tecnologia, mas se transforma, adaptando-se às novas condições materiais e comunicacionais. No caso da literatura de cordel, a apropriação da tipografia pelos poetas populares não representou uma ruptura da oralidade, mas uma reinvenção da maneira de contar e circular histórias.

Esse processo de reinvenção já nos primórdios sinalizava uma capacidade dinâmica do poeta de cordel de ressignificar suportes e linguagens, mesmo diante das transformações tecnológicas. É possível ir além, e pensar que a tradição oral não apenas sobreviveu à era da escrita e da impressão, como também se recriou nela. A partir de sua reinvenção, a literatura de cordel foi se tornando o "Jornal do Povo", como afirma o pesquisador da historiografia do cordel, Joseph Luyten (1992):

O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino ou mesmo daqueles que, já informados, são adeptos da poesia. É intermediário para um amplo processo de comunicação que, sem ele, em muitos casos, não se completa. Ajuda a integrar à vida nacional comunidades que não foram ainda devidamente atingidas pelos modernos veículos de comunicação. (Luyten, 1992, p. 49)

O autor ainda destaca que o folheto de cordel exerce o papel de meio de acesso à informação. Para Luyten (1983), a forma poética, o ritmo, a musicalidade adotada na hora de fazer cordel facilitava a comunicação e o intercâmbio de informações entre os leitores e ouvintes.

A grande razão deste fato é que as sociedades humanas, quando iletradas, têm como recurso a memória para guardar aquilo que acham importante. Daí a tendência de ordenar toda espécie de mensagens em forma poética. O ritmo das frases, as partes finais ou iniciais semelhantes facilitam a memorização (Luyten, 1983, p. 7).

Em diálogo com o autor, Juliana Rosa (2013, p. 8) aponta que tanto a oralidade quanto, posteriormente, a estrutura simples das narrativas escritas facilitavam a memorização dos relatos e auxiliavam a alfabetização de muitas comunidades. Essa característica do cordel, de combinar linguagem acessível, musicalidade e uma organização narrativa clara, foi decisiva para seu papel como recurso informacional. Em regiões com alto índice de analfabetismo, especialmente nas zonas rurais do Nordeste, o cordel não apenas entreteinha,

mas também introduziu os primeiros contatos com a língua escrita, desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção textual de forma orgânica, fora dos moldes tradicionais.

Dante desses fatores, e acrescido dos conhecimentos e visões de mundo do poeta e do público leitor, que a Literatura de Cordel é escolhida como meio de informação e de lazer. Além de propagar acontecimentos, os folhetos proporcionavam entretenimento através de temáticas ficcionais (Rosa, 2013, p.8).

Partindo do pressuposto de que o cordel se consolidou como um meio de viabilizar o acesso à informação para população, Márcia Maria Rodrigues Lopes, em *Literatura de Cordel: uma forma popular de jornalismo* (2001), defende que:

O folheto tornou-se um rico veículo transmissor do saber e das notícias recentes e, principalmente, objeto de alfabetização de grande parte da população sertaneja, proeza conquistada através do recurso de memorização. Aprendem a ler e escrever com a literatura de cordel para poder inteirar-se dos acontecimentos do mundo [...] (Lopes, 2001, p. 26).

Ao se referir aos "acontecimentos do mundo", Lopes (2001) destaca a dimensão noticiosa presente nos temas narrados nos folhetos. Câmara Cascudo, reconhecido estudioso da cultura popular (1988, apud GALVÃO, 2000, p. 34), já afirmava que os temas abordados pelo cordel eram praticamente inesgotáveis. Dentre eles, sobressaíam-se os acontecimentos políticos, tanto locais quanto nacionais, além de registros de eventos cotidianos, como festas populares, milagres, crimes, disputas eleitorais e lutas no contexto do cangaço. Como exemplo de cordel de cunho noticioso, temos o folheto de Abraão Batista, denunciando erros políticos em “A corrupção no Ceará e a intervenção imprevisível do Governador em Juazeiro do Norte”:

*“Com licença, dos magistrados
de minha terra natal
e a Revolução Brasileira
com seu grande ideal
vou contar outra história
de corrupção desigual.*

*Eu respeito a autoridade
e gosto da democracia
amo esta liberdade
que eu gozo no dia a dia
mas, não tolero a injustiça
crueldade e covardia.*

*Com isso assim
eu não quero acusar a seu ninguém
mas clamo pelo direito
que a Democracia tem
relatando acontecidos
como esses que se vêm.
(...)*

*Disse: denúncias mais graves existem com fundamento
porque só não entende a volta
o burro que for jumento
e quem diz que não estou certo
é porque sofre de fingimento.
Ou com razão ou sem razão
alguém deve esclarecer
como no caso 'Wilson Campos'⁸
aconteça o que acontecer
e por isso aqui termino
e aguardando para ver.*

(Batista, 1975, p.1-16)

De acordo com Lopes (2001), há outros exemplos de cordéis noticiosos na historiografia do cordel brasileiro, como os do poeta Batista, entre eles: “*A renúncia do ex-presidente Dr. Jânio Quadros*”, do cordelista Rodolfo Coelho Cavalcante; “*Debates da guerra entre Bruxe e Sadam Russem*”, também de Abraão Batista, e a “*A gasolina subindo e o povo passando fome*”, do poeta Antônio Lucena de Mossoró. Lopes afirma que a temática sobre políticos era comum:

Durante a década de 40, temas sobre Getúlio Vargas foram muito frequentes e bem recebidos pelos leitores de cordel. Nessa época, em pleno auge do cordel, os temas circunstanciais ganharam muito espaço, devido à popularidade de Getúlio Vargas e sua inteligente maneira de ganhar o apoio da massa (Lopes, 2001, p. 128).

Em consonância com essa perspectiva, o pesquisador Marques de Melo (2008) afirma que o cordel cumpre uma dupla função: é, ao mesmo tempo, uma forma de entretenimento lúdico e também um suporte comunicacional para as camadas populares. Essa capacidade de reinvenção do cordel, especialmente diante dos avanços tecnológicos, pode ser observada ainda hoje. Principalmente nas produções das mulheres cordelistas. Um exemplo significativo

⁸ Em 1º de julho de 1975, o senador Wilson de Queiroz Campos (Arena-PE) teve seu mandato cassado e seus direitos políticos suspensos por dez anos, mediante o AI-5, como resultado do chamado “Caso Moreno”. Neste caso, o empresário Carlos Alberto Menezes entregou ao Senado uma gravação em que o senador Wilson Campos aparecia negociando a liberação de crédito do Bandepe em troca de vantagem indevida.

é a obra de Salete Maria da Silva, que narra, em versos, a história de como o dia 28 de junho se tornou a data de celebração do Dia do Orgulho Gay.

Em seu cordel, a autora aborda as paradas gays, a discriminação e o episódio histórico ocorrido nos Estados Unidos que deu origem a essa celebração anual em prol da diversidade, afirmindo o papel do cordel também como instrumento de denúncia e resistência. Não seria difícil encontrar, em um jornal de grande circulação, como o Globo e tantos outros, uma matéria publicada no dia 28 de junho relatando o surgimento da data que, hoje, reúne milhões de pessoas em diversas metrópoles brasileiras. A cordelista Salete Maria, no entanto, opta por reconstruir essa memória a partir do verso, ampliando o acesso a essas narrativas por meio de uma poética popular e engajada:

*“No vinte e oito de junho
Dia do Orgulho Gay
O mundo dá testemunho
Do que não nasce por lei
É um dia diferente
A rua enche de gente
A marginal vira rei [...]”*

A autora também resgata o contexto histórico do episódio de Stonewall, ocorrido em Nova York em 1969, marco da luta pelos direitos LGBTQIA+:

*“[...] Conte a história, diz Mott
que um tumulto ocorreu
num bairro de Nova York
e muita gente envolveu
Stone Wall era o bar que é a paisana, ao chegar
Polícia enlouqueceu
Ao todo nove soldados
Ali 200 fregueses
Os donos foram algemados
E espancados, por vezes
renderam três travestis
puseram- nos vis-a-vis
trataram- nas como reses [...]”*

Finalizando com exaltação e em celebração à diversidade, Salete Maria reafirma, em seus versos:

*“[...] Esse é o dia de orgulho
de quem sofre opressão
dia de muito barulho
e de grande agitação
de bandeira colorida*

*para celebrar a vida
o amor e a paixão."*

A função contestatória e denunciativa observada nos versos de Salete Maria, assim como nos de outros cordelistas citados até aqui, remonta às origens do cordel nas feiras, praças e saraus populares. Essa característica, no entanto, não se limita ao passado: ela permanece viva em produções mais atuais nas mídias digitais. Com a inserção do cordel nas redes sociais, por exemplo, essa dimensão de denúncia e crítica passa a adquirir novos contornos e novos públicos. Em entrevista concedida à autora desta dissertação, Izabel Nascimento (2024) reflete sobre esse deslocamento e a potencialidade do alcance das redes.

A cordelista que também usa o cordel como recurso de denúncia e as redes sociais como meio de visibilidade, observa:

Hoje se tem acesso a muito mais cordelistas, a muito mais cordéis do que se tinha há 30 anos, 50 anos atrás. Então, nas redes sociais, num clique, eu posso entrar em contato com poetas de todo lugar do Brasil. Eu posso gravar um vídeo e colocar várias pessoas na tela. Eu posso pedir a várias pessoas que me digam o que convém que elas vão dizer.⁹ (Izabel Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora)

Para Izabel, além de ampliar a dimensão da denúncia, o cordel que hoje é feito no ambiente digital ganha outras relações, alarga as possibilidades de colaboração entre cordelistas e públicos em diferentes regiões do Brasil. Refletindo sobre o futuro do gênero, ela questiona: “Como a literatura de cordel vai acabar?” e logo responde: “A literatura de cordel só desaparecerá se silenciarmos as vozes e instituições que possibilitam sua perpetuação.” (Nascimento, 2024, trecho da entrevista)

Se na sua origem aqui no Brasil o cordel ganhou particularidades na peleja da oralidade e depois se popularizou por meio de folhetos, hoje ele pode ser encontrado também impresso em livros; pode estar em formato de áudio ou de audiovisual; pode estar em sites, blogs, páginas da web, redes sociais, no ChatGPT, entre outros. Sob essa perspectiva, o fenômeno da expansão do suporte em que a obra se encontra não alteraria sua essência poética, ainda que altere a sua materialidade, o acesso, a forma de registrar e de fazer cordel. Visto que o cordel ainda é caracterizado por versos, rimas, métricas que emergem da poesia na oralidade, da vivência do sertanejo e, sobretudo, do que fica na memória. Aqui é importante enfatizar que em todos esses suportes, as mulheres cordelistas apresentam obras

⁹ Entrevista completa disponível na seção de apêndice desta dissertação.

relevantes para a construção da literatura de cordel. Em contrapartida, a historiografia oficial não jogou luz sobre elas.

No processo de escrita e construção da sua pesquisa de mestrado, Doralice Queiroz (2006) seleciona um **corpus** de sessenta e três poetisas de cordel, das quais 29 estão no Ceará, 13 na Paraíba, 7 no Rio de Janeiro, 6 na Bahia, 5 no Rio Grande do Norte, 3 em São Paulo. Em Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, a pesquisadora listou 64, com apenas uma cordelista em atividade em cada estado, mas sabemos que existem mais mulheres cordelistas em todas as regiões citadas.

Hoje, várias dessas autoras seguem em plena atividade e são reconhecidas por suas contribuições à literatura de cordel, como Josenir Lacerda, Ivonete Moraes, Doutora Paola, Maria Ilza Bezerra, Dalinha Catunda, Salete Maria, Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha), Josenir Amorim, Jarid Arraes, Julie Oliveira, Anilda Figueiredo, Francisca Oliveira (Mana), Francisca Pereira dos Santos (Fanka), Rivaneide, Edianne, Maria dos Santos, Madalena de Souza, Luiza Campos, Sílvia Matos, Camila Alenquer, Célia Castro, Hélvia Callou, Maria de Fátima Coutinho, Maria Julita Nunes, Maria Piedade Correa, Maria Godelivie, Madu Costa, Cleusa Santo, Rosa Regis, Nilza Dias, Daniela Almeida, Izabel Nascimento e Daniela Bento. Estas autoras estão entre os grandes nomes que dão continuidade à arte de cordelizar. Suas histórias trazem novas dimensões e significados à literatura de cordel e retomam temas que ressignificam fatos importantes na historiografia do gênero, como é visto na obra “Heroínas negras brasileiras”, de Jarid Arraes (2017), na obra “Zumbi dos Palmares em cordel”, de Madu Costa (2013); Coisa de Preto, de Daniela Bento (que agora em 2024 virou uma animação em curta metragem) ou em “Mulheres empoderadas e Mulher-expressão de lutas e conquistas”, ambos da pesquisadora Ivonete Moraes.

Aqui, é importante mencionar que, como modo de subverter as tradicionais formas de referênciação acadêmica e de ampliar o espaço de visibilidade para essas mulheres, optamos por apresentar, em um memorial localizado na seção de apêndices deste trabalho, todas as cordelistas citadas ao longo da dissertação. Esse memorial é composto por quatro partes. A primeira apresenta uma breve trajetória das autoras; a segunda traz um quadro contendo o título de suas principais obras, a região de atuação, a instituição de publicação, o ano e a disponibilidade de acesso. A terceira parte reúne palavras das próprias autoras sobre a importância de manter vivas as narrativas dessas cordelistas. Por fim, o memorial se encerra, não com o objetivo de concluir, mas de abrir caminhos, reafirmando a relevância da preservação e valorização dessas memórias.

Essas obras contemporâneas evidenciam como, hoje, as mulheres, com suas vozes diversas, resgatam temas e personagens que, por muito tempo, foram silenciados ou apagados da historiografia "oficial" do cordel, ampliando o campo de discussões para além do literário. A abordagem de temas como ancestralidade, empoderamento feminino, o uso das tecnologias de informação e comunicação e as lutas antirracistas e contra as opressões de gênero introduzem novos tensionamentos, que, sobretudo, reforçam a importância de investigar a trajetória da mulher autora no cordel a partir de uma compreensão mais ampla e crítica. E é este o movimento que faremos a partir daqui.

1.2 As vozes que não serão silenciadas: a presença feminina como fundamental para a compreensão da trajetória do cordel.

Mulheres narram histórias desde antes da chegada do cordel ao Brasil. Como avós, mães, filhas e netas, compartilham suas trajetórias de geração em geração, transmitindo memórias, conhecimentos e experiências entre si. A professora Margarida da Silveira Corsi ao investigar a escrita feminina e seu impacto na literatura de cordel relata:

Ao amamentar seus filhos as mulheres plantam, no pequeno recém-nascido, a semente do desejo de ouvir a voz que traz ensinamentos, vivências, medos e prazeres. De modo semelhante, as avós contam aos netos aquilo que viveram e que ouviram de seus antepassados, transmitindo histórias e tradições através de canções e histórias de ninar. (Corsi, 2022, p.57)

Seja numa cantiga ou em uma cantoria de cordel, ao som dos repentes, as primeiras histórias narradas emergiram da voz e do imaginário popular não apenas de homens. Transmitidas oralmente de geração em geração, como observa Margarida Corsi, essas histórias narradas por mulheres foram, em algum momento na história, registradas e começaram a circular em forma impressa como apontou no tópico anterior as pesquisadoras Ria Lemaire (2019) e Márcia Abreu (1983).

A participação das mulheres na trajetória de diversas formas de narrar histórias, especificamente no cordel para a finalidade desta pesquisa, não foi um processo imediato e facilmente aceito. Muitas pesquisadoras, incluindo a que escreve esta dissertação, ao investigar a trajetória de mulheres no cordel, ainda se sentem incomodadas com a falta de visibilidade dada às poetisas na historiografia oficial. Não por acaso, em algum momento do desenvolvimento das nossas pesquisas, nos questionamos: "Quais espaços ocupam as

mulheres na historiografia do cordel?" Os versos de Salete Maria¹⁰, "Mulher também faz cordel", traz esta inquietação ao tensionar à hegemonia masculina no cordel:

*"O folheto de cordel
Que o povo tanto aprecia
Do singelo menestrel
À mais nobre academia
Do macho foi monopólio
Do europeu foi espólio
Do nordestino alforria [...]"*

*A mulher não se atrevia
Nesse campo transitar
Por isso não produzia
Vivia para seu lar
Era o homem maioral
Vivia ele, afinal
Para o mundo desbravar [...]"*

*Nas cantigas de ninar
Na contação de história
Tava a negra a rezar
A velha e sua memória
Porém disso não passava
Nada ela registrava
Pra sua fama e glória."*
(Salete Maria, 2005)¹¹

Essa realidade narrada por Salete Maria não se restringe ao universo do cordel, mas reflete também uma condição presente nas sociedades capitalistas (Silva Federici, 2019) e em

¹⁰ Salete Maria é uma importante cordelista feminista brasileira, autora do primeiro cordel feminista intitulado "Mulher-consciência, nem violência e nem opressão", publicado em 1994. Disponível em: [Salete Maria - Cordelirando...](http://cordelirando.blogspot.com/2008/08/mulher-tambm-faz-cordel.html)

¹¹ Versos disponíveis em: <http://cordelirando.blogspot.com/2008/08/mulher-tambm-faz-cordel.html>

sua historiografia. Ela resulta de uma estrutura que molda e valoriza o conhecimento (Ria Lemaire, 2017; 2018), um saber eurocêntrico, masculinizado, branco e heterossexual, que na contemporaneidade, vem sendo criticado a partir de uma perspectiva feminista e interseccional.

Hoje, graças aos esforços de pesquisadoras e cordelistas como Izabel Nascimento, Daniela Bento, Ria Lemaire, Francisca Pereira dos Santos, Miriam Melo, Salete Maria, Rosilene Felix e tantas outras que foram e ainda serão citadas nesta dissertação, é possível repensar os lugares ocupados por mulheres no cordel. Com a reconstrução da historiografia do cordel sob uma perspectiva crítica feminista, percebemos que, embora invisibilizadas pelo cânone, as mulheres sempre estiveram presentes na literatura de cordel, contribuindo para a construção e reinvenção desse cenário.

Ao longo de 20 anos de pesquisa, a professora Francisca Pereira dos Santos construiu, em suas próprias palavras “as bases para uma nova historiografia do cordel”, no trabalho intitulado por “Livro delas – catálogo de mulheres autoras no cordel e na cantoria nordestina” Francisca faz um movimento de reivindicação, fazendo ecoar as vozes que antes foram silenciadas dentro de um universo marcadamente masculino.

A autora, desafiando a historiografia convencional do cordel, afirma:

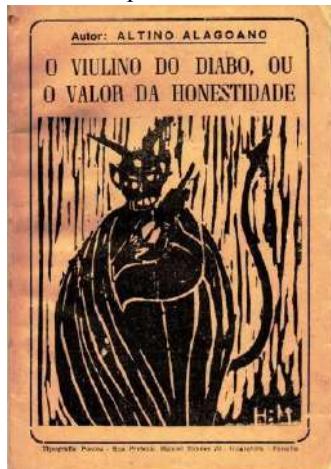
Se a história convencional ensina que as mulheres não atuavam nessa área, esse percurso da pesquisa mostra justamente o contrário: as mulheres sempre existiram como produtoras de uma poética da voz e, quando emergiu o sistema editorial do folheto, elas também publicaram, mesmo com pseudônimo masculino.(Santos, 2020, p. 219).

Nesse trabalho, foram reunidas evidências documentais e provas secundárias que mostram a participação feminina na criação do cordel desde suas origens, não somente a partir da assinatura dos folhetos. Francisca Santos (2020) afirma:

Primeiramente: os próprios folhetos, os CDs de repentistas, fotografias, cartas, álbuns, xilogravuras e desenhos para a capa dos cordéis. Em seguida, as provas secundárias, tais como teses, dissertações, livros, entre outras publicações. Todas essas provas estão presentes ao longo do catálogo que relata o caminho da minha pesquisa (Santos, 2020. p.221).

Mesmo que muitas vezes "nos bastidores", impedida de receber protagonismo, a voz feminina sempre esteve presente no universo do cordel. Mulheres têm demonstrado atuação ativa nesse campo, como evidenciam os estudos de Francisca Santos.

Figura 02 – Capa do cordel Violino do Diabo.



Fonte: Repositório Rui Barbosa de Informações Culturais¹³.

Figura 03 – Fotografia Maria das Neves.



Fonte: Paraíba Criativa¹².

Fanka (2020) por meio de profunda investigação fundamenta ainda mais essa nova historiografia, não apenas revelando vozes anteriormente abafadas, mas também abrindo mais espaço para outros estudos sobre as presenças e trajetórias das mulheres na literatura de cordel. Alguns anos antes, a pesquisadora Miriam Melo (2006) com a tese “Cordel de Saia”, que em muitos momentos serviu como bússola para esta dissertação, também refletiu sobre como, sob as “máscaras de sua época”, as mulheres inicialmente enfrentaram o silenciamento e a exclusão como autoras na historiografia oficial do cordel. Para a autora, esta situação era um espelho de uma sociedade que confinava as mulheres a papéis secundários, longe de qualquer espaço de destaque. Melo enfatiza que:

No que diz respeito à autoria feminina no universo literário do cordel, notamos que a sua pequena incidência também é fruto desse cenário social excluente que, não apenas no âmbito cultural popular, restringiu as mulheres a ocupações que as direcionavam para lugares marginais da sociedade sendo, na maioria das vezes, coadjuvantes de uma história construída sob o domínio masculino (Melo, 2006, p. 34-35).

Se inicialmente a mulher cordelista enfrentava desafios por estar inserida em uma sociedade dominada pelo patriarcado, que a excluía e limitava suas oportunidades, posteriormente, ela também enfrentava dificuldades por se dedicar ao cordel, que na época era visto como uma forma inferior de escrita. Retomando os estudos da professora Francisca, ela aponta que uma elite crítica e intelectual empenhou-se em definir padrões e legitimar certas obras e autores do cordel brasileiro, enquanto muitos outros, incluindo as mulheres cordelistas, eram arbitrariamente ignorados.

¹² Disponível em: [Maria das Neves Baptista Pimentel - Paraíba Criativa](#). Acesso em: 20 mar. 2024.

¹³ Disponível em: [O violino do diabo, ou, O valor da honestidade](#). Acesso em: 20 mar.

Segundo Santos, esse discurso erudito visava legitimar determinadas normas ditas de excelência para as publicações. Nesse cenário de construção de um cânone patriarcal, as mulheres foram sendo marginalizadas. Como bem observa a professora Francisca Santos (2006), o espaço concedido às mulheres no cordel era duplamente prejudicado:

A exclusão das mulheres no interior da literatura de cordel se constitui tanto pelo aspecto do gênero – o fato de ser mulher num universo marcadamente masculino, como, por estar falando de um lugar historicamente deixado em segundo plano, o campo da cultura popular, marginalizado por uma “literatura oficial - a do cânone. (Santos, 2006. p.185)

Essa exclusão, primeiramente, revela a antiga dicotomia entre os gêneros, que posiciona a mulher em um patamar de subordinação. Em segundo lugar, no que concerne à subordinação da cultura popular em contraste com a cultura erudita, o cânone. Vanusa Mascarenhas Santos (2009), em seu estudo sobre as estratégias de (in)visibilidade feminina no cordel, reflete:

O quanto a sociedade e as relações patriarcais estavam impregnadas do contexto e do imaginário das pessoas que julgavam melhor os folhetos de autoria masculina [...] Por esses motivos, e por outros que ainda não se pode afirmar, a identidade de gênero tenha sido negada, submetendo as mulheres às máscaras de seu tempo [...] Assinando como homem, ninguém poderia descobrir que aquela mulher, mãe de família, pudesse escrever e publicar seus versos para serem vendidos nas grandes feiras daquele período (Mascarenhas, 2009, p. 162-164)

A autora complementa trazendo dados interessantes sobre o apagamento da autoria feminina no cenário do cordel nacional retirados da própria Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Na época em que a pesquisadora realizou o levantamento, em fevereiro de 2009, dos 27 poetas apresentados como os grandes cordelistas dos séculos XX e XXI, todos eram homens. Não é preciso ir tão longe para encontrar outros resquícios de tal apagamento, ainda hoje (11/2024), mesmo com os esforços das pesquisadoras, no quadro acadêmico da ABLC o cenário não é tão diferente. Em uma breve revisita ao site da Academia, foi observado que das 40 dos patronos homenageados pela instituição, 34 são ocupadas por homens e apenas 06 por mulheres, como representado na imagem abaixo retirada do site oficial da ABLC.

Figura 04 – Quadro acadêmico dos patronos e ocupantes da ABLC.

Cadeira – Patrono	Ocupante
1 – Leandro Gomes de Barros	Marlos de Herval
2 – José Pedro de Barros	Gilmar Santana Ferreira
3 – Firmino Teixeira do Amaral	Maria Anilda
4 – Apolônio Alves dos Santos	Moreira de Acopilara
5 – José Carmelo	Medeiros Braga
6 – Guerra Vascourado	Sepalo Campelo
7 – João Martins de Athayde	Marcus Lucenna
8 – Sebastião Nunes Batista	Beto Brito
9 – Luiz da Costa Pinheiro	Olegário Alfredo
10 – Catulo Cearense	Tião Simpatia
11 – José Pacheco	Kleverson Viana
12 – Francisco das Chagas Batista	Téo Azevedo
13 – Delarmino Monteiro	José Guilherme Teles
14 – Pacífico Pacato Cordeiro Manso	William José Gomes Pinto
15 – Petativa do Assaré	Antônio Francisco T. de Melo
16 – Veríssimo de Melo	Alba Helena Corrêa
17 – Sílvio Piraú	Manoel Santamaria
18 – José Bernardo da Silva	Maria Rosário Pinto
19 – Leonardo Mota	Guaiquara Viera
20 – Manoel D’Almeida Filho	João Dantas
21 – Joaquim Batista de Sena	José Walter Pires
22 – Antônio Batista Guedes	Antônio Ribeiro da Conceição (Bule Bule)
23 – Capistrano de Abreu	Maria Izá Bezerra
24 – Francisco Sales Areia	José Maria do Nascimento
25 – Juvenal Galeno	Maria de Lourdes Aragão Catunda
26 – Luís da Câmara Cascudo	Crispiniano Neto
27 – Severino Milanés	Victor Alvin Garcia
28 – Caetano Cosme da Silva	João Batista de Melo
29 – Manoel Caboclo da Silva	Almir Gusmão
30 – José Galdino da Silva Duda	Cícero Pedro de Assis
31 – Umberto Peregrino	Ivamberto Albuquerque Oliveira
32 – José da Luz	Cícero do Maranhão
33 – Rodolfo Coelho Cavalcante	Dideus Sales
34 – Manoel Camilo dos Santos	Luiz Nunes Alves (Severino Sortanejo)
35 – Expedito Sebastião da Silva	Gustavo Dourado
36 – Manoel Pereira Sobrinho	Sávio Pinheiro
37 – José Soares	Josémir Lacerda
38 – Manoel Monteiro	Paola Torres
39 – Sebastião do Nascimento	João Lucas Evangelista
40 – João Melquiades Ferreira	Zé Salvador

Fonte: Academia Brasileira de Literatura de Cordel¹⁴.

A ausência de mulheres no cordel dos séculos XIX e XX, já desmistificada por Fanka Santos (2020) pode, para alguns pesquisadores, ainda servir como "justificativa" para o apagamento das poetisas, mas essa explicação não se sustenta no século subsequente. À quem interessa as tentativas de silenciamento das mulheres no cordel em pleno século XXI?

Em 2020, a cordelista sergipana Izabel Nascimento, durante o evento virtual "III Encontro de Cordelistas da Paraíba", abordou o tema "O cordel como recurso de transformação social" e, na ocasião, cobrou dos escritores do gênero que abandonassem o tom muitas vezes machista, racista e homofóbico. Sem citar nomes, Izabel projetou sua voz durante o evento e enfatizou: "A vida está nos pedindo isso, UMA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL no cordel a passos largos" (Nascimento apud Escóssia, 2020). Logo em seguida, a cordelista denunciou o machismo persistente no meio cordelista: "Se formos falar do cordel feminino, os cordelistas ficam achando que queremos tocar fogo nos livros deles. Se formos

¹⁴ Disponível em: [Institucional - Academia Brasileira De Literatura De Cordel \(ablc.com.br\) Acesso em: 18 mai. 2024.](http://Institucional - Academia Brasileira De Literatura De Cordel (ablc.com.br) Acesso em: 18 mai. 2024.)

falar em literatura feminista, acham que queremos tocar fogo neles" (Nascimento apud Escóssia, 2020).

A fala de Izabel gerou uma evidente inquietação entre os homens que acompanhavam o evento, resultando em comentários e tentativas de silenciamento, tanto durante a transmissão, quanto posteriormente, em redes sociais, onde a cordelista tem um trabalho ativo até hoje. Após o evento, Izabel foi alvo de ataques e acusações de fomentar desavenças no meio. Para desqualificá-la, alguns poetas passaram a questionar suas produções e até mesmo sua vida pessoal. Em resposta às afrontas sofridas por Izabel, outras mulheres do cordel, através de um forte movimento nas redes sociais que ganhou alcance nacional e apoiadoras como Maria da Penha, se mobilizaram em sua defesa e contra o machismo. Em entrevista ao *Diário do Nordeste*, Izabel declarou:

Não foi a primeira vez em que apresentei o tema numa palestra, e isso sempre incomodou muitos homens, especialmente os que praticam atos machistas. É fato que não sou a primeira mulher a sofrer por conta desse problema. No entanto, foi a primeira vez também que um grupo de mulheres se reuniu e resolveu organizar um movimento de denúncia e enfrentamento ao machismo no cordel e de ação em defesa de todas as mulheres cordelistas" (Nascimento apud Barbosa, 2020).

O “Movimento Cordel sem Machismo” nasceu online, reunindo mais de mil mulheres em coletivos que ecoaram suas vozes por todo o país por meio das redes sociais. Além de reivindicar visibilidade, as poetisas lutaram por reconhecimento como artistas do verbo. Assim como outros históricos movimentos feministas, o “Movimento Cordel sem Machismo” emerge com força e se inscreve na trajetória de lutas dessas mulheres por equidade.

Figura 05 – Apoio Ana Santana.



Fonte: Instagram @izabel.cordel¹⁵.

Figura 06 – Apoio Maria da Penha.



Fonte: Instagram @izabel.cordel.¹⁶

¹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CDTr5Hth5ZG/?img_index=2. Acesso em 19 jun. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDFO4P3hCVa/>. Acesso em 19 jun. 2024.

Figura 07 – Apoio Monja Coen.

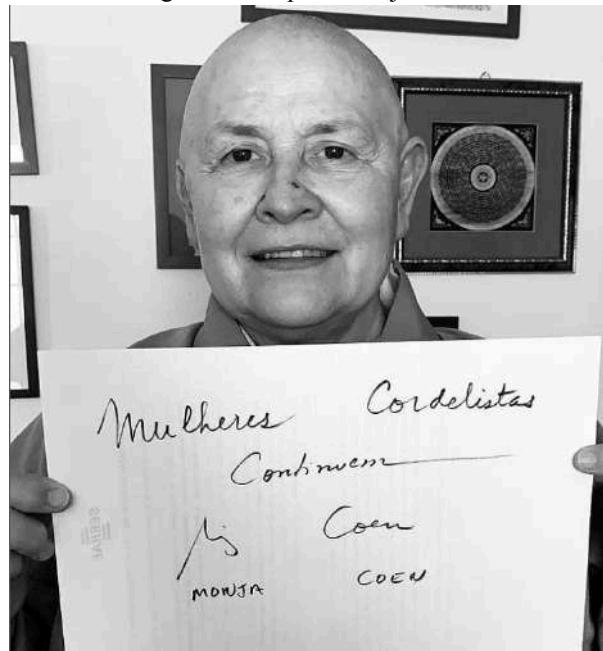
Fonte: Instagram @izabel.cordel¹⁷.

Figura 08 – Izabel Nascimento via Instagram em prol da #cordelsemmachismo.

Fonte: Instagram @izabel.cordel¹⁸.

Ao refletir sobre os movimentos que encontram espaço na internet na contemporaneidade, Néstor García Canclini (2019) aponta que as redes sociais prometem criar horizontalidade e participação, produzindo movimentos intensos, como se observa no caso do **#CORDELSEMMACHISMO**. Segundo o autor, “a descidadanização se radicaliza, enquanto alguns setores se reinventam e ganham batalhas parciais: pelos direitos humanos, pela equidade de gênero, contra a destruição ecológica, etc.” (Canclini, 2019). Nesse contexto, as conexões que surgem no universo das redes emergem em articulação às lutas e

¹⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CC6_9FXh2AH/. Acesso em 19 jun. 2024.

¹⁸ Disponível em: [Somos muitas](#). Acesso em 19 jun. 2024.

tensionamentos. Nesta perspectiva, ao pensar a força de movimentos nas redes sociais como o **#CORDELSEMMACHISMO** e com base no artigo *"Redes sociais na internet: desafios à pesquisa"*, de Sonia Aguiar, apresentado no XXX Congresso da Intercom (2007), é visto que:

As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc – caracterizam as redes sociais informais, que surgem espontaneamente, sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das identidades. Mas redes sociais também podem ser constituídas de forma intencional, como indica o verbo *to network* (de difícil tradução para o português. Ou seja, podem ser fomentadas por indivíduos ou grupos com poder de liderança, que articulam pessoas em torno de interesses, projetos e/ou objetivos comuns. (Aguiar, 2007, p.2-3)

Em sintonia com a professora Sônia Aguiar é possível compreender que as redes sociais não se restringem às suas estruturas e funcionalidades técnicas, mas são constituídas por relações humanas atravessadas por afetividades, subjetividades, desafios e múltiplas formas de interação entre os atores envolvidos. Aguiar (2007) também nos ajuda a entender que a diferença fundamental das relações em rede, em comparação com outras formas de sociabilidade institucionalizadas, é que, antes mesmo do advento das plataformas tecnológicas, essas relações já se orientavam por interesses coletivos, geralmente impulsionadas por sentimentos de solidariedade e cooperação voltados a fins estratégicos. Esse é precisamente o caso do movimento **#CORDELSEMMACHISMO**, que nasceu no offline, mas sua rápida expansão se deve ao alcance e à acessibilidade proporcionados pelas redes digitais.

Sob a perspectiva feminista, a pesquisadora Dulcilei da Conceição Lima (2019), em *O Feminismo Negro na Era dos Ativismos Digitais*, destaca que, no contexto da disseminação do feminismo negro, houve uma “ampliação significativa no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como recursos estratégicos para a atuação dos feminismos contemporâneos – ou novos feminismos”. Nesse sentido, os movimentos que emergem das interações nas redes sociais se caracterizam na visão da pesquisadora Dulcilei da Conceição pela horizontalidade dos discursos, pela pluralidade e heterogeneidade das práticas. A pesquisadora complementa:

Nesse sentido, a Web 2.0 desempenhou um papel essencial na criação e consolidação de redes entre coletivos e organizações feministas, possibilitando o surgimento de novos grupos e iniciativas. Plataformas como Twitter, Facebook, Instagram, YouTube e blogs independentes tornaram-se espaços fundamentais para a articulação e difusão de pautas feministas negras. (Lima, 2019, p.49)

Partindo da força do ativismo de mulheres negras nas redes sociais e da mobilização de pautas identitárias na contestação de estruturas hegemônicas, é observada novamente a

força de movimentos como **#OCORDELSEMMACHISMO**, que evidenciou o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação em prol das reivindicações feministas no campo da cultura popular. À exemplo, ao pensar a representatividade racial no cinema no artigo “*#OscarsSoWhite? A (falta de) representatividade racial na maior noite do cinema mundial*”, as pesquisadoras Aianne Amado e Renata Malta (2023) analisam o movimento **#OscarsSoWhite** (Oscars são tão brancos, em tradução livre), que assim como o movimento **#CORDELSEMMACHISMO**, revelou o impacto das redes sociais na pressão por mudanças estruturais nas formas que as mulheres negras eram representadas e, muitas vezes, silenciadas por instituições culturais. A hashtag **#OscarsSoWhite** ganhou notoriedade no Twitter ao denunciar a ausência de diversidade racial no Oscar, tornando-se um símbolo da luta contra a exclusão de artistas negros na premiação e da busca por mais pluralidade em espaços hegêmonicos.

As autoras demarcam:

A busca por diversidade jamais deve se restringir a estatísticas quantificáveis. Se o cinema de fato se propõe a incluir identidades dissidentes (ou marginalizadas socialmente), é preciso uma política muito mais ampla que conte a pluralidade de representações. Não se trata de um discurso crítico voltado às representações que buscam problematizar o racismo, afinal, reconhecemos a importância das mesmas para o debate e para a reflexão acerca de uma história vivida e inacabada. Questionamos, sim, sua totalidade. Apesar do racismo e sexismos enfrentados pelas mulheres negras, essas também possuem (e têm o direito de possuir) uma vivência que transborda o sofrimento socialmente imposto por marcadores de raça e gênero, e essas histórias também carecem de representação. (Amado e Malta, 2023, p.19)

É reconhecido aqui que a simples ampliação quantitativa da representatividade impulsionada pela pressão nas redes sociais e outros espaços midiáticos não é suficiente para promover mudanças estruturais no Oscar ou no Cordel. Devemos ir além: o verdadeiro desafio não reside apenas na inclusão de grupos historicamente marginalizados, mas na construção de narrativas que os representem de forma complexa, diversa e livre de estereótipos que perpetuem desigualdades. Nesse contexto, ao narrar sua própria trajetória, o que a mulher negra cordelista comunica? Qual a força do que ela traz à tona?

Retomando o movimento **#CORDELSEMMACHISMO** e a força dos movimentos nas redes sociais proposta por Recuero (2007), Lima (2019), Amado e Malta (2023), Izabel Nascimento (em entrevista) ressalta que o crescimento do movimento foi possibilitado justamente pelas conexões e aproximações proporcionadas pelas redes sociais, que garantiram ampla visibilidade e alcançaram muitas mulheres em um curto espaço de tempo. Na época, a página @cordelsemachismo no Instagram publicou imagens de 86 poetisas com as hashtags

#SomosMuitas e #CORDELSEMMACHISMO, e mais de 100 poetisas republicaram em seus próprios perfis, de acordo com Izabel. Além das figuras já conhecidas, outras mulheres, anônimas ou não, também aderiram ao movimento, postando imagens com o slogan “Mulheres Cordelistas, continuem”.

Movimentos como o Cordel Sem Machismo e sua repercussão apontam como as redes sociais têm sido um lugar de organização e resistência ao silenciamento para mulheres como Izabel e Daniela, sujeitas desta pesquisa. Em busca de novos espaços para suas produções e pautas, as cordelistas se organizam politicamente para reagir ao apagamento histórico de suas contribuições à literatura de cordel. Elas se reúnem em grupos e associações, mas também informalmente, pensando em produtos, eventos e ações políticas de mobilização. Alguns deles vemos nas figuras abaixo.

Figura 09 – Mesa: Mulheres que escrevem cordel: travessias contemporâneas versus memoricídios literários.



Fonte: Instagram @daniela.poeta¹⁹.

Figura 10 – Cordel de quinta: Lançamento virtual do GP a escrita feminina.



¹⁹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CpgxLcXtyL9/> Acesso em 21 ago. 2024.

Fonte: Instagram @izabel.cordel²⁰.

Figura 11 –"Lives do Movimento": Mostra o protagonismo feminino no Cordel, nas artes e nas redes.



Fonte: Instagram @izabel.cordel²¹.

A hipótese aqui apresentada é que movimentos como **#CORDELSEMACHISMO** têm encontrado nas redes sociais um espaço de permanência, e a partir deste espaço, as cordelistas e apoiadores evocam um cordel menos excludente, especialmente no que tange à inserção e à valorização da autoria feminina. Caso o cordel se torne anacrônico e perca seu valor de uso social, então, ele não terá mais motivo para existir, como afirma Izabel Nascimento (2024) em entrevista concedida à autora, “Talvez ele morra pelo que se abandona”.

E é por caminhos alicerçados nas discussões de gênero e raça no cordel que se vê possibilidades de rompimento mais evidente: essa que os poetas tradicionalistas e os que se pregam progressistas tentam apagar. Por meio da produção de mulheres que vêm questionando e “oferecendo condições de continuidade, não pelas vias de suporte ou de formato, mas pela dimensão política de resistência que o cordel oferece”. (Maria Gislene Fonseca, 2019)

Passados mais de oitenta anos desde que Maria das Neves assinou, através de pseudônimo, o primeiro cordel de autoria feminina, ainda observamos cordelistas lutando por espaços de reconhecimento e voz. Ao refletir sobre as trajetórias de mulheres como Izabel Nascimento e Daniela Bento, vemos: a autoria feminina no cordel apesar de ainda enfrentar tais desafios, ocupa novos espaços, espaços de protagonismo e referência, surgindo como resistência política, social e artística, extrapolando o universo do cordel e propondo uma

²⁰Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHNKWxcBkSi/>. Acesso em 21 ago. 2024

²¹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEE9g/>. Acesso em 21 ago. 2024

maneira viável de retomar a voz da mulher no campo e reequilibrar o cenário de silenciamento e ostracismo imposto as poetisas ao longo dos anos, a partir da reinvenção e democratização do fazer cordel.

CAPÍTULO 02. PERCURSO METODOLÓGICO

No que diz respeito à amplitude interpretativa dos estudos de trajetória que atravessa a interdisciplinaridade da comunicação e do cordel, a abordagem se revela como um convite à exploração e ao diálogo sobre as disputas e interseccionalidades que permeiam ambos os cenários, incitando pesquisadoras e pesquisadores a se envolverem em um contínuo processo de reflexão e construção de novas dimensões e significados a partir de suas pesquisas. Nesta seção, dedicada aos caminhos metodológicos que guiaram esta dissertação, serão detalhados os caminhos de investigação, coleta e análise para compreender a amplitude das trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento.

Primeiro, discutiremos os conceitos fundamentais que embasam a pesquisa. Em seguida, descreveremos a estratégia de busca e coleta de dados, separação das dimensões e o método adotado para análise dos resultados. Na etapa de análise, abordaremos a interpretação das dimensões que emergiram das falas das autoras à luz dos conceitos de ponto de vista e autodefinição de Patricia Hill Collins e do feminismo interseccional, aplicado às particularidades de duas mulheres negras que fazem cordel de forma disruptiva em território sergipano.

A história de vida, como método de pesquisa, tem suas raízes na Escola de Chicago na década de 1920²², consolidando-se como um caminho para investigar as experiências humanas em profundidade. Diferentemente de abordagens meramente descritivas, essa metodologia permite atravessar contextos sociais, históricos, políticos e culturais, sempre a partir da perspectiva dos sujeitos. Mais do que um registro linear de eventos, os relatos de vida são compreendidos como reinterpretações das relações de poder e das ideologias que moldam as experiências dos sujeitos, que, em certa medida, nos oferecem uma visão dinâmica, sensível, e ao mesmo tempo, plural da realidade.

Nesse sentido, a pesquisadora Maria Luiza Nogueira (2017) ressalta que a dimensão

²² A metodologia da história de vida, segundo estudiosos que se dedicaram ao tema (Bertaux, 1999 [1980]: 1, 1997: 7; Becker 1986: 105), teria surgido nas Ciências Sociais na década de 1920, com os estudos da chamada “Escola de Chicago”. Disponível em: <https://bit.ly/4kjWFJw>.

subjetiva das histórias de vida possibilita transcender *os regimes de verdade*²³, ou seja, evidenciando como as narrativas individuais se entrelaçam a estruturas sociais mais amplas, desafiando as instâncias estabelecidas na sociedade que distingue os enunciados verdadeiros dos falsos. Para a autora, o estudo de trajetórias, portanto, não se restringe à coleta de dados objetivos, mas opera a partir da subjetividade do mundo que perpassa não só as participantes da pesquisa, como também a pesquisadora. Ainda enfatiza a pesquisadora Maria Luiza Nogueira, é por meio dessa relação de confiança que o sujeito se sente confortável em compartilhar sua trajetória, situando sua vivência no tempo e no espaço.

A pesquisa com histórias de vida é, assim, um processo de construção de conhecimento a partir da relação específica entre dois atores: pesquisador e sujeito pesquisado, pelo pesquisador, como método que pressupõe a existência de vínculo; pelo sujeito, participante da pesquisa que narra sua história, num dado momento de sua vida (Nogueira, 2017, p.468).

Partindo desse pressuposto, a riqueza em estudar histórias de vida neste trabalho se apresenta não apenas em captar eventos e memórias de indivíduos, mas também revelar processos de subjetivação e ressignificação a partir de perspectivas individuais que promovem a construção de novas perspectivas coletivas, ampliando a compreensão sobre as experiências e estruturas socioculturais que envolvem não só as sujeitas das trajetórias analisadas, como também outras mulheres, inclusive a que escreve esta dissertação.

Howard S. Becker (1994) descreve a abordagem dos estudos de trajetória como um modelo no qual cada história individual é uma peça que, ao se conectar com outras, contribui para a compreensão mais ampla de um todo, como um grande mosaico. O autor argumenta:

A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo (Becker, 1994, p.104).

Dessa forma, quando histórias de vida fragmentadas são entrelaçadas, elas apenas fornecem bases empíricas para a compreensão de estruturas sociais mais amplas, ou também as desafiam e possibilitam sua revisão crítica das estruturas preexistentes? Para o autor, ao captar singularmente aspectos subjetivos das trajetórias, a abordagem se consolida como um método potente de construção do conhecimento, revelando nuances de processos que muitas vezes passam despercebidos em abordagens mais tradicionais. Nesse sentido, Becker (1994) ainda destaca que estudar histórias de vida não se limita a registrar eventos e quantificá-los, mas oferece uma base densa e realista das múltiplas camadas em que os sujeitos estão

²³ Para Foucault, os regimes de verdade são tipos de discurso acolhidos, que funcionam como únicos verdadeiros. “Os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros.” Disponível em: [“Verdade” – por Foucault – Oficina de Filosofia](#).

inseridos, permitindo verificar pressuposições, iluminar novos espaços e reorientar os campos de pesquisa. O autor reforça:

Assim, é por conferir uma base realista à nossa imagem do processo subjacente que a história de vida serve aos propósitos de verificar pressuposições, lançar luz sobre organizações e reorientar campos estagnados (Becker, 1994, p.106).

Dessa maneira, ao se concentrar na subjetividade dos relatos, o estudo de trajetória se mostra como uma potência para ampliar o escopo da investigação científica, ao se tornar um caminho que viabiliza o questionamento do hegemônico ao permitir identificar padrões ocultos e opressores na sociedade e construir novas interpretações da realidade, atravessando o funcionamento das estruturas sociais. E é justamente no contexto vivido, nas singularidades expressas nas experiências subjetivas dos sujeitos sociais, que os poderes, as ideologias e os afetos, enfim, os fatos sócio-históricos se inscrevem, “ficando ali disponíveis para serem lidos, reconhecidos e, em alguma medida, transformados”. (Nogueira, 2017)

Ao adotarmos essa abordagem para explorar as trajetórias de duas mulheres negras protagonistas no fazer cordel em Sergipe, a partir de suas próprias narrativas, nos deparamos com um território vasto de possibilidades, historicamente marginalizado e silenciado pelas estruturas hegemônicas da sociedade em que vivemos. No entanto, é justamente nesse espaço de autodefinição, como aponta Patrícia Hill Collins (2019), que reside um poderoso instrumento de resistência e reconstrução identitária. Ao reivindicarem a palavra e contarem suas histórias sob sua própria ótica, essas mulheres tensionam as dinâmicas tradicionalistas que, ao longo do tempo, subalternizaram os lugares ocupados por mulheres que fazem cordel.

Dessa forma, a escolha metodológica de partir das experiências e vozes dessas mulheres nos possibilita não apenas resgatar histórias intencionalmente ofuscadas, mas também jogar luz sobre outras formas de compreensão do contexto político e social em que estão inseridas. E mais, esse movimento possibilitou a identificação dos novos espaços ocupados pelas mulheres negras no cordel e os desafios enfrentados por elas na atualidade para afirmar sua autoria, fazer sua arte e reivindicar novos lugares nesse campo.

Nesse sentido, a proposta de investigar as trajetórias de Daniela Bento e Izabel Nascimento seria incompleta se não se baseasse no pensamento feminista negro de Patricia Hill Collins (2019), que atua quase como um chamado à todas aquelas cuja produção de conhecimento está fora dos centros de reconhecimento. Para Collins, o pensamento feminista negro não se limita a uma teoria acadêmica, mas representa um arcabouço epistemológico enraizado na vivência e na resistência das mulheres negras, reivindicando o direito de interpretar a própria realidade a partir do poder da autodefinição. Essa concepção dialoga neste trabalho com a noção de ponto de vista trazida por Ângela Figueiredo (2017), que

ressalta a necessidade de reconstruir narrativas a partir do lugar que essas mulheres ocupam em sociedade.

Como aponta a autora:

A potência do pensamento feminista negro é ser um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres negras que envolve interpretações teóricas e práticas da realidade a partir de outro ponto de vista (Figueiredo, 2017, p. 3).

Dessa forma, ao investigar a falar de mulheres negras que fazem cordel, esta dissertação não se limita apenas a documentar histórias de vida, mas também a reconhecer e legitimar epistemologias que historicamente são subalternizadas por um sistema que hierarquiza saberes. Para Patricia Hill Collins (2017), a luta das mulheres afro-americanas para terem suas vozes ouvidas resultou na construção de um "ponto de vista autodefinido e coletivo sobre a feminilidade negra", oferecendo uma resposta crítica às estruturas dominantes. Essa perspectiva não apenas desafia as narrativas hegemônicas, mas também abre outros caminhos para estratégias de visibilidade para grupos historicamente marginalizados, como é o caso das cordelistas negras do Nordeste brasileiro.

Com foco neste recorte, a abordagem de Collins vai dialogar neste trabalho com as metodologias decoloniais, que, segundo Curiel (2020, p. 121), nos "oferecem um pensamento crítico para entendermos a especificidade histórica e política de nossas sociedades, [...] questionam narrativas da historiografia oficial e mostram como se configuram as hierarquias sociais". Vale ressaltar que, como aponta Lugones (2019), as colonialidades não operam apenas por meio de marcadores raciais, mas também por dimensões de gênero e de sexualidade. Sob essa perspectiva, recorremos a Gloria Anzaldúa (2005), propondo o conceito de "consciência mestiça", que nos ajuda a negar padrões excludentes e limitantes das sociedades ocidentais em busca da pluralidade. Como argumenta:

La mestiza tem de se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental). Para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui, em vez de excluir (Anzaldúa, 2005, p. 325).

Esse pensamento nos permitirá, no momento da análise, desafiar as hierarquizações da experiência, deslocando o foco da produção de conhecimento para um espaço dialógico e intersubjetivo, permitindo que as falas das próprias sujeitas desta pesquisa sejam nossos dados empíricos centrais. Entendemos que nenhuma história deve ser contada de maneira unilateral, mas nas fronteiras entre o eu e o outro (outra), por meio do encontro, da escuta e da troca.

Partindo dessas argumentações e pressupostos, optamos por entrevistas em profundidade semi-estruturadas como ferramenta principal de coleta de dados desta pesquisa. Justamente, por se alinhar a esse compromisso com a escuta e a produção compartilhada do conhecimento, recurso que a autora desta dissertação também toma emprestado do jornalismo. Além das entrevistas, foi realizado um mergulho analítico nos cordéis das autoras, articulando suas principais produções às discussões que emergiram das dimensões temáticas identificadas ao longo das entrevistas. Dessa forma, ao abrir espaço para que as cordelistas narrassem suas experiências, este momento da pesquisa não apenas possibilitou o resgate de histórias silenciadas, tanto de Daniela e Izabel quanto de outras mulheres que cruzaram suas trajetórias, mas também revelou novas dimensões, sociais, culturais e políticas que permeiam o grande mosaico da experiência de ser mulher e negra fazendo cordel.

Ademais, o caráter aberto e dialógico das entrevistas realizadas favoreceu a construção de um espaço de fala no qual as cordelistas puderam expressar sua relação não só com o cordel, mas com o território, a estrutura familiar, o campo político-social e o uso das tecnologias digitais. Mais do que um instrumento de coleta, esta escolha metodológica funciona como um ato político e epistêmico de legitimação da voz das mulheres negras no cordel, permitindo que elas se posicionem ativamente na produção de conhecimento sobre suas próprias histórias de vida.

2.1 A entrevista: um lugar de escuta, um encontro de trajetórias.

Segundo Jorge Duarte (2006, p. 62), “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte”. Nesse sentido, o uso dessa abordagem permite identificar diferentes formas de percepção e descrição dos fenômenos. Lorenza Mondada nos apresenta o conceito de entrevista interacional, na qual, segundo a pesquisadora, “o pesquisador e seu *informante* produzem coletivamente descrições contextuais, constroem posições enunciativas e negociam modos de compreensão”. Esse tipo de entrevista se caracteriza por sua dinamicidade, flexibilidade e criatividade, permitindo que os interlocutores, incluindo o pesquisador, construam, de forma coletiva, uma versão do fenômeno analisado (Mondada, 1997).

Por ser um recurso valioso em diversos campos de estudo, a entrevista é amplamente utilizada em pesquisas sobre comunicação interna (Curvello, 2000), comportamento organizacional (Schirato, 2000), levantamentos históricos e biográficos (Marques de Melo e

Duarte, 2001), processos jornalísticos (Pereira Jr., 2000), entre outros. Além de servir como base metodológica nesses estudos, a entrevista pode ser empregada de forma complementar a diferentes técnicas, como observação e a análise documental, ampliando a profundidade das investigações.

Desse modo, a entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno, ou seja, não se busca, por exemplo, saber **quantas** ou quais. Mas, sim, saber **como**. Assim, como nos estudos qualitativos em geral, o objetivo muitas vezes está mais relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. Por isso, a noção de **hipótese**, típica da pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de **pressupostos**, ou seja, um conjunto de conjecturas.

Assim, retomando o conceito de ponto de vista de Collins, a entrevista pode ser vista como um recurso valioso neste trabalho, que viabilizou que as sujeitas da pesquisa exercessem seu poder de autodefinição, contribuindo para uma compreensão mais complexa dos fenômenos políticos e sócio culturais que foram investigados. Nesse contexto, as entrevistas auxiliaram não só no processo de exploração das camadas internas e individuais da experiência de ser uma mulher negra que escreve cordel, bem como ajudaram a analisar de que maneira essas mulheres percebem e vivenciam suas próprias trajetórias em coletividade.

Partindo desse pressuposto, o roteiro de entrevista foi elaborado com o objetivo de coletar falas e reflexões que respondam às duas questões centrais desta dissertação. (1) Em que medida as desigualdades de gênero e raça atravessam as trajetórias de mulheres negras, sergipanas e cordelistas que ocupam espaços de resistência política, social e artística na sociedade? (2) E até que ponto a poesia de cordel, ao transcender o campo literário, se transforma em um recurso de comunicação, denúncia e enfrentamento na mão destas mulheres?

Para sua construção, adotou-se como referência a estrutura proposta por Kathy Charmaz (2006, p. 29). A autora enfatiza que uma entrevista em profundidade deve ser "suficientemente geral para abranger uma ampla gama de experiências, e restrita o suficiente para suscitar e elaborar a experiência específica do participante". Esse equilíbrio entre amplitude e especificidade permitiu que o roteiro capturasse tanto as nuances individuais quanto as experiências relacionais das cordelistas, proporcionando uma visão plural e densa dos temas investigados. Ainda sob a perspectiva de Charmaz (2009), o roteiro deve pressupor

a interação entre os indivíduos e o contexto em que estão inseridos. A comunicação, nesse processo, desempenha o papel de revelar reflexões ocorridas nas interações e ações, permitindo identificar como essas experiências foram desenvolvidas e ressignificadas ao longo da pesquisa.

Para a autora, durante a entrevista, é fundamental que o/a pesquisador/a demonstre respeito às opiniões e ações do/a participante, adotando uma postura de escuta sensível e fiel à sua perspectiva. Esse comprometimento favorece a interpretação dos dados coletados, incluindo aspectos que o próprio participante pode não ter declarado conscientemente. A interconexão entre a condução da entrevista e a formulação das perguntas define a harmonia entre a fluidez da conversa e o foco nos objetivos da pesquisa. Para alcançar essa sintonia, a pesquisadora deve criar um ambiente interativo que permita o pleno envolvimento da participante. É necessário, ainda, considerar que fatores como raça, gênero, classe, idade e ideologias podem influenciar a coleta dos dados (Charmaz, 2009, p. 47). Isso permite reconhecer aproximações e complementaridades, bem como lidar com antagonismos que emergem ao longo da construção do conhecimento, tais como certeza e incerteza, estabilidade e instabilidade, continuidade e descontinuidade.

Desse modo, os roteiros de entrevista destinados às cordelistas Izabel Nascimento e Daniela Bento apresentam uma estrutura metodologicamente delineada, composta por uma introdução e três blocos temáticos distintos. Embora compartilhem uma organização semelhante, as entrevistas apresentam diferenças conceituais que evidenciam especificidades na trajetória das autoras e, principalmente, o posicionamento político, ideológico e social de cada entrevistada dentro do universo do cordel.

As bases que estruturaram essas diferenças conceituais foram construídas a partir de um processo pré-analítico documental, iniciado ainda na conclusão da graduação da autora deste trabalho em seu projeto de TCC, e revisitado para um maior aprofundamento ao longo da dissertação. A ideia foi construir um arcabouço que possibilitasse a elaboração de um roteiro rico, capaz de contemplar a amplitude das trajetórias de cada cordelista, ao mesmo tempo em que acolhesse suas particularidades. Nesse percurso, foram reunidas e analisadas publicações, projetos midiáticos, notícias, lançamentos e entrevistas realizadas pelas cordelistas ao longo de suas trajetórias enquanto autoras de cordel. O processo envolveu a análise de folhetos publicados, entrevistas concedidas a diversos meios de comunicação, registros de participação em eventos culturais e acadêmicos, bem como o acompanhamento da presença e atuação nas redes sociais das cordelistas.

O lapso temporal considerado tem início com as primeiras produções em cordel das autoras: Izabel Nascimento, com a escrita de seu primeiro cordel, intitulado *Um Falso Amor*, publicado em 2004, e Daniela Bento, a partir de 2009, quando começou a compor pequenos versos como forma de dialogar com agricultores. Cabe destacar que, no caso de Daniela, esses primeiros textos não foram preservados, uma vez que, conforme relatado em entrevista, a autora não tinha, à época, interesse em publicação formal. Sua criação estava voltada exclusivamente a facilitar o diálogo com a comunidade rural por meio de pequenas estrofes de cordel.

Todo o **corpus** analisado previamente para a composição dos roteiros de entrevista foi sistematizado para melhor visualização nos quadros 01 e 02, apresentados a seguir. As informações estão distribuídas em cinco categorias: tipo de produção, formato, local ou instituição de publicação e ano. Tal representação permite observar as aparições identificadas ao longo da pesquisa e mencionadas nas próprias entrevistas.

Quadro 01 – Produções e aparições na mídia Izabel Nascimento (2004 - 2025)

Produção/ação	Formato	Local/Instituição	Ano
Um Falso Amor	Folheto de Cordel.	<u>Acervo - Memórias da Poesia Popular.</u>	2004
Cordel de Pai e Filha.	Folheto de Cordel.	<u>Acervo - Memórias da Poesia Popular.</u>	2008
Cordel de Whatsapp	Folheto de Cordel.	<u>WhatsApp na Literatura de Cordel – Blog do Eloilton Cajuhy</u>	2015
Fundada a Academia Sergipana de Cordel.	Notícia	<u>Balanço Geral</u>	2017
Academia Sergipana de Cordel: Izabel Nascimento e Maria Salete.	Entrevista	<u>TV Atalaia</u>	2017
Série "Projeto Saúde Mental em Cordel"	Série de vídeos (YouTube).	<u>Izabel Nascimento - YouTube</u>	2018
Livro "Sementes de Girassóis"	Coletânea de cordeis, confecionada a partir dos resultados de uma enquete realizada no perfil pessoal da cordelista no Instagram.	Editora Edise	2018
Saúde mental em cordel.	Folheto de Cordel.	<u>Biblioteca Raul Cortez.</u>	2018
Receita da boa mulher.	Folheto de Cordel.	<u>Biblioteca Raul Cortez.</u>	2018

Relato de verso e voz.	Folheto de Cordel.	<u>Biblioteca Raul Cortez.</u>	2018
A história da Umbanda.	Folheto de Cordel.	<u>Biblioteca Raul Cortez.</u>	2018
Série "Como se faz um cordel?"	Série educativa (YouTube).	<u>Izabel Nascimento - YouTube</u>	2019
Cordel de mãe e filha.	Folheto de Cordel.	<u>Biblioteca Raul Cortez.</u>	2019
Quarentena Poética.	Lives com Cordelistas convidados (YouTube).	<u>Izabel Nascimento - YouTube</u>	2020
Programa "Cordel de Quinta"	Transmissão ao vivo semanal(YouTube).	<u>Izabel Nascimento - YouTube</u>	2020
No Dia do Cordelista, o "Entrevista é Nacional" conversa com Izabel Nascimento.	Entrevista	<u>Rádio Nacional</u>	2021
Projeto comemorativo "Casa do Cordel, 10 anos"	Produção audiovisual (YouTube).	<u>Izabel Nascimento - YouTube</u>	2021
Entrevista com Izabel Nascimento e Maria Salete (1ª presidenta e 1ª vice da Academia Sergipana de Cordel)	Entrevista. (YouTube)	<u>Canal da Academia Sergipana de Cordel.</u>	2021
A Voz da Poesia com Isabell Moreira Participação Izabel Nascimento	PodCast	<u>Canal Vamos Espalhar Poesia</u>	2022
Izabel Nascimento se apresenta no 'Encontro'	Apresentação em homenagem ao Dia Internacional da Mulher.	<u>GloboPlay</u>	2022
Izabel Nascimento apresenta 'Recital Primavera em Poesia'	Notícia	<u>Portal Infonet</u>	2023
Recital "Quero paz e poesia" da cordelista Izabel Nascimento	Notícia	<u>Aperipê TV</u>	2023
Eu escrevi um cordel com o ChatGPT	Folheto de Cordel	<u>Cordel no GPT - Instagram</u>	2024
Aplicativo Cordel Aplicado	APP	Ainda não disponível	2025

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Quadro 02 – Produções e aparições na mídia Daniela Bento

Produção/ação	Formato	Local/Instituição	Ano
Ser mulher	Folheto de Cordel	<u>Recanto das Letras</u>	2016
Cordel na rede de comunicação popular de Sergipe	Folheto de Cordel	<u>Recanto das Letras</u>	2016
O Ruas morre na rua	Folheto de Cordel	<u>Recanto das Letras</u>	2016
Vacina contra o Machismo	Folheto de Cordel	<u>Recanto das Letras</u>	2017

Das neves às nuvens: I antologia das mulheres do cordel sergipano	Livro	Google Livros	2018
Mulheres cordelistas lançam livro em Aracaju nesta quinta-feira	Release	G1	2018
Live 2: Antologia Das Neves às Nuvens: tessituras femininas e homenagens.	Live	Canal - Casa do Cordel Mulheres Cordelistas	2020
Cordelistas sergipanas repudiam ataques machistas nas redes sociais	Notícia	Infonet	2020
O Feminino que Carrego	Livro	Calameo	2021
Oficina de Cordel: Balançar da Rede na Arte e Cultura Popular	Live	Movimento Sindical - Enfoc	2021
Sergipe lança Comissão Estadual de Gênero para Mulheres Rurais	Release	ASCOM SEAGRI	2021
Roda de Conversa sobre o dia 25 de Julho - Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha	Live	TV Raízes da Cultura	2021
Solenidade de Posse da Diretoria da ASC	Live	Canal Academia Sergipana de Cordel	2021
Apresentação - Amores di (versos).	Podcast	Ressaca Poética	2021
Elese: escritora Daniela Bento lança livros " Amores di (Versos)" e "Coisa de Preto"	Live	TV ALESE (YouTube)	2022
Vídeo contemplado pela chamada de videoperformance artística promovida pela Plataforma dos Movimentos Sociais pela Reforma do Sistema Político	Videoperformance	Plataforma Reforma Política	2022
Feliz 2022	Folheto de Cordel	Recanto das Letras	2022
Palestra com a poeta Daniela Bento Projeto de pesquisa Representação da mulher no cordel	Palestra	TV CEMMF (YouTube)	2023
Rodas de conversas sobre diversidade nas escolas de Poço Redondo	Reels	Instagram Pessoal Daniela	2023
Mesa de debate alusiva ao dia da visibilidade lésbica.	Repost	Instagram Pessoal Daniela	2024
Roda de Conversa: Existimos! Identidade e Pertencimento.	Post divulgação	Instagram Pessoal Daniela	2024
Cordel contra a PL1904	Reels	Instagram Pessoal Daniela	2024
Curta sergipano “Coisa de Preto” será lançado dia 19 de maio	Release	Infonet	2025
Lançamento do curta-metragem Coisa de Preto	Reels	Instagram Pessoal Daniela	2025
Curta sergipano “Coisa de Preto” vence prêmio de Melhor Roteiro no Tela Cariri - Cinform Online	Nota	Cinform	2025

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Diante do material previamente coletado, para Izabel Nascimento, o roteiro de entrevista enfatiza questões relacionadas à memória, à familiaridade, às desigualdades de gênero dentro do cordel e à ancestralidade, além de destacar seu protagonismo como líder de instituições de fomento ao cordel e à cultura popular em Sergipe. Houve também o cuidado de evidenciar sua forte presença nos meios de comunicação e sua capacidade de atualizar o fazer cordel frente às tecnologias digitais e aos diferentes suportes.

No caso de Daniela Bento, o roteiro privilegia reflexões sobre a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, raça e classe, considerando seu engajamento político junto às comunidades de trabalhadoras rurais e sua atuação voltada para pautas contemporâneas de luta feminista e antirracista dentro do cordel. Destaca-se ainda o uso estratégico das redes sociais por Daniela, tanto como recurso pedagógico, quanto como ferramenta de ampliação do alcance de suas produções, integrando práticas educativas, artísticas e políticas em espaços digitais.

Essa diferenciação na construção dos roteiros permite não apenas respeitar as singularidades de cada autora, mas também aprofundar a compreensão sobre a atuação das cordelistas, que transcende o formato tradicional do folheto e se expande, de maneira singular, para outros meios, como a televisão, a internet, o rádio e os podcasts. Tal expansão já indica a riqueza das múltiplas vozes e perspectivas que constituem a autoria feminina no cordel sergipano, especialmente quando analisadas a partir das trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento.

Todo esse levantamento formou a base para a construção de roteiros organizados em blocos temáticos, que possibilitaram a exploração das diversas camadas da experiência das cordelistas, a partir das narrativas e criações que elas próprias elaboram.

Vale mencionar que a introdução do roteiro prévio contempla três elementos fundamentais para o desenvolvimento mais fluido da entrevista: (1) **Apresentação do teor da pesquisa à entrevistada**, visando contextualizar sua trajetória e a relevância de sua participação na pesquisa; (2) **Explicação dos objetivos da pesquisa e a estrutura do roteiro**, proporcionando à entrevistada uma compreensão clara acerca da investigação científica e da abordagem adotada na coleta de dados; (3) **Solicitação de consentimento**, tanto para a gravação da entrevista quanto para a divulgação da identidade da participante na dissertação, garantindo transparência e conformidade com os princípios éticos da pesquisa acadêmica e do programa de pós-graduação em comunicação da UFS.

2.2 Blocos Temáticos e seus direcionamentos

Os roteiros estão organizados e completos na seção de apêndices deste trabalho, distribuídos em três blocos temáticos: **(1) Trajetória, território e a relação com o cordel; (2) O cordel nas redes/ A potência da comunicação midiática no cordel; (3) Ser mulher no cordel/ Cordel de resistência.** A pré-definição desses blocos ajudou no direcionamento das entrevistas, estruturando uma cadênciia que permitiu investigar em amplitude as experiências e perspectivas das entrevistadas em relação às diferentes dimensões acessadas por meio do cordel.

O primeiro bloco busca compreender a trajetória da entrevistada, considerando os fatores históricos, sociais e geográficos que influenciam sua inserção no universo do cordel. A relação entre território e cordel é um aspecto central, uma vez que as narrativas construídas em cordel frequentemente dialogam com os contextos socioculturais nos quais estão inseridas. No segundo bloco, a análise se volta para a presença das cordelistas no meio digital, explorando as transformações e desafios decorrentes da autoria de mulheres no cordel atravessando as tecnologias digitais. A adaptação do cordel às novas mídias torna-se um ponto relevante para compreender sua difusão contemporânea, especialmente no que se refere à ampliação de seu alcance e às mudanças nas formas de recepção pelo público. Por fim, o terceiro bloco concentra-se na experiência da entrevistada enquanto mulher em um campo historicamente dominado por figuras masculinas. A discussão abrange os desafios, preconceitos e formas de resistência política e social que permeiam a atuação feminina na produção de cordel, além de investigar a contribuição das mulheres para a ressignificação dos lugares ocupados pelas mulheres no cordel.

A estruturação dos roteiros de entrevista reflete um planejamento metodológico que equilibra direcionamento temático e flexibilidade interpretativa. Embora ambos os roteiros compartilhem uma organização similar, suas diferenças na formulação dos blocos demonstram um ajuste às especificidades de cada entrevistada, considerando suas trajetórias e perspectivas dentro do universo do cordel.

As perguntas semi-estruturadas para a entrevista com Izabel Nascimento buscaram caminhar pela inserção das mulheres no cordel e os impactos das tecnologias digitais no fazer cordel, enquanto a de Daniela Bento tensiona a discussão para a comunicação midiática e o papel do cordel como manifestação de resistência sociopolítica e afetivas. Essas distinções evidenciam a importância de um roteiro adaptável à singularidade das experiências das participantes, garantindo uma abordagem aprofundada e contextualizada.

Ao adotar essa estrutura, a pesquisadora não apenas buscou assegurar a mera coleta de dados, mas também a preservação da espontaneidade do relato das entrevistadas, permitindo que suas narrativas sejam exploradas de maneira densa. **Vale ressaltar mais uma vez que** o roteiro completo das duas entrevistas, com todas as perguntas semi-estruturadas e as respostas coletadas, está disponível nos **apêndices A e B** desta dissertação, permitindo uma leitura plena do material coletado.

A fim de registro, é importante pontuar que as entrevistas foram realizadas em junho de 2024, durante o período de escrita deste texto para a qualificação, e também estão disponíveis na seção de apêndices deste trabalho. O encontro com Daniela Bento ocorreu em 20 de junho, enquanto a entrevista com Izabel Nascimento foi conduzida em 28 de junho. Devido a restrições geográficas e compromissos profissionais das entrevistadas, as entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma Google Meet. Izabel Nascimento, residente em São Paulo, conciliava sua participação com a finalização de seu mestrado, enquanto Daniela Bento enfrentava uma agenda restrita devido às demandas de seu trabalho com carteira assinada. Apesar dessas circunstâncias, o andamento das entrevistas não foi prejudicado, e a dinâmica da conversa possibilitou a exploração aprofundada dos blocos temáticos previamente estruturados.

A entrevista na íntegra com Daniela Bento teve duração de duas horas e sete minutos, enquanto a entrevista com Izabel Nascimento durou duas horas, proporcionando às participantes a oportunidade de desenvolver suas respostas de forma detalhada e reflexiva. Essas conversas permitiram identificar dimensões preliminares da análise, que serão exploradas no capítulo seguinte, dedicado à interpretação dos dados coletados. A ideia não é estabelecer uma comparação entre as trajetórias das cordelistas, mas sim valorizar a pluralidade de experiências, os diferentes caminhos percorridos e os encontros que emergem nesse contexto. Propor um aprofundamento, de fato, em cada camada e dimensão **de forma específica**, sem deixar de identificar pontos de interseção e distanciamento entre os relatos e, assim, responder aos questionamentos que orientam esta pesquisa.

CAPÍTULO 03. ANÁLISE: TRAJETÓRIAS QUE SE DIZEM- AUTODEFINIÇÃO COMO RESISTÊNCIA AO SILENCIAMENTO

*“Se eu não tivesse me definido para mim mesma,
teria sido esmagada pelas fantasias que outras pessoas fazem de mim
e teria sido comida viva.”*

(Audre Lorde)

Em um sistema de produção de conhecimento marcado por desigualdades raciais, de gênero e de classe, autoras como Lélia Gonzalez (1964), Audre Lorde (1980), Glória Anzaldúa (1987), bell hooks (2019), Hill Collins (2019), Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Sueli Carneiro (2008) e tantas outras apontam para a necessidade urgente de acessarmos uma ampla diversidade de histórias. Sobretudo as histórias contadas por mulheres negras, que ainda hoje continuam sendo deslegitimadas, invisibilizadas e definidas por outros. Ao realizar esta análise de trajetória, compreendemos as experiências de Izabel Nascimento e Daniela Bento como um instrumento de posicionamento sociocultural. Desse modo, a autodefinição de Patricia Hill Collins (2019) surge aqui como uma estratégia epistêmica central no processo de construção de si da mulher cordelista negra. Para a autora, quando mulheres negras nomeiam suas próprias experiências, reivindicam o direito de interpretação da realidade a partir de suas próprias lentes.

Dessa forma, toda a análise será conduzida com base nos relatos de Izabel Nascimento e Daniela Bento, extraídos tanto das entrevistas em profundidade realizadas durante a etapa de coleta de dados desta dissertação, em junho de 2024, quanto do material reunido durante o processo de criação dos roteiros de entrevista. Este **corpus** inclui cordeis, entrevistas anteriores, publicações em redes sociais, podcasts e outros meios que servem de suporte para a expressão das vozes das autoras. A partir desse ponto, as trajetórias com base no ponto de vista de Izabel e Daniela serão o eixo central da reflexão. Cumprindo os objetivos específicos desta dissertação, compreenderemos a partir das falas das cordelistas em que medida a experiência de ser uma mulher negra autora de cordel atravessa suas vivências familiares, suas relações com o território (lugar), a atuação no campo político-social, o uso das tecnologias digitais. Nesse movimento, como bem aponta Grada Kilomba (2020), acessamos vivências que atravessam coletivamente mulheres negras, neste caso, cordelistas. A escolha pelas entrevistas em profundidade como método de coleta, detalhada na seção dedicada à metodologia do trabalho, parte do reconhecimento de que as narrativas de ambas cordelistas não apenas relatam experiências individuais, mas reconfiguram em coletividade o cenário da autoria de mulheres no cordel. O que está em jogo aqui não é apenas o "o que se conta", mas quem conta, de onde, com quais marcas, e contra quais silêncios.

O estudo de trajetória de Maria Luiza Nogueira (2017) aliado a autodefinição de Hill Collins viabiliza uma análise mais subjetiva e o deslocamento do olhar para o lugar de onde essas mulheres falam. Por meio de um cruzamento destes conceitos e do que foi narrado em

entrevista será observado como as sujeitas constroem sentidos sobre si mesmas e sobre o mundo, em um processo contínuo de negociação com as narrativas sociais que insistem em definir, e muitas vezes limitar, seus lugares. Desse modo, a proposta aqui não é apenas narrar os caminhos trilhados por Izabel e Daniela a partir do que foi relatado em entrevista, mas compreender como as cordelistas se definem enquanto filhas, netas, artistas, ativistas, cordelistas e como contam sua própria história... como constroem sentido para suas ações no campo do cordel, como resistem e elaboram novos sentidos para o que produzem. Neste momento, o feminismo interseccional, enquanto aporte teórico, possibilita o aprofundamento das discussões que emergem durante a análise, ou seja, viabiliza a compreensão das histórias de vida das cordelistas a partir do que falam, das suas singularidades das camadas, sem deixar de reconhecer os contextos que atravessam suas vozes. Aqui, o que é dito é mais do que um ponto de vista: é uma prática de liberdade, uma recusa à heterodefinição imposta por estruturas coloniais e patriarcais. bell hooks (2019) aponta:

As mulheres precisam saber que podem rejeitar as definições sobre a realidade em que vivem oferecidas pelos poderosos, que podem fazê-lo mesmo sendo pobres, exploradas ou vivendo em circunstâncias opressivas. Precisam saber que o exercício desse poder básico é um ato de resistência e de força. Muitas mulheres pobres e exploradas, sobretudo as de cor, não teriam sido capazes de desenvolver conceitos positivos sobre si mesmas se não tivessem exercido o poder de rejeitar as definições sobre a sua realidade oferecidas pelos poderosos (hook, 2019, p. 141).

Reiteramos que esta análise não tem como objetivo alcançar uma definição conclusiva acerca das cordelistas e das múltiplas dimensões que emergem de suas trajetórias. Visto que compreendemos que os processos de autodefinição são dinâmicos, situados e estão marcados por deslocamentos, rupturas e reconfigurações identitárias que se dão em tempo real.

Partindo desses pressupostos, o capítulo se organiza em torno das quatro dimensões que emergiram das entrevistas das cordelistas Izabel Nascimento e Daniela Bento, e que estruturam o desenvolvimento da análise. A primeira delas é **(1) O início de tudo, a escrita no seio familiar**, seguida do **(2) cordel como expressão identitária e de denúncia; (3) o reconhecimento: a cordelista ocupa espaços de poder e (4) o cordel, comunicação e as tecnologias digitais**. Tais dimensões não foram previamente definidas, mas construídas a partir de uma escuta sensível e interpretativa das entrevistas realizadas com as cordelistas, à luz do referencial teórico e metodológico que sustentam esta pesquisa. Mais além, elas bebem de outras fontes, especialmente aquelas que se materializam nos cordeis escritos por Izabel e Daniela e que se alimentam de produções anteriores às delas, envoltas pela ancestralidade e

mulheridade²⁴. O quadro a seguir ilustra e sistematiza estas dimensões, destacando as camadas de cada trajetória.

Quadro 03 – Dimensões e camadas extraídas das entrevistas com as cordelistas.

Dimensões	Izabel Nascimento (Camadas)	Daniela Bento (Camadas)
1. O início de tudo: o cordel no seio familiar	Cordel herdado da mãe e do pai; Escrita nos retalhos de tecido; Brincadeira com palavras e oralidade materna; Primeiros versos como extensão do ambiente doméstico.	Cartas como primeiras narrativas; Aprendizado da mãe, alfabetização doméstica; Narrativa subjetiva desde a infância.
2. Cordel como expressão identitária e denúncia	Cordel como resistência e denúncia; Questionamento de machismos históricos; “Quando a gente se une, a gente se fortalece.” A poesia como alimento e instrumento político-cultural.	Expressão da homoafetividade; Cordel como espaço de enfrentamento e denúncia; Envolvimento com mulheres agricultoras; “Escrevo em coletividade”, “cordel como espada e escudo”.
3. Reconhecimento: a cordelista ocupa espaços de poder	O lugar de liderança no cordel; Cordel no meio acadêmico e universitário; Livro como registro ancestral e afetivo; Luto e resistência entrelaçados no mestrado.	Convite à ASC e reconhecimento como escritora; Enfrentamento à desqualificação do cordel nas escolas; Primeira antologia de mulheres no cordel; Uso do cordel como ferramenta pedagógica.
4. Cordel e as tecnologias digitais	Lives no Facebook, canal no YouTube; Cordel com IA (ChatGPT); Cordel de Whatsapp; Sementes de Girassóis: fruto das redes; O futuro do cordel com apps e inteligência artificial.	Podcast como extensão da voz; WhatsApp como difusão; A voz como protagonista; “Cordel é o texto, não importa o suporte”.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Cada uma das dimensões analisadas corresponde a núcleos de sentido e camadas de duas histórias de vida, que de forma individual e ao se entrelaçarem, revelam aspectos importantes do modo como essas mulheres vivenciam o fazer cordel e da potência dessa

²⁴ O conceito de *mulheridade* é relativamente novo e ainda se encontra em construção. O posicionamos aqui no contexto do cordel como a vivência subjetiva e social de ser mulher, em todas as suas múltiplas formas, expressões e interseccionalidades.

experiência. Vale destacar ainda que o intuito desta análise não é estabelecer comparações entre as duas cordelistas, mas identificar como cada uma, ao seu modo, narra suas vidas e trajetórias artísticas, registram o tempo e contam a história do cordel.

Dessa forma, a primeira dimensão, intitulada “O início de tudo: a escrita no seio familiar”, remete à infância/adolescência das cordelistas, às primeiras experiências com a palavra escrita e à influência das histórias, oralidades e afetos compartilhados no lar. Dedicada a compreender como a formação da identidade autoral das entrevistadas foi atravessada por vínculos familiares e experiências cotidianas que antecedem, e muitas vezes ultrapassam, a própria noção formal de literatura. Como nos lembra Grada Kilomba (2020), escrever é um ato relativo tanto ao passado quanto ao presente. Seria preciso olhar o passado para entender o presente, especialmente em um contexto de opressões cotidianas, as quais incorporam uma cronologia atemporal.

Nesse contexto, pensar a escrita no seio familiar exigiu também considerar os afetos (e suas ausências e presenças) como elementos formadores das subjetividades das autoras. Em *Vivendo de amor* (2010) e *Tudo sobre o amor* (2020), bell hooks problematiza como a falta de incentivo ao autoamor durante a infância pode gerar ausência de autoestima, alimentando o auto-ódio e a rejeição da própria imagem, o que implica também rejeitar os seus semelhantes. Audre Lorde (2020), em sintonia com essa análise, afirma que há uma barreira histórica entre as mulheres negras e o amor, que muitas vezes resulta em olhares de desconfiança e até desprezo entre si.

Em contraste com as reflexões de bell hooks (2010, 2020) e Audre Lorde (2020), que problematizam as dificuldades enfrentadas por muitas mulheres negras em acessar o amor, a autoestima e a solidariedade ainda na infância, os relatos de Izabel e Daniela revelam outra experiência: para elas, o lar foi um território de afeto, acolhimento e escuta. Foi nesse espaço que se inauguraram os primeiros contatos com a palavra poética. Desse modo, demarcamos que a escrita das cordelistas, não nasce da falta, mas da presença: da mãe que tece versos, do pai que improvisa rimas, das memórias que se fixam no corpo e se reinventam no papel. Ao nomearem esse lugar como “início de tudo”, Izabel e Daniela nos convidam a enxergar o lar como espaço de potência criadora e não um espaço de reclusão.

A segunda dimensão, “O cordel como expressão identitária e de denúncia”, explora a relação entre a escrita e o posicionamento político das cordelistas. Aqui, o cordel é visto pelas cordelistas como instrumento pedagógico, de visibilidade, de denúncia de desigualdades, e afirmação de identidades racializadas, de gênero, de sexualidade e de classe. O que permitiu

compreender o cordel como lugar de construção de um EU plural, coletivo e combativo. Nesse sentido, Grada Kilomba (2020) afirma que a escrita como ato político representa um desejo duplo, de oposição e reinvenção. Não se pode simplesmente se opor à opressão - racista, sexista, heteronormativa, de classe -, já que no espaço vazio, após ter resistido, “ainda há a necessidade de tornarmo-nos sujeitos” (pág.29). Especificamente sobre a escrita de cordeis, Carlos Nogueira (2004) afirma que, entre diversas características, o cordel se configura como um “mosaico ideotemático”, ou seja, uma expressão artística fortemente marcada por motivações ideológicas, o que permite ver o cordel como instrumento de construção e afirmação identitária de quem o produz.

A terceira dimensão, “Reconhecimento: a cordelista ocupa espaços de poder”, aborda as estratégias de inserção das autoras em instituições de poder, como a experiência das duas cordelista na presidência da Academia Sergipana de Cordel, bem como as tensões envolvidas na ocupação de outros espaços de protagonismo predominantes masculinos. Mais do que observar a visibilidade que alcançaram, aqui é investigada a disputa por legitimidade e ressignificação do que se entende por autoridade e poder no cordel. Jogar luz sobre o protagonismo das mulheres no cordel exige coragem. É um movimento de ruptura com as lógicas de sujeição que ainda associam o feminino à subalternidade e à fragilidade, especialmente quando mulheres evocam narrativas ancoradas no sensível. Essa forma de ruptura, como argumenta Gloria Anzaldúa (2019, p. 332), ocorre justamente quando as mulheres passam a contar suas próprias histórias, apropriando-se da palavra como instrumento de insurgência: “Através de nossa literatura, arte, corridos e contos populares, temos de compartilhar nossa história com elas/eles, para que [...] entendam que não estão nos ajudando, mas seguindo nossa liderança.” Assim, nessa dimensão, miramos nas disputas, na arena que se molda quando mulheres lutam por equidade.

Nesse contexto, a quarta dimensão, “Cordel, comunicação e as tecnologias digitais”, emerge a partir dos atravessamentos do digital nas práticas das cordelistas, observadas em um movimento de pré-análise ao mergulharmos no universo das sujeitas de pesquisa. É nesse território que analisamos como a inserção de Izabel e Daniela nas redes sociais, bem como no uso das tecnologias digitais, têm tensionado os debates tradicionais do cordel, ao mesmo tempo em que inaugura novos espaços de liderança e mobilização política de mulheres, como aconteceu no surgimento do Movimento **#CordelSemMachismo**. Aqui, questionamos: até que ponto tais práticas contribuem para a ampliação das formas de registro, circulação e alcance de suas vozes no cordel, tornando a disputa mais plural e horizontal?

Vale destacar que as entrevistas completas, devidamente transcritas e tratadas, estão disponíveis na seção de apêndices desta dissertação. No mais, as trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento nos ajudarão a montar um mosaico vivo da luta da mulher negra sergipana por narrativas que acolham a inteireza de suas experiências. A territorialidade constitui um elemento crucial para a compreensão das trajetórias das cordelistas, uma vez que atravessa todas as dimensões de suas experiências. Está presente no seio familiar, nas reivindicações identitárias, inclusive tensionando discussões entre Capital e Interior de Sergipe, e até no uso das tecnologias digitais. Este atravessamento se manifesta tanto na intimidade do lar quanto nos embates públicos com um imaginário ainda enraizado em estereótipos que refletem um machismo estrutural que estas mulheres enfrentam e desafiam ao ocupar lugares de protagonismo.

Ao pensarmos o território de forma mais ampla, como propõe o professor Milton Santos (1996), enquanto espaço vivido, carregado de valores, afetos e relações sociais, compreendemos que ele ultrapassa a dimensão meramente geográfica. O autor nos ensina que cultura e territorialidade constituem um amálgama, isto é, estão fundidas de tal modo que formam um todo indissociável. Nesta circunstância este todo molda “o território em que vivemos (e) é maior do que um simples conjunto de objetos, com os quais moramos, trabalhamos e circulamos” (Santos, 1996). E esse “todo” em sua complexidade nos atravessa diariamente.

É válido pontuar que quando usamos o conceito de território de Santos, também entendemos o território não como uma estrutura cristalizada, mas como um território em processo e em constante modificações. É, portanto, fundamental para a compreensão das narrativas das cordelistas, que reconfiguram constantemente os sentidos e práticas do espaço em que vivem. O Milton Santos afirma a este respeito que:

A ideia de território, a meu ver, pode ser mais adequada à noção de um território em mudança, de um território em processo. Se o tomarmos a partir de seu conteúdo, uma forma conteúdo, o território tem de ser visto como algo que está em processo. E ele é muito importante, ele é o quadro da vida de todos nós, na sua dimensão global, na sua dimensão nacional, nas suas dimensões intermediárias e na sua dimensão local. (Santos, 1999b, p. 13-26)

Quando pensamos a autoria de cordel em Sergipe ligado ao território de Milton Santos vemos que esse fazer poético não está apenas localizado em um lugar físico, mas está impregnado de relações sociais, afetos, disputas, redes de significação e reivindicações identitárias. Nesse contexto, o território se alarga, atravessa as fronteiras do menor estado do

Brasil, e passa a ser também o corpo que escreve, a voz que ressoa nos saraus, nas redes e nas escolas, os coletivos que se organizam para a circulação e visibilidade da autoria de mulheres no cordel nacionalmente, as nuances que encontramos no que é narrado pelas cordelistas. A territorialidade destas cordelistas é, portanto, múltipla: é geográfica, mas também simbólica, relacional e política.

Dessa forma, ao longo das análises, ao refletir sobre o território a partir da autoria de mulheres no cordel sergipano o convite não se limita apenas a situar o espaço onde elas vivem, mas sobretudo, o lugar que constroem e reivindicam através do cordel. É no entrelaçamento entre chão e palavra, entre corpo e paisagem, que se revela a potência das cordelistas. Assim, as perspectivas de Izabel e Daniela não apenas nascem de um lugar, mas constroem lugares.

No campo do cordel, ainda atravessado por estruturas patriarcais, suas vozes não apenas reivindicam espaço, mas tensionam os limites do que foi imposto ao longo dos anos às mulheres cordelistas. Dentro e fora de Sergipe. Não se trata apenas de ocupar um espaço simbólico na poesia popular sergipana e nordestina, mas de reivindicar legitimidade, artística e intelectual em todos os espaços. Seja em coletivo com outras mulheres, seja em ações individuais, suas caminhadas abrem caminhos para outras tantas vozes que, por muito tempo, permaneceram à margem da sociedade.

Dialogando com o conceito de autodefinição proposto por Patricia Hill Collins e com as reflexões de Audre Lorde, compreendemos que as narrativas autobiográficas, que serão destrinchadas ao longo desta análise, se preocupam menos com a ordenação factual dos acontecimentos e mais com os estados de espírito e sentidos atribuídos pelas sujeitas que os vivenciaram. Nessa perspectiva, bell hooks (2019, p. 319) ressalta que o ato de narrar a si, especialmente quando realizado por mulheres negras, não é um mero relato objetivo sobre "como quando e onde as coisas aconteceram", mas uma evocação da forma como essas experiências foram sentidas, interpretadas e registradas pela memória das sujeitas. É exatamente esse movimento que buscamos ao observar as narrativas de Izabel e Daniela: mais do que enumerar fatos com pretensão de verdade histórica, elas constroem suas trajetórias a partir da vivência encarnada, e revelam como enxergam toda a jornada, como se lembram dos detalhes e, sobretudo, como desejam ser percebidas.

3.1 O início de tudo: o cordel no seio familiar

Nascida na capital sergipana, filha dos poetas Ana Santana e Pedro Amaro, Izabel Nascimento começou sua trajetória na poesia muito cedo. Izabel conta que seu primeiro contato com os versos aconteceu muito antes de aprender a ler e a escrever, de forma muito natural dentro do convívio familiar e com outros repentistas e cordelistas que frequentavam sua casa. Foi aos 7 anos de idade que escreveu seus primeiros poemas em retalhos de tecidos descartados das costuras feitas pela mãe. Aos treze anos de idade escreveu seu primeiro folheto, “Um falso amor” (1993), que foi publicado somente uma década depois, em 2004.

*“Vou falar do que senti
 Por alguém que encontrei
 Que mudou a minha vida
 Outro igual, jamais amei
 Transformou tudo em mim
 Hoje sei que até o fim
 Desse amor, dependerei
 [...]”
 Não revelei a ninguém
 A tristeza que sentia
 Tudo o que mais desejava:
 Esquecer aquele dia
 Livrar-me daquela dor
 Encontrar Um Grande Amor
 Que me trouxesse Alegria.”*

(Trecho do livro Um Falso Amor. Izabel Nascimento. 2004)

Para Izabel (2024) o ato de escrever *Um Falso Amor* não representou o início da sua identidade autoral, mas sim a materialização de uma vivência poética que já vinha sendo cultivada desde a primeira infância. Esse cordel marca o momento em que a autora assina sua primeira obra, registrando em palavras aquilo que já era vivido no corpo, na escuta e no dia a dia. No primeiro bloco temático da entrevista, Izabel revisita esse período inaugural e compartilha os detalhes, com sensibilidade, como se deu o “início de tudo” — um processo profundamente intuitivo, enraizado no convívio com a família e os amigos, na musicalidade do repente e nas brincadeiras de infância que envolviam palavras, sons e versos.

“Meu contato com a poesia foi muito antes de eu ter contato com o processo de alfabetização. Eu nasci num ambiente onde as pessoas falavam sobre poesia... Eu percebia o jogo dos sons, a colocação das rimas... entendia que ali existia uma dinâmica e que essa dinâmica era feita por todas aquelas pessoas” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Ao verbalizar uma dinâmica familiar, coletiva, que vivia a poesia, Izabel nos provoca a pensar sobre a força de trajetórias marcadas pela arte desde a infância, um ambiente onde se naturaliza o sentir que reverbera na expressão artística. Em uma publicação feita no Facebook para anunciar o lançamento de seu primeiro livro, “*Sementes de Girassóis*”, Izabel Nascimento escreve: “A criança que segura as flores, habita em mim. Suas mãos pequeninas já traziam as sementes da poesia em seus olhos, a curiosidade por entender a vida e seus caminhos. Era o berço.” A publicação da cordelista traz de volta a infância como lugar inaugural de sua sensibilidade poética, onde a experiência e a imaginação já gestavam os versos que mais tarde seriam cultivados na escrita, na voz e na performance.

Figura 12 – Izabel Nascimento lançamento “Sementes de girassóis”



Fonte: Instagram @izabel.cordel²⁵.

Aqui, a metáfora da semente não remete apenas ao crescimento ou ao futuro, mas à ancestralidade afetiva e sensível que habita o corpo da menina que viria a se tornar cordelista. É nesse sentido que o gesto de escrever, para ela, também se apresenta como retorno, um retorno ao que já existia em forma de silêncio, de sonho ou de intuição. Para ilustrar com profundidade este momento do primeiro ensaio de escrita, Izabel narra a cena da infância em que brincava de ter um “escritório” debaixo da mesa de costura da mãe. Nesse espaço, escrevia versos em pedaços de tecido descartados, inaugurando sua relação com a escrita e com o cordel, como um “ato natural”:

“Minha mãe era costureira... eu ficava embaixo desse móvel brincando, dizendo que aquele móvel era meu escritório. E minha mãe fazia recortes de tecido e eu pegava esses recortes e escrevia” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

É significativo que sua produção poética tenha se iniciado não no papel, mas no pano, um suporte que por muito tempo esteve associado ao fazer feminino, à costura, ao cuidado, ao lar. Com o apoio materno, sua escrita nasceu como gesto de bordar palavras e costurar versos. O lar, nesse caso, não se apresenta como espaço de reclusão e opressão para Izabel, mas como solo fértil e convidativo para o nascimento da sua poesia. O relato da cordelista possui forte relação com o texto “*Tecnologias a partir do chão que pisamos: fúxicos entre os feminismos digitais e os feminismos populares latino-americanos*”, escrito por Verônica Santana junto a Olívia Bandeira e a Iara Moura (2024). Para as autoras, assim como para Izabel, o aproveitamento dos retalhos assume outros motivos e significados, transcende a utilidade prática e constitui memória, criatividade, partilha, luta política e, sobretudo, uma estratégia de comunicação.

Nas diferentes regiões do Brasil, mulheres utilizam retalhos de tecidos para costurar roupas e acessórios, diversos tipos de enfeites que vão adornar suas casas, as casas de vizinhas, de amigas e de parentes, e também estandartes, faixas e outros objetos estéticos que se tornam parte de sua luta política. O aproveitamento dos retalhos têm diversos motivos e significados: é uma tecnologia que passa de geração a geração, que se faz por meio das histórias carregadas em cada pedaço de tecido, construindo memórias e abrindo caminhos para novas histórias, é uma estratégia de comunicação e de luta, uma forma de arte e muitas vezes também fonte de renda (Santana; Bandeira e Moura, 2024, p.01)

²⁵ Disponível em: [Instagram](#). Acesso em 03 janeiro. 2025.

Ao relembrar os pedaços de tecido que ficavam embaixo da máquina de costura da mãe e serviram de suporte para sua primeira escrita, Izabel evoca um gesto ancestral que entrelaça criação e memória. Como aponta Olívia Bandeira (2024), ao observar a colcha de retalhos feita por sua mãe, os pedaços de flor que mais lhe tocam são justamente aqueles confeccionados com os vestidos que pertenceram à sua avó. Esses tecidos, reaproveitados, carregam em si não apenas materialidade, mas também memória e ancestralidade, um arquivo sensível que se manifesta por meio do toque, da costura e do ensaio das primeiras palavras.

Vale mencionar que os relatos sobre o ambiente familiar não são aspectos secundários da trajetória da cordelista, mas um centro da constituição subjetiva da autora que, em grande medida, transborda numa perspectiva coletiva.

“Nesse momento que eu estava brincando com esse tecido, eu não vinha pra declamar versos. Não comecei escrevendo no papel para declamar. Comecei percebendo a dinâmica da poesia e, muito tempo depois, no processo do início da escrita, da alfabetização, do desenvolvimento da leitura e da escrita, eu fui me expressando, já tendo esse conhecimento prévio de contato com a poesia. Então, diante de tudo isso, para mim foi um processo muito natural. Eu fui convivendo com esse ambiente e fui me familiarizando e isso foi me deixando muito curiosa.” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Em um movimento disruptivo aos moldes tradicionais do fazer cordel, Izabel Nascimento conta que, desde esta época, nunca engessou sua poesia aos limites do folheto, ainda que reconheça seu valor como suporte de registro e memória. Para a cordelista, o cordel atravessa o pano, o papel e a tela, e se torna recurso para conectar pessoas e histórias. Primeiro, foi uma conexão com a mãe, ali nos gestos partilhados do bordado e da palavra. Depois, e ainda hoje, nas redes sociais e nos palcos, uma forma de transpor o seu ponto de vista ao mundo, costurando sentidos entre o íntimo e o coletivo, entre o que se vive e o que se narra. Uma comunicação estratégica e política entre ela e as mulheres de todo o Brasil que são atravessadas por sua poesia.

Sua formação, como ela mesma relata, foi moldada prioritariamente pela oralidade dos seus pais, pelas escritas nos retalhos e pela escuta atenta, muito antes da sua escrita chegar ao papel e as redes: “Eu não vejo a Literatura de Cordel somente através dos folhetos [...] Eu ouvi a literatura de cordel no início. Eu não peguei o papel para escrever inicialmente” (Nascimento, 2024).

A cordelista complementa:

“A gente pode encontrar a poesia em vários lugares. A gente pode também encontrar os versos de Cordel em vários lugares. [...] Eu gosto de ser livre dentro dessa possibilidade de pensar a poesia em vários lugares” Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Para Izabel Nascimento, desde a publicação do seu primeiro cordel até hoje a escrita nunca esteve atrelada ao ato da publicação. A poesia transcende os formatos. “Eu acho que o escritor é quem escreve, sabe? O escritor não é quem publica. Publicar é outra coisa. Nem todo mundo que escreve tem a oportunidade de publicar, porque publicar também é um outro acesso” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora). Esse posicionamento da cordelista é potente e nos convida a tensionar as fronteiras entre autoria, visibilidade e reconhecimento. Ao afirmar que a escrita não está necessariamente atrelada ao ato da publicação, Izabel nos lembra que o fazer poético é, antes de tudo, um gesto de existência, um exercício de expressão subjetiva e coletiva que pode (ou não) se materializar em suportes. Aqui, a publicação aparece como uma possibilidade para a autora, e não como condição, da autoria.

Retomando a historiografia do cordel sob a ótica da crítica feminista, especialmente à luz das reflexões da professora Francisca Santos, vemos que, apesar das exclusões históricas a que foram submetidas, seja no campo do letramento, seja nos espaços públicos dominados por homens, as mulheres sempre estiveram presentes na produção cultural. Mesmo que muitas dessas produções não estivessem diretamente ligadas ao circuito formal de publicação, o olhar para trás revela a existência de poetisas que atuaram de maneira significativa no âmago de uma tradição marcada pela “[...] ordem patriarcal de gênero” (Saffioti, 2004, p. 50).

Cantando em pelejas, como os homens, em duelos de cantorias, elas participaram e participam desse mundo, como Francisca Barroso, Vovó Pangula, Terezinha Tietre, Mocinha de Passira e muitas outras. A existência e a revelação dessas vozes poéticas trazem à tona outra história da poesia nordestina, questionando ao menos dois discursos construídos sobre ela, o androcêntrico centrado no homem e o escriptocêntrico (Santos, 2020, p.225).

As mulheres citadas por Fanka (2020) cantavam, participavam de pelejas e se engajavam em duelos de cantorias com a mesma maestria atribuída aos homens. Elas desmascaram o apagamento histórico e, embora silenciadas por muito tempo, desafiam o discurso que atribui a autoria no cordel a quem publica, ou melhor, aos homens que publicam. Como aponta Santos, essas vozes questionam as narrativas hegemônicas ao revelar que a poesia popular nordestina não foi exclusivamente masculina, nem restrita à publicação.

Na trajetória de Izabel, a autoria também foi construída muito antes da chegada ao mercado editorial, aconteceu no declamar, nos retalhos, na escrita pela escrita, por meio da

livre expressão. Escrever era sua forma de brincar, mais tarde se tornou uma forma de resistir!

“Eu não era uma pessoa que escrevia para publicar. Até porque eu escrevi várias coisas antes de *Um Falso Amor*. Escrevi vários poemas antes, várias histórias antes, no caderno de poesia, no caderno de desenho... Era a minha forma de me expressar, era a minha brincadeira” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

No sertão de Poço Redondo/SE, outra voz se inscreve no cordel, na naturalidade as brincadeiras e no acolhimento do lar: a da mulher preta, lésbica e cordelista **Daniela Bento**. Nascida em Limoeiro do Norte (CE), numa comunidade ribeirinha e periférica onde a oralidade e os laços comunitários eram a principal forma de comunicação, Daniela se alfabetiza em casa, ainda muito pequena, pelas mãos da mãe, **Francisca Noêmia Bento Alexandre**, uma das poucas mulheres da sua região com o quarto ano do primário. Foi dona Francisca que, reconhecendo o domínio da filha sobre a linguagem escrita, a incumbiu de escrever cartas para outras mulheres da comunidade, prática que se tornou um marco inaugural na formação da cordelista. Ao ouvir a cordelista imediatamente veio à memória o filme indicado ao Oscar “Central do Brasil”²⁶, em que Dora, personagem interpretada por Fernanda Montenegro, é uma ex-professora que escreve cartas para pessoas analfabetas, que transitam por uma das estações ferroviárias mais antigas da cidade do Rio de Janeiro. Assim como Dora, Daniela passou a mediar afetos, notícias e esperanças através da sua primeira escrita, nas cartas de filhas, mães e avós que buscavam um meio de comunicação com seus entes queridos que estavam distantes. Não era apenas um serviço, era um gesto de cuidado coletivo e de construção de vínculos entre mulheres separadas pelo processo migratório do nordestino ao sudeste do Brasil, em busca de “uma vida melhor”. Essa experiência, ainda na infância, entre palavras ditadas e emoções transcritas, revela o embrião de uma poética comprometida com a escuta, com a transmissão e com o fazer social. Outro paralelo interessante ao início de Daniela na escrita pode ser traçado com o longa-metragem *Histórias Cruzadas* (2011)²⁷. Assim como Skeeter, jovem jornalista branca que utiliza a escrita como instrumento de denúncia e visibilidade para as experiências silenciadas de empregadas

²⁶*Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles, narra a história de Dora, uma professora aposentada que escreve cartas para pessoas analfabetas na Estação Central do Brasil. Após a morte da mãe de Josué, um menino que busca reencontrar o pai no Nordeste, Dora embarca com ele em uma jornada de afeto, solidariedade e transformação. O longa-metragem se tornou um marco do cinema brasileiro ao projetar a produção nacional no cenário internacional.

²⁷*Histórias Cruzadas* (2011), dirigido por Tate Taylor, é um drama ambientado nos anos 1960, durante o movimento pelos direitos civis nos EUA. Baseado no livro de Kathryn Stockett, o filme acompanha Skeeter, uma jovem jornalista branca que decide escrever um livro com os relatos de empregadas domésticas negras expondo o racismo vivido por elas enquanto cuidavam de famílias brancas. Num tempo de grandes transformações sociais, o filme retrata as vivências destas mulheres que se dedicavam a cuidar dos outros, ao mesmo tempo que enfrentavam discriminações no cotidiano.

domésticas negras no Mississippi dos anos 1960, Daniela Bento também se posiciona como mediadora de memórias e porta-voz das dores, resistências e afetos das mulheres de sua comunidade. No entanto, há entre elas uma diferença importante: enquanto Skeeter escreve a partir do lugar de aliada, de fora do grupo sobre o qual narra, Daniela fala como parte constitutiva do coletivo que representa. Sua escrita emerge do vivido, do compartilhado, do enraizado, e por isso carrega tamanha potência.

Acerca da potência do fazer cordel e neste processo de acolhimento e descobrimento do outro através da escrita, as palavras de Gloria Anzaldúa (2000) oferecem uma chave interpretativa sensível. Para a autora:

Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos – chamo isto de escrita orgânica. Um poema funciona para mim não quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque. Ele funciona quando o assunto com o qual iniciei se metamorfoseia alquimicamente em outro, outro que foi descoberto pelo poema. Ele funciona quando me surpreende, quando me diz algo que reprimi ou fingi não saber (Anzaldúa, 2000, p. 234).

Podemos observar que, para Daniela, a escrita emergiu justamente desta metamorfose alquímica que Anzaldúa demarca de forma tão significativa, como extensão da voz de outras mulheres, vozes silenciadas pelo analfabetismo, pela distância, pela exclusão histórica e pela desigualdade social. Parafraseando Audre Lorde, escrever, para uma mulher negra e em prol de outras mulheres, é um gesto profundo de insurgência. É sobre transformar a palavra em instrumento de ruptura, denúncia e criação de novos sentidos. Em uma carta escrita por Kathy Kendell em 10 de março de 1980, a respeito de um workshop para escritoras ministrado por Audre Lorde, a escritora manifesta: “Precisamos falar. Falar alto, dizer coisas sem ordem—coisas que podem ser perigosas—e mandar que se fodam, pro inferno, deixar sair e fazer todo mundo ouvir, quer queiram ou não” (Kendell, 1980). Esse grito rebelde, que transborda da escrita, ecoa na trajetória de autoras como Daniela Bento, desde muito cedo. Quando já aos 07 anos a sua escrita cumpria um papel social, o papel de deixar fluir as histórias que as mulheres da sua comunidade não podiam escrever por si. O gesto da escrita de Daniela começa então ali na infância, como esboço inaugural de mediação, e se metamorfoseia à medida que é atravessado pelas experiências das mulheres de sua comunidade. Ao transformar ausências - de voz, de registro, de pertencimento - em presença e meio, sua escrita se consolida além do papel, mas como um gesto que nasce dentro e se expande no coletivo.

Daniela (2024) descreve a escrita das cartas como um primeiro ensaio como escritora:

“Eu digo que esse foi meu primeiro ensaio. Embora eu fosse criança, ouvi relatos de morte, de partos, de pedido de ajuda, de doença... e eu não podia dizer aquilo tal e qual. Era um desafio de criança, tentar criar uma narrativa de carta” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Daniela conta que era, ao mesmo tempo, mediadora, ouvinte e porta-voz das mulheres de sua comunidade, escrevendo cartas em seu nome e transcrevendo suas experiências em um contexto marcado por escassez material, analfabetismo estrutural e desigualdade de gênero. Naquela época, a juventude do nordeste brasileiro vivia um intenso processo de migração²⁸ para o sudeste em busca de "uma vida melhor". Daniela, aos 7 anos, escrevia então suas primeiras palavras em nome das mães que precisavam se comunicar com seus filhos que estavam distantes devido a esse fluxo migratório²⁹. Essa prática, embora silenciosa e ainda juvenil, é vista hoje pela cordelista como um primeiro ato político de escuta, que revelou pra si, já na infância, a potência social da escrita. Para Daniela, a escrita torna-se, assim, uma forma de reinscrição de si e do outro, operando contra as estruturas que historicamente negaram às mulheres que estavam à margem da alfabetização o direito à palavra.

As histórias transcritas em cartas pelas cordelistas viabilizou não só a construção de subjetividades que escapam ao modelo tradicional, linear e eurocêntrico de produção de conhecimento, mas também possibilitou um senso de comunidade entre as mulheres daquela região. Nesse sentido, a escrita adquire um caráter social e político, como aponta Aline Kelly da Silva (2023) em sua tese de doutorado *“Memória e histórias na palma da mão: inscrições biográficas numa epistemologia feminista antirracista”*. A autora, com base em Conceição Evaristo, afirma: “A escrita assume, assim, uma função política ao narrar memórias e ficcionalizar histórias negadas por uma matriz hegemônica de conhecimento e ao constituir-se como estratégia de afirmação da vida no presente” (Silva, 2023, p. 46).

Ao recontar experiências apagadas e construir narrativas a partir da vivência situada de mulheres iletradas, a escrita de Daniela se faz prática insurgente, que confronta os modos hegemônicos de saber e propõe alternativas às formas tradicionais de legitimação e transmissão do conhecimento. Aqui vemos que o início da escrita de Daniela nasce deste lugar, de um escrever em prol do outro (da outra), das margens sociais, da ausência de acesso pleno à alfabetização, e da necessidade urgente de dar forma às experiências que as mulheres

²⁸ Entre 1975 e 1985, uma série de ações que visavam a modernização dos setores produtivos passou a ser priorizada. O processo de desconcentração produtiva – a partir de São Paulo – estimulou a demanda por um contingente de mão de obra habilitada. Disponível em: [Migrantes Nordestinos na Região Metropolitana de São Paulo: características socioeconômicas e distribuição espacial \(openedition.org\)](http://www.openedition.org/10300)

²⁹ Informação retirada da entrevista feita com a autora no dia 20/06, que está disponível como apêndice deste trabalho.

de sua comunidade não podiam nomear por si mesmas.

Em 2016, ao completar 70 anos, Conceição Evaristo lançou *Histórias de leves enganos e parecenças*, obra composta por doze contos e uma novela. Na ocasião, Evaristo afirmou sobre o verdadeiro sentido de escrever que “o prazer da literatura é justamente perceber que ela tem ressonância. A maior felicidade é perceber que você é lida entre os seus e que sua escrita tem sentido” (Evaristo apud Alves, 2016, p.1).

É nesse entrelaçamento entre escuta e uma escrita que já nasce com sentido, que a voz poética de Daniela começa a se afirmar. A cordelista define esse momento: “Era uma escrita que não era minha, mas também era. Porque ali eu também sentia... aquelas coisas mexiam comigo, aquelas misérias, por assim dizer” (Daniela Bento, 2024, trecho da entrevista concedida à autora). Ao mesmo tempo, o domínio da palavra escrita conferia à cordelista uma “posição de poder” na comunidade, algo que ela, ainda menina, percebia com estranhamento: “Eu dizia: por que eu sei escrever e elas não sabem? Eu não conseguia entender esse conflito social” (Daniela Bento, 2024, trecho da entrevista concedida à autora).

Esse questionamento precoce inaugurava em Daniela o início de um pensamento crítico que mais tarde se transformaria em inspiração para muitas de suas obras e ações. Aqui, quando evocamos do lugar em que se fala de Collins (2019), a autora demarca que poder de se autodefinir envolve não apenas narrar a si mesma, mas narrar a si entendendo os lugares de onde se fala, e os contextos que moldaram essa fala. Daniela, então criança, já era “o meio”, como ela mesma reconhece, uma ponte entre as palavras e as dores das outras mulheres. O ato de escrever cartas para as mulheres da comunidade, para a autora era uma forma de autoria afetiva, colocando sua escrita a serviço do coletivo, mesmo em meio às restrições da idade e aos próprios desejos infantis: “Às vezes elas chegavam em horas inconvenientes, que era a minha hora de jogar bola... eu não gostava, num momento, mas depois eu passei a gostar” (Bento, 2024).

Entre o nobre fazer infantil até a transição para a escrita íntima, Daniela narra que começou a enfrentar conflitos internos relacionados à sexualidade e a falta de referência de outras mulheres negras na poesia. Sem compreender ainda os sentidos do que sentia e os questionamentos internos, Daniela inicia um tipo de escrita que não era carta, nem diário, nem poesia, mas expressão pura de si: “Não era poesia, eu nem sei dizer o que era... foram os meus primeiros contatos com a escrita minha, de querer botar no papel os sentimentos” (Bento, 2024).

A ausência de referências de outras mulheres escrevendo poesia no cordel, os conflitos

com a própria sexualidade e o estigma de ser uma “literatura menor” dificultaram, num primeiro momento, seu reconhecimento nesse campo como espaço legítimo de expressão. Como ela própria afirma, “eu também não tinha identificação de outras mulheres no cordel” e complementa:

“Toda a minha galera, da minha turma, estava ali escrevendo, ou quem escrevia, estava escrevendo, se inspirando nesses autores, que não é que eu rejeite hoje, mas que eu vou entendendo que eles têm menos para dizer para mim do que outros que eu vou me encantando depois. A gente vai deixando isso de lado, e essa falta de referência, de você ter em quem se inspirar. Quando eu olho a outra escrita, escrita no verso branco, eu vou ter Clarice, eu vou ter Cecília, que estava na biblioteca da escola, as branquinhas do mundo. E, do outro lado, a gente só tinha Patativa do Assaré, e Patativa sempre foi assim, uma coisa muito avassaladora para a minha pessoa. Começo a escrever cordel por uma necessidade de trabalho mesmo” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) na palestra que, mais tarde, se tornou o livro “O perigo de uma história única”, discute a relação de poder como fonte do preconceito:

É impossível falar sobre história única sem falar sobre poder. [...] A forma como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo depende do poder. Poder é a habilidade não só de contar a história da outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa (Adichie, 2019, p. 12).

Quando observamos os silenciamentos históricos impostos às mulheres negras que escrevem, vemos que a ausência de representatividade impacta não apenas o acesso à publicação e o reconhecimento de si em lugares de poder, mas a própria constituição subjetiva e criativa dessas autoras. A escassez de representatividade não é um fenômeno isolado ou localizado: é uma questão estrutural, que reflete uma dinâmica histórica de exclusão nas engrenagens da literatura brasileira. Segundo pesquisa coordenada pela professora Regina Dalcastagnè (2001), entre 1965 e 2014, 70% das obras publicadas por grandes editoras no Brasil foram escritas por homens, dos quais 90% eram brancos. Nesse universo, mais da metade dos protagonistas também eram homens, brancos e heterossexuais, enquanto apenas 6,9% dos personagens eram negros. Esses dados não revelam apenas um padrão editorial, mas uma lógica de apagamento que naturaliza a inferiorização de determinados corpos.

Sobre o epistemicídio, Sueli Carneiro (2005) explica que se trata de estratégias de inferiorização intelectual, baseadas em um dispositivo de racialidade/biopoder, que sequestra e mata o conhecimento que provém daqueles que se distanciam da etnia hegemônica. Ao mesmo tempo em que o anula, o faz enquanto consolida a supremacia intelectual da racialidade branca. Para Carneiro (2005), o mundo, apesar de sua complexidade, ganhou

contornos monoculturais que barram a popularização de outras formas de troca de conhecimento que destoam do modelo vigente. Indo além, a professora Sueli nos fala que o epistemicídio extrapola a simples anulação ou desqualificação do conhecimento produzido por povos subjugados; é um processo contínuo e sistemático de produção da indigência cultural, diante do qual devemos permanecer atentos e vigilantes, pois suas manifestações seguem operando no presente. Ela afirma:

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimização do negro como portador e produtor de conhecimento; e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo" (Carneiro, 2005, p. 97, grifo da autora).

Ao conceber o epistemicídio como “um processo persistente”, Sueli Carneiro nos alerta para a sua permanência na contemporaneidade. Assim, é problemático olhar para ele como se fosse um recurso hegemônico do passado. Sobre a produção de conhecimento e o potencial transformador da auto-organização de mulheres nordestinas, a pesquisadora Iasmim Araujo Vieira (2017), em sua tese de mestrado “*A Estrada da Sabedoria: a produção de conhecimento no interior do movimento da mulher trabalhadora rural do Nordeste*”, destaca que os moldes formais de produção de saber ainda privilegiam um tipo específico de conhecimento em detrimento de outros, o que acaba por invisibilizar a pluralidade epistêmica e, consequentemente, seus/suas protagonistas. Diz Iasmim Vieira:

O ato de sistematizar experiências nas práticas de educação nos movimentos sociais populares ganha novos sentidos. Sistematizar experiências pode ser visto como um dispositivo que problematiza as relações de poder dentro dos embates sobre as disputas de conhecimentos que acontecem. Na medida em que a pessoa protagonista de sua experiência constrói o mecanismo de sistematizar sobre si ou seu/sua semelhante, rompe com a lógica de dominação historicamente construída que divide hierarquicamente as pessoas que teorizam e as pessoas “objeto” de estudo. (Vieira, 2017, p.3873)

Iasmim Vieira nos traz uma chave importante para romper com o epistemicídio apontado por Sueli Carneiro (2005), somente com base nos mecanismos criados a partir de si e sobre si é possível romper a lógica de dominação e sair do campo “objeto de estudo” para o de “sujeitas”. Para a autora, a subversão da lógica de dominação se inicia quando os próprios sujeitos (sujeitas) elaboram mecanismos de produção de conhecimento. Esse movimento rompe com a lógica colonial que historicamente posiciona a mulher negra, lésbica, nordestina e cordelista como objeto de estudo, deslocando-as para o lugar de protagonismo, de sujeitas

da própria experiência. Neste contexto, a sistematização da própria experiência atua como um gesto político de resistência ao silenciamento no processo de produção de saberes. Consonante, Santos, Nunes e Menezes (2005) dizem que no horizonte infinito de saberes, não há conhecimentos puros, nem conhecimentos completos, há constelações de conhecimentos.

No livro *Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira*, Luiz Henrique Oliveira e Fabiane Rodrigues (2022) mapeiam a produção de autores negros no Brasil entre 1859 e 2020, registrando década por década obras de ficção/não ficção e suas autorias. Com dados coletados pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos do Campo Editorial (Giece), os autores organizam as publicações em recortes temporais. Os resultados da pesquisa revelam a baixa presença de escritores negros em períodos como o Estado Novo e a Ditadura Militar (1930 - 1985), com crescimento expressivo apenas após a redemocratização do país (1986 a 2020). Em relação à não ficção, houve aumento gradual até a década de 2000, seguido por queda significativa entre 2010 e 2020. Para a pesquisadora Fabiane Rodrigues (2022), em entrevista concedida à editora de Cultura do *Jornal Estado de Minas*, as formas de ruptura com esse processo persistente de silenciamento dos corpos negros na literatura brasileira partem, sobretudo, de iniciativas dos próprios indivíduos negros. São eles que, ao se organizar, escrever e publicar, jogam luz sobre suas obras e desafiam as estruturas de exclusão. De acordo com a autora, “essas publicações ocorreram por iniciativa dos próprios indivíduos negros, que se uniram. Porque, quando se pensa nos escritores negros que publicaram suas obras, a gente precisa pensar que existiam leitores para essas obras” (Fabiane, 2022).

Diante da escassez de representatividade e inspirada por sua única referência no cordel no momento, o poeta Patativa do Assaré³⁰, Daniela conta que começa a escrever por necessidade, para dialogar com as agricultoras e agricultores, para fazer de sua escrita um recurso de comunicação, aproximação e identificação. A cordelista inicia sua própria produção no cordel não como livre expressão poética, mas como uma necessidade funcional: “Começo a escrever cordel por uma necessidade de trabalho mesmo [...] para dialogar com os agricultores.” Nesse momento, sua escrita retoma a função social e pedagógica, que a faz relembrar a escrita das cartas na infância. Através das suas primeiras linhas em cordel, Daniela abre uma comunicação direta com uma comunidade para quem os temas da

³⁰ Patativa do Assaré (1909-2002) foi um poeta e repentista cearense, um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX. Com uma linguagem simples, porém poética, retratava a vida sofrida e árida do povo do sertão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=81PatativaDoAssaré> - YouTube

agroecologia, da consciência negra e da violência doméstica precisavam ser traduzidos em linguagem mais acessível. A escrita, para Daniela, nasce da ausência de acesso, de meios, e se consolida como possibilidade: de conexão, de reconhecimento, de enunciação. É nesse “entre lugar” da escuta e da invenção que sua voz poética começa a emergir.

Tanto Izabel quanto Daniela iniciam suas trajetórias autorais fora das estruturas formais da literatura, mas profundamente enraizadas em práticas comunitárias, familiares e afetivas. Enquanto Izabel brincava de ter um “escritório” sob a mesa de costura da mãe, bordando versos nos retalhos de tecido, Daniela escrevia cartas sob o olhar atento de uma mãe exigente, transformando relatos de dor em narrativas de cuidado. Em ambas, o gesto de escrever é anterior ao desejo de ser escritora, é cotidiano, é responsabilidade, é convivência com a palavra como mediação, é sobrevivência. A escrita nasce no espaço íntimo, mas desde o início, já se volta para o outro.

Essas narrativas revelam que a formação da autoria feminina das cordelistas não se constroi a partir de rupturas isoladas, mas de processos contínuos de reapropriação em prol do coletivo. Para Hill Collins (2019) e hooks (1984), essas experiências configuram formas de resistência à hegemonia branca e patriarcal, permitindo que mulheres negras não apenas narrem, mas reconstruam o mundo a partir de seu saber localizado. bell hooks, ao refletir também sobre sua própria infância em uma pequena cidade do Kentucky, capta com precisão esse ponto de vista singular que emerge da experiência da escrita de mulheres negras. Segundo a autora, “ao viver como vivíamos, na margem, acabamos desenvolvendo uma forma particular de ver a realidade. Olhávamos tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora... compreendíamos ambos” (hooks, 1984). Sobre esta forma particular de ver a realidade e neste mesmo sentido, Patricia Hill Collins (2022), em diálogo com a teoria do ponto de vista (*Standpoint epistemology*) de Sandra Harding³¹, enfatiza a importância da epistemologia do ponto de vista, ao afirmar:

Ao reivindicar a autoridade da experiência, a epistemologia do ponto de vista defende a integridade de indivíduos e grupos na interpretação de suas próprias experiências. A epistemologia do ponto de vista postula que as experiências e a ação social criativa fornecem ângulos de visão distintos sobre o racismo, o heteropatriarcado e as relações de classe capitalistas para pessoas que são

³¹ Patricia Hill Collins, especialmente em obras como *Black Feminist Thought*, propõe que as mulheres negras desenvolvam um conhecimento situado a partir de suas experiências sociais, o que se alinha à ideia de uma epistemologia do ponto de vista. Sandra Harding, por sua vez, é uma das teóricas que formalizou o conceito de “*standpoint epistemology*” (epistemologia do ponto de vista) no campo dos estudos feministas, defendendo que os grupos marginalizados têm acesso privilegiado a certos conhecimentos por conta de suas posições sociais. Assim, Collins dialoga com Harding, mas sua abordagem é mais voltada para as experiências de mulheres negras nos EUA e para a interseccionalidade entre raça, gênero, classe, e outros marcadores sociais.

diferencialmente privilegiadas e penalizadas dentro de tais sistemas. (Collins, 2022, p.195)

A escrita inaugural de Izabel Nascimento e Daniela Bento, construída a partir de seus pontos de vista, não nasce de forma isolada. Ela é fruto de um movimento coletivo de cuidado e partilha, que atravessa gerações de mulheres negras. A experiência tanto de Izabel como de Daniela de escrever por si, mas também por outras, é também um gesto de escuta e afeto que se inscreve numa longa história de cuidado entre mulheres. bell hooks (2005), no ensaio *Alisando o Nosso Cabelo*, nos oferece uma chave potente para compreender o significado cultural e político do cuidado entre mulheres negras. Ao refletir sobre os rituais de cuidado capilar e sobre as estratégias de sobrevivência do subalterno, a autora revela como esses momentos íntimos do cotidiano, muitas vezes subjugados pelos olhos coloniais, são espaços de construção de subjetividades, pertencimento, formação de identidade e transmissão de saberes ancestrais.

hooks manifesta:

Só há poucos anos é que deixei de me preocupar com o que os outros possam dizer sobre o meu cabelo. Só nesses últimos anos foi que eu senti consecutivamente o prazer lavando, penteando e cuidando do meu cabelo. Esses sentimentos me lembram o aconchego e o deleite que eu sentia quando menina, sentada entre as pernas de minha mãe, sentindo o calor do seu corpo e do seu ser enquanto ela penteava e trançava o meu cabelo. Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nós mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena (hooks, 2005, p.195).

Cuidar dos cabelos, assim como escrever cartas para outras mulheres, poetizar nos retalhos de costura da mãe ou registrar pequenas vivências do cotidiano em rimas, são práticas que ressignificam o íntimo das cordelistas como espaço político e coletivo. Em uma cultura de opressão que deslegitima o sensível e a intimidade como formas de luta, as experiências narradas por Izabel e Daniela revelam justamente o contrário. Nelas, o afeto é recurso. Recurso pedagógico, comunicacional e político. Suas práticas de hoje nasceram lá atrás na infância, no toque, na escuta e na confiança. Modos profundamente complexos, de sustentar a vida em um mundo que, historicamente, insiste em negá-las.

Nessa mesma direção, Audre Lorde amplia nossa perspectiva ao afirmar: “Para as mulheres, a necessidade e o desejo de cuidarem umas das outras não são patológicos, mas redentores, e é nesse saber que o nosso verdadeiro poder é redescoberto. É essa conexão real que é tão temida pelo mundo patriarcal” (LORDE, 2009, p. 138). A escrita de Daniela e de

Izabel, portanto, emerge nas práticas de cuidado e afeto, no lar, no fazer social, em que a palavra é carregada de memória e afeto. Mergulhar nos inícios de suas trajetórias é compreender que, para as cordelistas, a escrita nunca foi apenas forma ou técnica, mas sim um recurso de acolhimento mútuo e de invenção de mundos. Neste ponto, vemos a pertinência em relembrar as palavras de Gloria Anzaldúa (2000) sobre o impulso que a move a escrever. Ela diz:

O mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você" (Anzaldúa, 2000, p.232).

Essas palavras ressoam nas trajetórias de Izabel e Daniela, cuja escrita também nasce do desejo profundo de reorganizar o mundo a partir de suas vivências e de criar, por meio da palavra, outras possibilidades de existência. Nasce do desejo de criar mundos, através do cordel, nos quais as mulheres se reconhecem, se curam e se fortalecem, desafiam, com palavras carregadas de afeto, as estruturas que historicamente insistem em subjuguar seus pontos de vista.

3.2 Cordel como expressão identitária e de denúncia

"falar é a marca da liberdade, de se fazer sujeito".
(hooks, 2019)

O que nos faz sujeitos? Para Stuart Hall (1993), a identidade em si é relacional, constantemente atravessada pelos diálogos com a diversidade que nos cerca, nunca essencial, fixa ou imutável. Acontece em relação com os outros (outras), ou melhor, está acontecendo. Hall propõe uma concepção de sujeito profundamente marcada pelo deslocamento descentralizado. Para ele, a proposição sobre identidade ressurge no momento em que se tenta rearticular a relação entre sujeito e prática discursiva, ou, de forma ainda mais precisa, quando se privilegia a noção de *identificação*, entendida como um processo contínuo de subjetivação e como forma de resistência aos regimes de exclusão. Hall pontua:

[...] é preciso pensá-lo em sua nova posição, deslocada ou descentralizada, no interior do paradigma. Parece que é na tentativa de rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas que a questão da identidade, ou melhor, a questão da identificação, caso se prefira enfatizar o processo de subjetivação (em vez das práticas discursivas) e a política da exclusão que essa subjetivação volta a aparecer (HALL, 2006, p.39).

Se o sujeito está descentralizado, sua identidade também está. Essa descentralização nos convoca a compreender a identidade não como essência, mas como um processo de negociações e renegociações dentro das relações sociais. É nesse ponto que Hall (2009) avança ao propor o conceito de um *eu coletivo*, relacional, capaz de acolher contradições, fragmentações e atravessamentos. O autor destaca:

[...] aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (Hall, 2009, p. 108)

A pesquisadora Ana Carolina Dias Santos do Vale (2023), em seu trabalho “*A poesia faz alguma coisa acontecer*”, nos ajuda a pensar essa identidade deslocada e em mudanças, situada em um contexto de mulheridade das poetisas negras. Para a autora, o fazer poesia atua como uma reconfiguração constante da própria formação da identidade em oposição ao pensamento hegemônico. Fundamentada no conceito de Hill Collins, Ana afirma que a poesia é o canal da autodefinição:

A poesia é, também, uma expressão de autodefinição, que pode ser partilhada por outras mulheres negras em contextos sociolinguísticos distintos. Essa noção cumpre uma função humanizadora que constrói uma outra noção de identidade e de modelo para outras mulheres negras, que se (re)constrói em oposição ao pensamento hegemônico androcêntrico e estruturalmente racista. A poesia se torna, assim, uma ferramenta de radicalidade que, por meio da força que habita o poético, promove “rachaduras” estruturais na ideação da mulheridade das mulheres negras. As potências do ser e do fazer poético são intensificadas pela determinação dessas existências e pela ruptura do silenciamento dos sujeitos. A poesia é a ferramenta de insubmissão que invade o campo social e político para movimentar estruturas, modificar padrões e, principalmente, transformar realidades (Vale, 2023, p.83).

A autora propõe, portanto, que é justamente no atravessamento dessas “rachaduras estruturais” que sustentam modelos normativos de mulheridade, onde encontramos a potência subversiva do ser e do fazer poético das mulheres negras. A poesia de cordel, quando mobilizada pelo corpo e pela voz de Izabel Nascimento e Daniela Bento, transcende a função do entretenimento e se afirma como prática política de reconfiguração identitária que, embora parte de pontos de vista singulares, é profundamente coletiva. É nessa virada de chave, ao investigar identidades deslocadas e subversivas, que este tópico se desenvolverá.

Ao ser questionada sobre a formação de sua identidade enquanto cordelista, Daniela destaca a importância da presença de outras mulheres nesse percurso, sobretudo nos espaços majoritariamente ocupados por homens. Sua trajetória, marcada por deslocamentos e enfrentamentos, ganha força justamente na construção de redes e referências femininas que desafiam a lógica patriarcal:

“Eu acho que quando eu conheço as meninas do Cordel, Izabel, eu sempre cito três mulheres de referência no Cordel para mim, que é a Salete Maria, a Elenilda Amaral e Izabel Nascimento, para mim elas são mulheres importantíssimas para a minha vida, nesse desafio de se dizer escritora, porque também é um desafio a gente ter coragem de dizer que é escritora. Tem coragem de se dizer! Independente do lugar em que nós mulheres estejamos, é sempre um desafio se afirmar, porque o mundo dos homens, os espaços são deles, então eles ocupam quase que a totalidade de todos os espaços. Mas, eu acredito que algumas coisas eu vou fazendo intencionalmente, outras vão acontecendo, em coletivo” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Nesse momento, a identificação enquanto escritora surge para a cordelista não como uma construção isolada, mas relacional e coletiva, em contato com outras mulheres que já vinham se posicionando como escritoras no cordel sergipano. Ao nomear suas referências, Daniela se vê inspirada por mulheres negras que rompem o silenciamento histórico no cordel e que, ao partilharem suas vozes, deslocam os limites do possível para outras que virão. Nas linhas do cordel “Luta e arte: o meu traço é a poesia”, a autora define esse momento de se reconhecer autora a partir de outras:

*Comecei no verso livre,
Depois pro conto migrei.
Já fiz crônica e poema,
Alguns até publiquei.
Ganhei concurso de conto,
De verso também ganhei.*

*Porém já faz uma década,
Que estreei no cordel.
Inspirada em Elenilda
E também em Izabel,
Antes eu só escrevia
E guardava no papel.*

(Daniela, 2021)

“Antes eu só escrevia e guardava no papel”, com estes dois últimos versos Daniela sintetiza a importância de outras mulheres cordelistas na sua percepção como escritora, revela que, antes do contato com as poetisas, sua escrita permanecia íntima, guardada. O contato com outras poetisas possibilitou a virada para a autora: uma escrita pública, revelada. Assim, a identidade como cordelista emerge não apenas como particular, mas como fruto de um processo coletivo de reconhecimento e pertencimento. Sueli Carneiro (1997, p. 547) afirma que “a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro [...] como pelo afastamento do outro [...].” Isso significa que, para que houvesse o despertar de Daniela enquanto autora, foi necessário primeiro o reconhecimento e a aproximação com aquelas com quem ela desejava se identificar e um afastamento da lente do opressor, que deslegitima sua escrita. Esse movimento de aproximação e afastamento, para Carneiro (1997), é um recurso para romper com a lógica hegemônica que insiste em cristalizar e reduzir as identidades de mulheres negras. A autoria, nesse contexto, emerge como gesto político de afirmação e deslocamento de um lugar de silenciamento, para um lugar de protagonismo.

Diante disso, e abrindo o bloco sobre o cordel como expressão de denúncia e afirmação identitária, a cordelista recita, dando o tom da conversa:

*Amor, paixão, feminismo,
cabem dentro do cordel.

Aprendiz menestrel,
deixe de fora o racismo.

As expressões de machismo,
risque logo do glossário desse seu dicionário.
Oferecendo ao mundo ensinamento profundo
com dor no vocabulário.*

(Bento, 2024, em entrevista concedida à autora)

Ao reivindicar uma escrita pedagógica que rompa com os paradigmas misóginos, homofóbicos e racistas ainda presentes no cordel, Daniela revela marcas de uma identidade que já nasce à margem, deslocada do centro hegemônico. Sua escrita incorpora temas como amor, paixão, feminismo, machismo e racismo, pautas profundamente entrelaçadas à sua

vivência como mulher negra, lésbica e nordestina. Esses temas surgem como debates que seguem sua agenda política, como formas de reivindicação por um cordel mais plural e justo, apontando para a urgência de transformar uma realidade ainda marcada pela violência e pela exclusão. A cordelista pontua, completando: “o cordel é para mim a minha espada e o meu escudo. Porque é onde eu confronto a sociedade, é onde eu tenho coragem de dizer o que eu quero dizer. É onde eu tenho força, por assim dizer, para enfrentar e confrontar o machismo.” Daniela afirma:

“É doloroso você ver que a sociedade está muito fechada nessa cor do machismo, da misoginia, do racismo, da homofobia, da transfobia, da lesbofobia. O que eu posso fazer é minha escrita, é a minha formação de base que eu faço. Com uma ou outra, e a gente vê que isso vai surtindo algum efeito no mundinho. Algumas pessoas que chegam e dizem para mim, você me fez entender melhor, eu entendo hoje melhor isso por causa de você, por causa da sua atuação” (Bento, em entrevista concedida a autora, 2025).

A escrita, concebida como ferramenta de transformação social e inspiração para formação de novas identidades, opera nesse movimento pedagógico do reconhecimento, no “eu me entendo hoje melhor” porque “você me fez entender melhor”, como forma de sobrevivência e enfrentamento a uma sociedade que ainda insiste em perpetuar ideais machistas, racistas, transfóbicos e lesbofóbicos. Nesse contexto, a palavra escrita de Daniela não apenas narra, mas desestabiliza, provoca e reconfigura formas de ser e estar no mundo. Essas reivindicações também se fazem presentes nos versos de *Amores (Di)versos*, obra que completa a trilogia composta por *O Feminismo que Carrego* e *Coisa de Preto*, lançada em 2021. Com foco em problemáticas de gênero, raça e sexualidade, o livro traz à tona experiências marcadas por afetos e resistências. Em *Amores (Di)versos*, Daniela narra seu primeiro amor e o peso do silenciamento imposto pela heteronormatividade, revelando a dor de amar em um contexto onde certos afetos ainda são vistos como ilegítimos.

Eros, nosso deus do amor;

aplicou uma vacina

Bagunçou meu coração

mesmo eu quase uma menina

A paixão me dominou

Eu segui a minha sina

A Oxum é testemunha

*das vezes que me culpei
 Que chorei bem caladinha
 quanto amor silenciei
 Fazia oração, novena, muito tempo o sufoquei.*

(Bento, 2021)

Em seus versos, Daniela Bento mobiliza a força poética para narrar a experiência do amor interditado, tensionando os limites entre o sagrado e o profano, entre o sentir e o silenciar. A presença de Eros e Oxum na mesma estrofe é política: ao lado do deus do amor grego, Oxum, orixá do amor, da beleza e da fertilidade nas religiões de matriz africana, testemunha e acolhe o sofrimento de uma jovem negra que aprende desde cedo a esconder seus afetos. Este trecho expõe, sobretudo, o peso da opressão, vivida como um processo de culpa e autocensura, uma experiência comum a muitas meninas no percurso de afirmação de suas sexualidades. Esses processos, embora singulares em suas formas, compartilham marcas estruturais e, em diferentes graus, também atravessam a trajetória da autora desta dissertação, que se reconheceu como lésbica em um contexto atravessado por valores dogmáticos e cristãos. A experiência de Daniela há 40 anos transcrita em *Amores (Di)versos* se mostra como um reflexo direto das normas patriarcais, heteronormativas e racistas que continuam a moldar os espaços sociais, inclusive os religiosos, e que ainda operam como mecanismos de silenciamento e exclusão dos dissidentes.

Amores (Di)versos, assim como os outros títulos que compõem a trilogia, assume a função não apenas de testemunho, mas também de instrumento pedagógico e político. Grada Kilomba afirma que “essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político” (2019, p. 28) na trajetória de mulheres negras. Nesse movimento de reconstruir a si por meio de suas obras, Daniela recusa o lugar de objeto na narrativa e se coloca como sujeita, que escreve sua própria história, a partir dos seus próprios termos. A cordelista aponta essa potência política e intencionalidade em seus escritos:

“Então, eu trabalhei, eu vi que é uma trilogia, e ofereci para que as pessoas possam trabalhar esses temas de maneira leve dentro da sala de aula. Porque eles são muito didáticos, todas as minhas obras são didáticas do ponto de vista do que é o tema, do que a gente pode fazer, de como eu posso me posicionar, como é que eu posso agir contrário a isso” (Bento, em entrevista concedida a autora, 2025).

Daniela propõe um processo formativo que atravessa a poesia e articula afetividade e conscientização, criando pontes a partir do cordel. Do início da sua caminhada no cordel até

os dias de hoje, a autora incorpora em sua identidade de cordelista um posicionamento claro: a recusa, de forma veemente, de produzir cordéis de “gracejo”, aqueles que utilizam o humor como maneira de ofender o outro, reforçar estereótipos, sem qualquer intencionalidade pedagógica. Para ela, o cordel deve ser instrumento de reflexão, transformação e diálogo, e não de reprodução de violências. Daniela diz:

“Eu penso que as mulheres, independente do seu tempo, elas nunca gostaram de ser criadas, elas nunca gostaram de ser expostas de maneira ridicularizada em uma capa de cordel. Por isso, vou entrando no cordel desse jeito, desagradando, eu não vim ao mundo para agradar, mas fui ocupando espaço ali. Assim, eu cheguei aqui” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

A recusa de Daniela ao “cordel machista, que faz chacota de outras mulheres” e a escolha por uma escrita mais pedagógica e denunciativa ressoa nas reflexões de bell hooks (2019) e Patricia Hill Collins (2019) sobre o poder transformador da escrita das mulheres negras. Para ambas as autoras, a produção textual dessas mulheres não apenas reconfigura suas identidades, mas também tem o potencial de alterar criticamente os contextos sociais em que estão inseridas. Como destaca hooks:

Nós afirmamos os laços do passado, os vínculos do presente, quando reprendemos a nossa história, nutrimos e sensibilidade compartilhada que tem sido retida no presente, ligando esses gestos a luta de resistência, a um movimento de libertação que busque erradicar a dominação e transformar a sociedade (hooks, 2019b, p. 341).

Portanto, para cordelistas como Daniela, que rompem com os moldes tradicionais do cordel e expõem, sem reservas, suas impressões sobre a sociedade em que vivem, o fazer poético se torna um ato de resistência e de produção de saberes não hegemônicos. Sua escrita não apenas promove o próprio empoderamento, mas também fortalece coletivamente outras mulheres e grupos, contribuindo para o enfrentamento das opressões interseccionais de raça, gênero e classe que atravessam a vida em sociedade. Nesse sentido, como afirma Patrícia Hill Collins:

Uma relação dialógica caracteriza as experiências coletivas das mulheres negras e os conhecimentos que elas compartilham como grupo. Tanto individualmente como em grupo, a relação dialógica sugere que mudanças de pensamento podem ser acompanhadas de transformações em ações e que experiências alteradas podem, por sua vez, estimular uma mudança de consciência. Para as mulheres negras (...) como coletividade, a luta por um feminismo negro autodefinitivo ocorre por meio de um diálogo contínuo no qual ação e pensamento informam um ao outro (Collins, 2019, p.75).

Ao rejeitar essas formas, Daniela se apropria do poder da escrita como recurso de reconstrução da própria identidade, a partir das próprias experiências, um gesto que, como

também propõe Collins (2019), inaugura novas formas de existir e de narrar o mundo. Ao assumir esse lugar de autoria, Daniela não apenas autodefine sua trajetória, mas também abre caminho para que outras mulheres façam o mesmo, criando uma rede de fortalecimento mútuo por meio da escrita e da escuta. No tópico seguinte, aprofundaremos mais um fragmento dessa identidade construída no e pelo cordel: os atravessamentos da experiência coletiva com mulheres da zona rural, e como essa convivência impulsiona sua atuação política, afetiva e poética. Como spoiler desse momento destaco um trecho da fala de Daniela:

“A gente até despertou em alguns agricultores essa vontade que eles tinham para escrever, para compor. Eu sempre trabalhei também com mulheres, então buscando esse lugar da escrita também como lugar pedagógico, de você não só dizer as coisas de maneira técnica, mas você buscar ali um jeito de se dizer” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Aqui, Daniela deixa um rastro da sua escrita que não é solitária, mas coletiva. Uma escrita que ensina, acolhe e pavimenta caminhos para que outras pessoas também possam “se dizer”. O cordel, em sua prática, se torna um exercício de partilha e autodefinição, em que cada verso funciona como um convite à emergência de novas autorias. É poesia que não se encerra em si, mas que se expande no encontro com o outro, com a outra, criando redes de reconhecimento e fortalecimento mútuo.

Partindo do entendimento do cordel como espaço de reconstrução de identidade, denúncia e de um fazer coletivo, especialmente para mulheres negras, Izabel Nascimento enfatiza em um momento da entrevista: “Esse mundo não é bom para uma mulher negra, ainda mais para uma mulher negra que escreve.” A afirmação, carregada de lucidez, situa sua produção poética dentro de um movimento de resistência contínua às estruturas excluidentes que atravessam gênero, raça e autoria. Ela continua:

“Dentro de um movimento de denúncia, dentro de um movimento de insatisfação, porque esse mundo não é bom para quem é mulher. Esse mundo não é bom para uma mulher negra, ainda mais para uma mulher negra que escreve. Mas eu não nasci consciente disso. Eu fui entendendo o porquê das coisas, o porquê da falta de espaços, o porquê dos discursos, sabe?” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Essa consciência de si, que não nasce pronta, mas construída com o tempo, na escuta, nos silêncios impostos e nos enfrentamentos cotidianos, vira matéria-prima de sua escrita. O cordel para Izabel é recurso de interpretação do mundo e da própria existência, feita não só para narrar o vivido, mas para interrogar e deslocar as ausências que marcam sua trajetória e a de tantas outras mulheres negras. Izabel completa:

“O meu compromisso é o compromisso de me expressar. O meu compromisso é o compromisso de dizer as coisas que eu penso, de dizer como eu vejo o mundo, e principalmente das coisas que não me agradam no mundo, que poderia mudar. E eu entendo que a poesia, o cordel, ele tem uma potência” (Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Escrever cordel, no contexto demarcado pela cordelista, é ato político, é denúncia, mas também é gesto de reinvenção de si e do coletivo, numa perspectiva que se recusa à conformidade e propõe, em cada verso, novas possibilidades. Em seus versos na obra “Relato de Verso e Voz” percebemos como a autora articula a descoberta do amor pelo cordel com o reconhecimento de si, de sua identidade e da estrutura social que tenta apagá-la:

[...] Certo dia, abri um livro

Aos onze anos de idade

A leitura era um cordel

Demonstrei felicidade

Meu sorriso retratava

Naquela estrutura estava

Minha rica identidade

Eu segui pelos caminhos

das rimas sem sentir medo

Até que um dia, a história

Tirou da caixa um segredo

Mostrando o rosto imperfeito

Da sombra do preconceito

Torpe, vil, sujo e azedo.

[...] A mão de machismo pesa

O seu disfarce é ruim

Carrega na estridência

O joio da incompetência

Ainda hoje é assim.

(Nascimento, 2021)

A alegria inicial do reconhecimento se contrapõe à dor do amadurecimento, quando se torna inevitável perceber a presença do racismo e do machismo que estrutura os espaços. Essa descoberta marca uma experiência de iniciação enquanto cordelista atravessada por tensões sociais profundas, onde o encantamento com a leitura do primeiro verso em cordel se entrelaça ao desencanto com as violências estruturais que insistem em silenciar e excluir.

Diante desse contexto, Gloria Anzaldúa (2000, p. 230) nos convida a refletir profundamente sobre os desafios de se fazer ouvir sendo mulher, ao mesmo tempo em que evidencia a potência transformadora do ato de uma mulher negra que, por meio da escrita, se define por si mesma. Para a autora, mulheres “de cor” são combatidas e atacadas porque “desequilibraram e muitas vezes rompem as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos têm de nós”(Anzaldúa, 2000). A escrita dessas mulheres, portanto, não é apenas expressão: é afronta, é ruptura. Ao se denominarem autoras da sua própria trajetória, rejeitam o lugar de subalternidade. Anzaldúa continua:

Nós anulamos, nós apagamos suas impressões de homem branco. Quando você vier bater em nossas portas e carimbar nossas faces com ESTÚPIDA, HISTÉRICA, PUTA PASSIVA, PERVERTIDA, quando você chegar com seus ferretes e marcar PROPRIEDADE PRIVADA em nossas nádegas, nós vomitaremos de volta na sua boca a culpa, a auto-recusa e o ódio racial que você nos fez engolir à força. Não seremos mais suporte para seus medos projetados (Anzaldúa, 2000, p. 231, gripes da autora).

Esse fragmento visceral é um manifesto que demarca o lugar político da palavra para mulheres racializadas que, ao escreverem suas dores, também escrevem seus limites, suas insurgências e recusas das máscaras que tentam silenciar suas vozes. É a escrita como lugar de luta, onde se vomita de volta o ódio, o silenciamento e os estereótipos engolidos à força por séculos. Para muitas mulheres negras, como Izabel e Daniela, essa escrita é forma de (re)existir, resistir e reconfigurar sua identidade no mundo. Aqui é válido estender a análise e compreender que ser mulher, no Brasil, é conviver com o dado estarrecedor de uma violência a cada 12 segundos. Ser negra é ter 75% mais chances de sofrer violência física ou sexual³². Ser mulher e negra neste país é enfrentar, todos os dias, um apagamento sistemático da nossa cultura, estética e experiências. É aprender a construir autoestima sem espelho, em uma sociedade onde nossa existência é marginalizada.

Segundo Sueli Carneiro (2020), a violência colonial imposta pelos senhores brancos às mulheres negras e indígenas, e a consequente miscigenação forçada, está na base da construção da identidade nacional brasileira. A pesquisadora pontua:

³² O estudo foi realizado com mais de 1 milhão de dados do Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) do Ministério da Saúde, abrangendo o período de 2015 a 2022. É importante ressaltar que esses dados se referem às mulheres negras ou pardas que buscaram atendimento no SUS. Disponível em: [Sistema de Informação de Agravos de Notificação — Ministério da Saúde](http://www.saude.gov.br/estatistica/sistemas-de-informacao/sistema-de-informacao-de-agravos-de-notificacao)

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades, concretizando aquilo que Ângela Gilliam define como “a grande teoria do esperma em nossa formação nacional”, através da qual, segundo Gilliam: O papel da mulher negra é negado na formação da cultura nacional; a desigualdade entre homens e mulheres é erotizada; e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance (Carneiro, 20201 p.49-58).

Os impactos desse estigma atravessam as cordelistas sujeitas desta pesquisa em dimensões múltiplas, tangíveis e intangíveis, e vemos o reflexo disso em seus posicionamentos, nas relações interpessoais e no modo como suas poesias são percebidas e aceitas pelo público, dentro e fora dos espaços normativos. Aqui fica ainda mais interessante entender, como diante de contextos tão desafiadores, tanto no plano macro, marcado pelas violências estruturais enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil, como no plano situado, que envolve as dinâmicas exclucentes dentro do universo do cordel, essas autoras não apenas conquistaram e ocuparam espaços de poder, como também têm atuado ativamente na desconstrução de hegemonias. Por meio do cordel, abrem caminhos para que outras mulheres possam reescrever suas trajetórias a partir de seus próprios pontos de vista. É uma estratégia potente de resgate e reconstrução, que disputa narrativas e afirma novas possibilidades de existência. Como Anzaldúa (2000), suas palavras não pedem licença, elas ocupam, confrontam, desestabilizam e dizem “não seremos mais suportes para os seus medos”.

É no cordel, como meio pedagógico e veículo de denúncia, que essa força se faz potente: elas tomam para si uma posição duplamente negada. Da ausência caminham até a evidência! Os atravessamentos políticos e sociais costuram suas experiências, que, embora distintas em seus percursos, se encontram na escolha de uma poesia comprometida com o coletivo. Ambas compreendem o cordel como crônica das dores e das resistências cotidianas, como “espada e escudo” diante de violências. E mais: como território de reinvenção, onde a palavra, atravessada pela experiência, deixa de ser apenas verso para se tornar possibilidade.

3.3 Da ausência a evidência: a cordelista ocupa espaços de poder

*Nada do que eu fiz ficou isento de crítica. Nada.
Nada do que eu fiz passou livremente pela trajetória,
pela comunidade que eu faço parte. Nunca aconteceu.
O que me faz continuar? Eu acredito que é a certeza
que eu tenho do que eu faço.*

(Izabel Nascimento, trecho da entrevista concedida a autora)

O que acontece quando duas cordelistas ocupam espaços de poder? Ao dar início a análise desta dimensão e lançar luz sobre o protagonismo de Izabel Nascimento e Daniela Bento no cordel, os questionamentos sobre os desafios enfrentados ao ocuparem espaços de poder no cordel são inevitáveis. Mais de 80 anos se passaram desde que Maria das Neves Batista Pimentel precisou ocultar sua autoria sob um pseudônimo masculino para publicar seu primeiro folheto, e, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação, a crítica feminista no cordel tem se dedicado em reconstruir essa história de silenciamento. Ainda assim, como revela Izabel em entrevista para este estudo, os desafios continuam: “Quando a gente vê uma mulher no protagonismo, pode verificar que ela está sofrendo muitas críticas. Porque a gente não vive numa sociedade preparada para ver uma mulher protagonista.” Sua fala inicial direciona os holofotes para os mecanismos sutis, e nem sempre tão sutis, de controle e manutenção de poder da ordem patriarcal: a crítica constante, o julgamento moral e a tentativa de deslegitimação.

Com o intuito de alcançar o segundo objetivo específico desta dissertação que é analisar o uso que as duas autoras fazem das tecnologias digitais e das redes sociais como ferramentas de criação de novos formatos de cordel, de circulação das suas obras e de comunicação com diferentes públicos, além da intervenção cultural em rede, neste momento, e no tópico posterior, propomos um aprofundamento sobre a experiência das cordelistas em espaços de poder, bem como uma compreensão ampliada dos territórios que ocupam. É proposta uma reflexão sobre o cordel que se materializa no folheto impresso e nos palcos, mas que também vive, circula e se expande na era digital. Nos baseamos nas falas de Izabel Nascimento e Daniela Bento com um olhar voltado à convergência de suas trajetórias para o enfrentamento dos mecanismos de manutenção de um sistema que exclui mulheres dos espaços de poder, discutidos anteriormente. Demarcamos, primeiramente, que essas trajetórias partem de um ponto de vista situado. Este conceito, por seu caráter político, articula-se como uma categoria política ativa no feminismo negro e interseccional. No contexto brasileiro, Lélia Gonzalez (1984) foi pioneira ao denunciar a falácia da universalidade da categoria “mulher”, afirmando que as análises de gênero que ignoram as intersecções com raça e etnia reproduzem silenciamentos históricos. Para a autora, a mulher negra deve ser colocada no centro da crítica, uma vez que sua experiência encarna múltiplas opressões, de classe, raça e gênero e, ao mesmo tempo, aponta caminhos de resistência e reconfiguração dos saberes.

Djamila Ribeiro (2017) complementa a perspectiva de Lélia ao afirmar que o feminismo negro busca precisamente deslocar o eixo da fala para que as experiências de mulheres negras possam produzir narrativas que as contemplem e as representem. O “lugar de fala”, ou como preferimos nomear, o saber localizado, não é, portanto, uma essência identitária, mas uma posição construída historicamente, permeada por processos de exclusão e tomada de consciência. Nesse sentido, Ribeiro e também Sueli Carneiro (2008) argumentam que reconhecer a importância do saber localizado implica também reconhecer as estruturas de poder que determinam quem pode falar, quem é ouvido e quem é constantemente silenciado.

Na epistemologia feminista, Sandra Harding (2003) e Patricia Hill Collins (2016) introduzem a noção de “standpoint” como uma perspectiva situada de conhecimento que emerge das experiências concretas dos grupos marginalizados. Esse lugar, de onde se fala, se escreve e se denuncia, se torna um ponto de produção de saber, não por sua neutralidade, mas precisamente por sua parcialidade consciente e politicamente situada.

Tanto para Izabel Nascimento quanto para Daniela Bento, a ocupação de lugares institucionais e de poder enquanto mulheres negras cordelistas foi marcada por enfrentamentos já nos primeiros passos. Um dos episódios fundadores dessa caminhada ocorreu em 2017, com a criação da Academia Sergipana de Cordel, a primeira do país a ser presidida e fundada por mulheres. Daniela Bento, de início inclinada a recusar o convite feito por Izabel Nascimento para fazer parte do quadro da academia, acaba sendo convencida pela cordelista com a promessa de uma “academia diferente”, popular. Sua fala revela o processo de tomada de consciência quanto ao papel político de sua presença ali:

“Fui convidada diversas vezes, e nunca aceitei. Mas, Izabel disse: não, a gente é uma academia que não vai seguir esse rito, seremos uma academia popular. Me convenceu! Preciso estar aqui, eu preciso estar para fazer diferente. Eu não posso estar aqui numa academia de cordel e escrever cordel machista, escrever cordel racista, escrever um cordel de humor que fere um gordo ou de humor que fere a pessoa especial. Me causa incômodo essa naturalidade de ter uma literatura blindada para ofender quem você quiser” (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Nesse gesto de aceitação crítica, Daniela rompe com a passividade esperada para as mulheres nos espaços historicamente dominados por homens e reivindica a responsabilidade da autoria como compromisso com a diversidade e a coletividade, “não vim ao mundo para agradar, entro no cordel escrevendo e desagradando muitos cordelistas”, completa Daniela. Sua fala traduz o desconforto diante de uma “literatura blindada”, expressão que aponta para a naturalização de violências travestidas de “humor” no cordel. Aqui, o cordel é reposicionado:

não mais como reproduutor de opressões, mas como instrumento de enfrentamento e reeducação artística e política.

Patricia Hill Collins (2019a) nos ajuda a compreender a complexidade desse gesto ao apontar que determinados espaços institucionais, como as Academias de Cordel, podem refletir a natureza dialética da opressão e do ativismo, ou seja, são, ao mesmo tempo, locais de controle e potenciais territórios de ruptura. Para a autora, esses espaços tornam-se perigosos quando acolhem vozes dissonantes que expõem insatisfações e desestabilizam narrativas normativas. E completa: “o ato de usar a própria voz requer um ouvinte, e assim se estabelece uma conexão” (Collins, 2019a, p. 281). Ao recusar o silêncio e o consenso forçado, Daniela dita o tom da sua entrada na Academia Sergipana do Cordel.

Ao longo da entrevista, ela reconhece neste momento o peso de se posicionar ao lado de Izabel Nascimento, uma mulher que, segundo suas palavras, “sempre está do lado contrário do rebanho”. Daniela afirma:

“Eu digo que para mim foi, de certo modo, confortável, entre aspas, porque eu entro com a chancela de Izabel, que é uma figura que tem uma relevância muito grande para o cordel brasileiro. A Izabel é conhecida nacional e internacionalmente. Então, por esse lado, ninguém disse não, assim, abertamente. Mas, por Izabel também sempre estar se posicionando do lado contrário do rebanho, então, automaticamente, eu já entro no cordel recebendo também sobre mim, o peso do enfrentamento de Izabel, porque eu sempre estou ao lado de Izabel, sempre me posicionei ao lado dela” (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Com essa postura, se colocando “do lado contrário do rebanho”, Izabel conta que ao assumir a presidência da Academia Sergipana de Cordel em 2017, sendo a primeira mulher a organizar e presidir a instituição, também recebeu críticas intensas e abertamente hostis à sua posição na academia. “As resistências, dentro da literatura de cordel, no meu entendimento, são declaradas mesmo. Sabe? Não é nada velado não, elas são abertas mesmo”, diz a cordelista, apontando que o cenário do cordel em Sergipe ainda era um campo de disputa hostil para uma mulher em posição de liderança.

“As resistências, dentro da literatura de Cordel, no meu entendimento, são declaradas mesmo. Sabe? Não é nada velado não, elas são abertas mesmo. Porque muitos homens se sentem muito à vontade para criticar uma mulher quando ela está numa liderança. E se você tem muita vontade de dizer o que pensa sem medir as palavras ou sem observar a veracidade das informações. Então, nós fomos muito criticadas. Dentro da academia, que era uma academia que já foi fundada com um número representativo de mulheres cordelistas, observando a cena nacional das academias literárias de Cordel, nós fomos muito criticadas, mas nós passamos por todo esse processo compreendendo a importância dele” (Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Em 2018, já dentro da academia e ao lado de Daniela Bento, a cordelista se posiciona mais uma vez contra o rebanho, e organiza a antologia ***Das Neves às Nuvens, primeira antologia de mulheres no cordel***, que também é rememorada como ato de enfrentamento às estruturas patriarcais que insistiam em silenciar e excluir as mulheres que estavam transformando o cenário do cordel sergipano. Publicada no calendário editorial da Academia Sergipana de Cordel (ASC), a antologia contou com autoras de 15 a 88 anos, incluindo membros da ASC e convidadas especialmente para o projeto, a obra é dividida em 17 temas, cada um refletindo as experiências, desafios e conquistas das poetisas desmembrados no quadro a seguir.

Quadro 04 – Temas centrais na I Antologia de Mulheres do Cordel Sergipano

Cordelista	Títulos	Temas centrais
Alaíde Souza Costa	<i>“Nas trilhas do cordel”</i>	<ul style="list-style-type: none"> ● Infância; ● Família; ● Educação; ● Memórias; ● Ser mulher autora de cordel.
Alda Santos Cruz	<i>“Minha história e o cordel”</i>	<ul style="list-style-type: none"> ● Família; ● Educação; ● Pertencimento; ● Trabalho; ● Machismo; ● O encontro com o cordel; ● Memórias.
Ana Reis	<i>“Minha trajetória no mundo do cordel”</i>	<ul style="list-style-type: none"> ● Disseminação da cultura popular; ● Autoria de mulheres no cordel; ● Machismos; ● Liberdade; ● Família; ● Trajetória nos estudos; ● A escrita como ato de liberdade.
Ana Peixoto	<i>“A menina e o cordel”</i>	<ul style="list-style-type: none"> ● Família; ● Trabalho; ● As primeiras escritas; ● Amar e viver o cordel.
Ana Nascimento	<i>“Não pus no esquecimento. As coisas do meu passado”</i>	<ul style="list-style-type: none"> ● Passado; ● Família; ● Memórias; ● Saudade; ● Pertencimento.

Daiene Sacramento	<i>“Dos caminhos percorridos”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Cordel; • Pertencimento; • Memória; • Família; • Resistência; • Força; • Autovalorização; • Poesia Marginal.
Daniela Bento	<i>“Luta e arte: o meu traço é a poesia”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A escrita feminina; • Cordel feito no Brasil; • Machismos; • Enfrentamentos; • Feminismos; • Poetas como resistência.
Denilsa de Oliveira Santos	<i>“Eu e o cordel”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto pela rima; • Relação maternal; • Trabalho e literatura; • Cordel e cultura popular;
Erika Santos	<i>“Sempre seja o melhor de você”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Relações familiares; • Desafios e conquistas; • Amizades e apoio; • Empoderamento; • Religiosidade.
Isis da Penha	<i>“O casamento de Ísis”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Romance com o cordel; • Desafios em ser mulher; • Escrever como o dom; • Solidão; • Coletividade.
Isabela Alves	<i>“Um pedacinho do I”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Itabaiana; • Pertencimento; • Raízes; • Desafios; • Escrita no cordel; • Machismos; • Conquistas.
Izabel Nascimento	<i>“Relato de Verso e Voz”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Cordel como porta-voz; • Coletividade; • Família; • Poetas sergipanas; • Trajetória no cordel; • Machismos; • Enfrentamentos.

Joelma Martins	<i>“Das Marias que conheci, em princesas e rainhas as transformei”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • A força da união de mulheres; • Enfrentamentos; • Empoderamento de outras mulheres; • Mulheres que levantam e impulsionam outras mulheres; • Força e divindade.
Maria Salete Nascimento	<i>“Retalhos da minha vida”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Trajetória; • Família; • Confiança; • Educação; • Sergipe; • Pertencimento; • Superação; • Mulher sinônimo de força e superação.
Mariana Felix	<i>“Retratos em versos”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Luta; • Cotidiano; • Maria das Neves; • Trabalho; • Família; • Valorização da educação; • Pertencimento; • Dores e vitórias em ser cordelista e mulher.
Nilza Cordel	<i>“O cordel nosso de cada dia”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Cordel e poder; • Pensamento como novelo de ideias; • A união de mulheres no cordel; • Pertencimento a poesia.
Quitéria Gomes	<i>“O remo, o rio e a poesia que me navegam”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Pertencimento; • Ribeirinho; • Trajetória; • A escrita no cordel; • A vida ribeirinha; • O descobrimento da poesia; • Vivências do rio.

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os cordéis produzidos pelas cordelistas para a primeira Antologia de Mulheres do Cordel Sergipano, conforme demonstrado no quadro anterior, revela não apenas uma multiplicidade de vozes relatando experiências plurais, mas também as camadas que atravessam as trajetórias das escritoras enquanto mulheres, nordestinas, filhas, mães, avós, e, sobretudo, autoras. Temas como infância, família, educação, religiosidade, raízes, ancestralidade e pertencimento costuram uma escrita que se ancora nas memórias afetivas e

nas vivências comunitárias das poetisas. Essa escrita, profundamente encarnada no cotidiano, funciona como arquivo de experiências silenciadas, tornando-se ferramenta de construção identitária. Por outro lado, a recorrência de temas como enfrentamento ao machismo, resistência poética, empoderamento, autoria feminina e feminismo aponta para a apropriação do cordel também como um espaço de disputa política e resistência às opressões. As cordelistas não apenas narram suas vivências: elas tensionam, denunciam e reconstroem.

Em um dos versos que abre a antologia *Das Neves às Nuvens*, a cordelista Alaíde Costa expressa, com sensibilidade e orgulho, a importância da obra. Seu poema rememora o momento em que foi convidada por Izabel e Daniela para participar da antologia, revelando tanto a emoção quanto a potência transformadora do acolhimento:

*“(...) Por um grupo de poetas
 Fui convidada, um dia
 A publicar os meus textos
 E recitar poesia
 Nos Saraus e Eventos
 Me desfiz em agonia.*

*Foi em um desses saraus
 Que conheci Izabel
 Poeta que me encanta
 Ela é um Menestrel
 Cordelista de primeira
 A rainha do cordel.*

*Nesse tempo eu já era
 Poeta profissional
 Postei textos pelo mundo
 Que coisa sensacional
 Com livro meu editado
 Escritora? Que legal (...)”*

(Alaíde Costa, 2018)

A presença do cordel de Alaíde na abertura da antologia não é aleatória, ela representa

a materialização do reconhecimento entre mulheres que, ao se encontrarem e se fortalecerem umas nas outras, reconhecem-se como escritoras, perdem o medo de se afirmarem como cordelistas e conseguem enxergar toda a extensão da sua escrita. É nesse gesto coletivo que muitas delas se despem de seus medos e sobem em palcos, ecoam suas vozes nos saraus e nos eventos, e passam a enxergar a potência de reescrever a própria história, sobre os seus próprios termos, em todo seu protagonismo.

Além de reunir cordelistas de diversas gerações, a publicação também cumpre a importante missão de homenagear Maria das Neves Batista Pimentel, primeira mulher a publicar um cordel no Brasil. Se antes era preciso se esconder sob pseudônimos para uma mulher assinar um cordel, como fez Neves em 1938, hoje as cordelistas reivindicam o direito de narrar suas próprias histórias em plena voz. Do esconderijo nas sombras (*Das Neves*), elas ascendem ao lugar do reconhecimento e da visibilidade (*Às Nuvens*), reivindicando em um conjunto de versos o protagonismo que por tanto tempo lhes foi negado.

No cordel “*Luta e Arte: o meu traço é a poesia*”, que integra a antologia *Das Neves às Nuvens*, Daniela Bento aproveita o espaço e fala desse movimento de reivindicação através da autoria de mulheres no cordel:

“(...) *A mulher tem desafio*

Em tudo que é lugar.

Toda vez que nós ousamos

Algum lugar ocupar;

Sempre que damos um passo,

Alguém vem logo julgar.

Na medicina, direito....

E, com pesar, no cordel,

A mulher também é vítima

De um machismo cruel.

No registro da história,

Onde está a menestrel?

Para quebrar essa sina,

Vamos pondo no papel

Nossa vida, nossa história...

*Romper silêncio cruel,
Para que o mundo saiba
Das mulheres do cordel.”*

Sobre romper silêncios, Conceição Evaristo (2007), em *Becos da Memória*, destaca a importância da insubordinação na escrita de mulheres que, como Daniela Bento e Izabel Nascimento, ousam narrar suas próprias experiências a partir de seus próprios termos. Essa insubordinação não é apenas uma atitude de enfrentamento, mas um gesto de autonomia epistemológica: ao escreverem suas vidas, essas mulheres subvertem a lógica que historicamente as posiciona como objeto de discursos e se afirmam como sujeitas da narrativa, autoras de si e do mundo que as cerca. Conceição diz:

Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. (...) Em se tratando de um ato empreendido por mulheres, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, p. 85-94).

Izabel conta que este primeiro ato de insubordinação à hegemonia existente dentro do cordel não passou ilesa às críticas e ao deboche de alguns cordelistas, todos homens:

“Nós fomos muito criticadas quando lançamos a antologia das mulheres cordelistas em Sergipe, porque era um livro só de mulheres e evidente que a proposta era essa. Naquela ocasião fazia 80 anos da primeira publicação de mulheres, da primeira publicação feminina de Cordel que você tem notícia. E, depois daquele lançamento, alguns homens da própria academia queriam que nós fizéssemos uma publicação só de homens, observando que nós, nós mulheres, teríamos que organizar uma publicação, ou seja, teríamos que trabalhar a serviço de uma publicação feita só de homens, porque eles estavam incomodados com o que nós estávamos fazendo. Uma publicação só de mulheres” Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

A partir da força do depoimento de Izabel Nascimento, nasce uma reflexão sobre o lugar ocupado pelas mulheres, especialmente as mulheres negras, nos bastidores da criação, como suporte invisível do protagonismo masculino. Ao dizer que se “esperava que elas organizassem uma antologia só de homens”, Izabel denuncia o desejo ainda persistente dos cordelistas em relegar as mulheres ao papel de serviço, enquanto sua própria centralidade é invisibilizada. O incômodo causado pela publicação da I Antologia das Mulheres no Cordel

Sergipano não se limitou ao teor da obra, mas foi uma reação direta ao deslocamento de poder: pela primeira vez, o holofote estava sobre elas, escritoras, organizadoras, criadoras das próprias narrativas sobre si naquele espaço.

Figura 13 – Capa e contracapa da I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano.



Fonte: registro da autora desta dissertação, 2025³³.

E que resultado temos quando os holofotes se voltam para as mulheres que sempre estiveram à margem da sociedade? Ainda sobre a construção da I Antologia das Mulheres no Cordel Sergipano, Izabel escreve em seu prefácio:

É preciso dizer que o resultado, por mais importante que seja (e sabemos que é), não poderá ser comparado ao processo de construção deste trabalho. Escrever sobre nós foi libertador; construir cada detalhe deste enredo foi emocionante; reconhecer-se nos versos das outras mãos foi uma transformação. Não somos mais as mesmas mulheres, somos partes de cada uma, compartilhada e revigorada na energia de TODAS. (Nascimento, 2018)

³³Fotografia da capa e contracapa da primeira Antologia de Mulheres do Cordel Sergipano feita pela autora.

Do processo ao resultado, cada verso, decisão editorial e tema abordado foi tecido por múltiplas mãos. A antologia não se limita à reunião de textos, ela é um manifesto de coletividade. Para Daniela Bento, atual presidente da Academia Sergipana de Cordel, a ruptura do machismo no cordel se faz justamente a partir da coletividade, da escrita que evoca TODAS.

Só dá para a gente ir coletivamente. Eu, quando não consigo fazer as coisas muito coletivas. Toda obra, no caso, que lanço no cordel, como a antologia, desde a capa, a concepção, a editora, tentamos trabalhar com mulheres. Quando lancei “Amores Diversos”, tentei trazer a cadeira LGBT, então, design, diagramação, ilustração, eu vou tentando ir me coletivizando. Criando esses espaços. Para ir criando essa construção também para a obra. Então, assim, eu estou agora para publicar esse dado da Beatriz Nascimento. Eu quero trazer também uma galera negra, artista plástico, que se autodeclare como negro, como negra, para dar esse lugar também de apresentar (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Ao afirmar que “só dá pra gente ir coletivamente”, Daniela não apenas aponta para a importância da colaboração, mas também reconfigura o próprio campo do cordel. Sua escolha por processos editoriais colaborativos, da concepção gráfica à publicação, materializa essa vontade de criar em coletivo, onde a obra não é centrada na autoria, mas partilhada por meio da sua concepção. Mais uma vez, sua escrita se converte em “espada e escudo”, metáfora que a própria Daniela evoca para nomear o poder de enfrentamento que o cordel lhe oferece, um enfrentamento à exclusão, à misoginia e à heteronormatividade que historicamente silenciaram mulheres cordelistas. Audre Lorde (2019) ilumina esse posicionamento ao afirmar que a raiva das mulheres negras, quando nomeada e direcionada, pode se tornar um motor de transformação:

Toda a mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser útil contra opressões, pessoais e institucionais, que são a origem da raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou uma redução temporária das tensões, nem a habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas (Audre Lorde, 2019, p.160).

Ao inserir múltiplos corpos na produção do cordel, Daniela vai além da autoria pela autoria e propõe uma transformação: um cordel insurgente, onde escrever passa a ser também um ato de convocar o outro (a outra) para dentro da história. Aqui, o conceito de bell hooks (2019) que discorre sobre uma escrita de si, ao mesmo tempo pessoal e coletiva, encontra ressonância: não há empoderamento isolado. A transformação do eu só é possível na relação com o nós.

Izabel, nos espaços de poder que ocupou durante sua trajetória, nos convida a compreender o cordel como um campo relacional e diverso, em que a autoria deixa de ser um ato solitário para se tornar um gesto de cuidado coletivo, de construção de vínculos e de reconfiguração dos papéis de gênero.

“É claro que os comentários continuam, as críticas continuam, o trabalho das mulheres, a ação das mulheres continua incomodando, o protagonismo das mulheres continua incomodando, quem é cordelista, quem não é, mas é uma ação muito importante que a gente precisa continuar fazendo. Quando as mulheres ganham confiança de fazer segurança, fortalecimento, e aí essa ações ela acontece de uma forma em que quando a gente se une, a gente se fortalece. Quando isso acontece, aí o machismo recua, ele não acaba, ele recua. Porque ele vê que nós temos essa força, essa potência, essa possibilidade de denunciar. Dentro de um cordel e fora dele” (Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

A potência coletiva que Izabel Nascimento articula em sua trajetória também se revela, de maneira particular e visceral, na caminhada de Daniela Bento. Se Izabel funda espaços institucionais e se projeta em ações de grande alcance, como a Casa Cordel e a presidência da ASC, Daniela atua com força nas comunidades rurais, nas escolas públicas, nas rodas de mulheres agricultoras, onde o cordel não é apenas literatura, mas pedagogia do cotidiano.

‘Independentemente da literatura, independente de qualquer coisa, eu posso dizer que o território aqui do Alto Sertão Sergipano, onde eu tenho trabalhado durante muito tempo, desde 2008, nesse território, eu fui muito acolhida pelos agricultores, pelas agricultoras. E acho que, inclusive, nesse nosso jeito de fazer cordel brincando, a gente até despertou em alguns agricultores essa vontade que eles tinham para escrever, para compor. Eu sempre trabalhei também com mulheres, então buscando esse lugar da escrita também como lugar pedagógico também, de você não só dizer as coisas de maneira técnica, mas você buscar ali um jeito de se dizer, sobretudo para trabalhar com as mulheres, eu sinto que aqui no sertão, no meu fazer com as comunidades, eu fui muito acolhida. Agora, o machismo é igual em todo o campo, não muda’ (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida à autora).

Trabalhando com as mulheres da zona rural desde 2008, Daniela atua com uma concepção de autoria que rompe mais uma vez com o individualismo, com as fronteiras entre o campo e a cidade, e as barreiras do machismo. Ao afirmar que escreve “em coletividade”, ela não está somente compartilhando o fazer técnico da escrita de cordel, está sendo atravessada pelas vivências de suas leitoras enquanto escreve cordel como recurso pedagógico para alcançar a identificação dessas mulheres, buscando “um jeito de dizer” que a aproxime do seu público, como um gesto político de se fazer para, ao mesmo tempo, que faz junto dessas mulheres sertanejas.

À exemplo, em 18 de junho de 2021, Daniela Bento, em iniciativa com o Governo do Estado de Sergipe e a Secretaria de Estado da Agricultura (SEAGRI), lançou um projeto voltado para 320 mulheres rurais de 32 comunidades sergipanas. Na ocasião, a autora desta dissertação, ainda enquanto estagiária na ASCOM da SEAGRI, acompanhou e redigiu o release de divulgação do evento. O lançamento contou com um seminário virtual que reuniu apresentações artísticas e falas de mulheres engajadas, evidenciando a força da articulação entre arte, política e território no protagonismo feminino rural.

Figura 14 – Lançamento da Comissão Estadual de Gênero para Mulheres Rurais.



Fonte: Divulgação SEAGRI³⁴.

Na ocasião, além da criação da comissão, também foram propostas outras metas de gênero no estado, como delinear uma estratégia de internalização da ação das Cadernetas Agroecológicas³⁵ enquanto política pública. É válido pontuar aqui que a análise do perfil das agricultoras participantes do projeto realizada pelo Programa das Nações Unidas para o

³⁴Disponível em: [Sergipe lança Comissão Estadual de Gênero para Mulheres Rurais - SEAGRI](#). Acesso em 04 maio 2025.

³⁵ A Caderneta Agroecológica é um instrumento político-pedagógico criado em 2012 pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Na caderneta, é registrado o consumo, a doação, a troca e a venda da produção, sob responsabilidade das mulheres. Segundo dados do Governo de Sergipe, 118 mulheres usaram a ferramenta.

Desenvolvimento (PNUD) revelou que cerca de 75% eram mulheres negras, 16% se identificavam como quilombolas e 9% residiam em assentamentos rurais. Em relação ao nível de escolaridade, os dados apontavam que aproximadamente 40,5% possuem o ensino fundamental incompleto, 4,35% eram analfabetas e apenas 2,5% concluíram o ensino superior, um retrato que evidencia desigualdades de acesso à educação e às oportunidades para as moradoras das zonas rurais de Sergipe.

As múltiplas camadas de exclusão que incidem sobre as mulheres da zona rural, que atravessam as questões que atravessam raça, gênero, territorialidade e modos de saber não hegemônicos, impõem obstáculos significativos ao acesso à equidade. Ainda assim, essas mulheres têm encontrado brechas no sistema a partir da organização coletiva, reinventando modos de existir e resistir às estruturas de opressão.

No lançamento da Comissão, a cordelista Daniela Bento, que atuava como consultora da PNUD e assessora do projeto Dom Távora³⁶, compartilhou os resultados iniciais da implementação das Cadernetas Agroecológicas em Sergipe e destacou a centralidade do engajamento das mulheres para o aumento do cultivo e distribuição de alimentos entre o campo e a cidade, reforçando também o conhecimento, a força das mulheres sertanejas e o papel estratégico que elas desempenham na economia local:

“Vislumbramos as contribuições que essas mulheres dão para que os produtos do campo cheguem até a cidade, e o tamanho da força e do poder de cada uma delas. O empoderamento, como prática política das mulheres, tem relação direta com a participação plena e efetiva das mulheres e com a igualdade de oportunidades para a liderança, em todos os níveis de tomada de decisão, na vida política, econômica, pública e privada” (Bento, 2021).

Essa potência da mulher sertaneja se insere em um panorama mais amplo: conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), 77% dos 93 mil estabelecimentos rurais sergipanos são compostos por pequenos produtores. Em nível nacional, a agricultura familiar é responsável pela maior parte da produção de alimentos destinados ao consumo da população. Inserida neste panorama, a Comissão Estadual de Gênero para Mulheres Rurais, desde o seu lançamento através das iniciativas de Daniela e das instituições estaduais, têm desempenhado um papel fundamental no estímulo ao empoderamento econômico e político das mulheres, tanto no espaço público quanto no

³⁶ O Projeto Dom Távora foi desenvolvido pelo Governo de Sergipe em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, com o intuito de reduzir a pobreza rural por meio do apoio sustentável a pequenos produtores, fortalecendo a segurança alimentar e promovendo a inclusão e a geração de renda na zona rural.

privado. A iniciativa beneficiou diretamente mais de 320 agricultoras em 32 comunidades rurais, distribuídas em 15 municípios do estado de Sergipe.

Nesse contexto, Daniela Bento articula sua trajetória como cordelista, consultora e educadora popular, alinhando às agendas globais de desenvolvimento sustentável a luta da mulher do campo. Em entrevista, a autora destaca que nada em sua trajetória é aleatório, sobretudo seu engajamento nas comunidades rurais. O cordel, para ela, é um recurso para falar o que precisa ser dito, e ser, de fato, compreendida. A autora questiona o sentido de “produzir sem veneno”, expressão muito usada no meio agrícola para sustentar o silêncio sobre pautas políticas. A frase carrega sentidos ambíguos: ao mesmo tempo em que remete à produção orgânica e familiar de alimentos livres de agrotóxicos, também sugere uma postura passiva, que não confronta as estruturas patriarcais ainda presentes no meio rural. Para a cordelista, “produzir sem veneno” não pode significar calar, nem na terra, nem na palavra. Sua escrita e os projetos que idealiza e executa têm um objetivo claro: refletir, visibilizar e posicionar a mulher que vive da agroecologia como protagonista de seu território e agente ativa de transformação social, mesmo que venha a desagradar:

“Tem uma coisa que eu sempre discuti na agroecologia com a galera, é que na agroecologia teve, durante um tempo, um debate de que era você produzir sem veneno. Produzir sem veneno. Mas eu dizia, não adianta a gente produzir sem veneno e continuar aguando as plantas com o sangue das mulheres ou com a lágrima das mulheres que estão subjugadas. A gente precisa discutir. Então, eu escrevo pensando nesse lugar, de refletir essa parte da mulher também e dizer para elas: olha, a gente disse que é produtora agroecológica, mas a gente precisa romper com um bocado de coisa que nos amarra aqui, do não julgamento, essa coisa toda” (Bento, 2024, em entrevista concedida a autora).

Esse “bocado de coisas” que Daniela levanta em seu posicionamento diz respeito, sobretudo, aos lugares que são atribuídos às mulheres, muitas vezes lugares violentos e restritivos. A professora e pesquisadora Maria Franco Garcia (2015), em seu trabalho *“Trabalhadoras rurais e luta pela terra no Brasil: interlocução entre gênero, trabalho e território”*, nos ajuda a compreender mais profundamente o papel atribuído à mulher do campo aos olhos de seus companheiros. Segundo ela, essas mulheres são frequentemente vistas apenas como “companheiras de luta” e de “lida³⁷”, valorizadas sobretudo por sua capacidade de trabalho e resistência física, o que limita suas identidades a uma função utilitária mesmo em contextos mais combativos, como o da luta agrária. Essa visão é ilustrada na fala de um coordenador de acampamento do MST entrevistado pela autora:

³⁷ Termo que faz referência ao trabalho, ao trabalho duro diário dos agricultores.

Muitas mulheres aqui neste acampamento dão de mil num homem. Trabalha muito, tem mulher que mora sozinha num barraco. Ela vai para o lote prepara o lugar para fazer o barraco, tudo sozinha [...] a mulherada aqui dentro não tem tempo ruim. Elas são muito para frente. Para elas não muda nada quando peguem o lote, se vão trabalhar mais ou menos. Não muda nada porque são muito trabalhadeiras” (Trabalhador rural acampado no Padre Josimo e militante do MST).

Para a professora Maria Franco Garcia, a militância política na luta organizada e na mobilização dos assentados é um espaço de disputa e participação, mas, na prática cotidiana, são as mulheres, especialmente aquelas casadas e com responsabilidades familiares, que enfrentam as maiores dificuldades para se engajar ativamente em suas pautas. Ela pontua que, em parte, isso se deve ao peso desproporcional da rotina que acumulam, marcada por uma intensa carga de trabalho doméstico e extra doméstico.

O cotidiano relatado pelas mulheres, especialmente as casadas com responsabilidades familiares, mostra maiores dificuldades de participar devido ao peso da sua rotina de trabalho doméstico e extra doméstico, que se acentua no assentamento onde se faz patente a dupla jornada de trabalho. Além do mais, na percepção das assentadas fica claro que a participação feminina é limitada por constrangimentos fundados nos papéis de gênero (Garcia, 2015, p. 7-8).

Com base nos relatos de Daniela Bento e nas análises da professora Maria Franco Garcia, é possível compreender que as desigualdades de gênero apontam, a partir de lugares distintos para uma naturalização dos papéis atribuídos às mulheres rurais, que são constantemente vistas como “trabalhadeiras”, “ajudantes”, “servis”, mas não como protagonistas e autoras de suas próprias narrativas. Ao denunciar os sentidos ambíguos de expressões como “produzir sem veneno”, Daniela desafia também as práticas agroecológicas que se mostram sustentáveis, mas que silenciam as violências de gênero que atravessam as mulheres sertanejas. Sua escrita, ao mesmo tempo poética e insurgente, atua como um contraveneno, desnaturalizando a subalternização das mulheres. Complementarmente, Garcia evidencia os limites da participação política feminina no campo, destacando os entraves cotidianos e estruturais que mantêm essas mulheres sob o peso da sobrecarga e da invisibilidade. A autora nos ajuda a entender que projetos, como a Comissão Estadual de Gênero, possibilitam a retomada do empoderamento feminino e tensionam a lógica dominante do meio rural. Nesse sentido, os trabalhos de Daniela Bento e Garcia se entrelaçam ao evidenciar fissuras no ciclo de opressão que sustenta o patriarcado nas comunidades rurais, apontando para possíveis rupturas e reinvenções dos modos de existência dessas mulheres. Retomando o trabalho de Iasmim Vieira (2017) sobre a luta das trabalhadoras rurais no Nordeste, a autora complementa essa análise ao destacar que:

É interessante observar como as trabalhadoras rurais elaboram a reflexão sobre si dentro do escopo da luta feminista, o que demonstra um processo autônomo de produção de conhecimentos, no qual o diálogo com diferentes temáticas consolidadas na luta das mulheres tornam-se necessárias, possibilitando e garantindo o protagonismo das mulheres rurais na condução e na elaboração das ideias que traduzem e fomentam a sua luta cotidiana. (Vieira, 2017)

A fala da autora demarca a centralidade das mulheres da zona rural como sujeitas ativas na construção de seu próprio cotidiano. Ao reconhecer a capacidade dessas trabalhadoras de elaborar reflexões críticas a partir de suas vivências, Vieira ainda desestabiliza a noção de que o saber feminista seria exclusivamente urbano ou acadêmico. Pelo contrário, a autora nos ajuda a entender este feminismo que é enraizado na terra, na escuta e na coletividade, um movimento que se forja nas margens, mas que confronta diretamente os centros de poder. Nesse sentido, o protagonismo das mulheres rurais não se dá apenas pela participação em espaços institucionais, como conselhos ou comissões, mas na própria elaboração de práticas diárias, no plantar, colher e lutar por uma equidade de condições na luta agrária. Assim, tensionam o modelo desenvolvimentista que muitas vezes instrumentaliza suas existências, cristalizando-as no trabalho braçal e na lógica de produtividade do capitalismo, propondo, em seu lugar, uma política de cuidado, de acolhimento e de reescrita da própria existência sobre os seus próprios termos.

Para além de sua atuação em comunhão com a luta das mulheres sertanejas, Daniela, por meio do cordel, também leva suas pautas às escolas da comunidade rural de Poço Redondo, em Sergipe, abordando questões relacionadas à diversidade racial e sexual a partir de uma perspectiva que rompe com ideais colonizadoras. Enquanto mulher negra e lésbica, ela enxerga no cordel um espaço estratégico para tratar de temas sensíveis de forma pedagógica, lúdica, construindo diálogos horizontais que promovem consciência crítica em alunos do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino. A cordelista conta que consegue adentrar as salas de aulas, muitas vezes, por meio de projetos realizados em parceria com professores e coordenadores. Segundo ela, na maioria das vezes, essas iniciativas são bem recebidas pelos/as estudantes e, em muitos casos, representam o primeiro contato dos/as alunos/as com as temáticas abordadas em seus cordéis. Muitos desses estudantes não têm acesso, em casa, a discussões sobre gênero, raça e sexualidade, como ela afirma em entrevista. Dessa forma, por meio de sua poética, Daniela faz da escola um espaço de escuta e aprendizado sobre problemáticas sociais, fazendo dos versos seu canal de diálogo com adolescentes.

Figura 15 – Projeto Ecos Decoloniais.



Fonte: Instagram @daniela.poeta³⁸.

Por meio de três de suas principais obras, *O Machismo que Precisa Mudar*, *Coisa de Preto* e *Amores Diversos*, Daniela relata, em entrevista, que conseguiu abordar temas como desigualdade de gênero, racismo e homofobia de forma leve e acessível dentro da sala de aula. Sua escrita, sensível e pedagógica, permite que assuntos urgentes e muitas vezes silenciados sejam discutidos de maneira didática entre adolescentes e professores/as:

“Eu participei em jornadas pedagógicas de escolas, levando, discutindo esse tema como um tema vital para ser também discutido na sala de aula. Era muito mais no sentido de formar professores para debater o tema do que mesmo os educandos. Já o *Coisa de Preto*, eu queria chegar mesmo para os meninos e para as meninas. E o *Amores Diversos* vai na mesma linha. Então, eu trabalhei, eu vi que é uma trilogia, e ofereci para que as pessoas possam trabalhar esses temas de maneira leve dentro da sala de aula. Porque eles são muito didáticos, todas as minhas obras são didáticas do ponto de vista do que é o tema, do que a gente pode fazer, de como eu posso me posicionar, como é que eu posso agir contrário a isso” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Nesse momento, o cordel é mais uma vez um recurso valioso para Daniela. Um recurso de posicionamento político e pedagógico, não apenas na capital Aracaju, por meio dos projetos vinculados à Academia Sergipana de Cordel, mas também no interior, no campo, no enfrentamento às estruturas patriarcais através da educação básica. Um território que vai além do chão no qual é cultivada a terra, expande até as rodas de debates em salas de aula, onde o cordel nas mãos de Daniela se torna, mais uma vez, lugar de reflexão e formação. O território se apresenta aqui como reivindicação identitária, que se expressa também quando a cordelista afirma não se identificar com a capital sergipana.

Ao refletir sobre sua atuação enquanto cordelista no campo e na capital, Daniela destaca tanto as diferenças quanto às similaridades que atravessam estes territórios:

³⁸Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cen-Kt1O1Hh/>. Acesso em: 04 maio 2025.

Eu sempre digo que com os agricultores e as agricultoras com quem eu trabalhei foram bastante receptivos, sempre foram. Agora, o machismo é igual em todo o campo, não muda. Aqui a gente tem também, o que não temos também aqui no sertão é um lugar de referência de movimentos de cordelistas tão fortes. O que a gente tinha como expressão desse cordel, era somente um cordelista, que inclusive tinha uma banca de feira e coisa e tal. Foi esse que chamou o meu cordel *Coisa de Preto*, de “livrinho” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora)..

A cordelista pontua com clareza que o machismo é transversal: “é igual em todo o campo, não muda”. Essa observação desmonta qualquer idealização do meio rural como espaço exclusivamente acolhedor. Daniela nos mostra que, embora haja acolhimento popular em certos espaços, a estrutura patriarcal ainda se mostra excludente. A ausência de movimentos organizados de cordelistas no sertão, sobretudo de mulheres, aprofunda este quadro. A referência local mais visível, segundo ela, era um único cordelista, que além de ocupar o espaço simbólico do cordel na feira, foi o mesmo que desqualificou sua obra *Coisa de Preto*, chamando-a de “livrinho”.

Quando falamos sobre o cenário na capital. Daniela pontua:

“Em Aracaju, propriamente dito, a capital é como eu digo assim, quando eu vou, eu vou sempre a convite de alguém, nem gosto muito de Aracaju. Mas, quando vou, vou sempre a convite da universidade, de uma escola, de uma feira, de Izabel, de alguma coisa. Agora, quando é esses espaços realmente que são ligados realmente ao cordel diretamente, que é quando eu digo onde estão os “donos do cordel”, aí não vão me chamar nunca para cá. Tipo assim, se tiver um simpósio de Cordel em São Cristóvão, por exemplo, não vão me chamar” (Bento, 2024, em entrevista concedida a autora)

Enquanto suas obras são reconhecidas por instituições de prestígio com convites da Biblioteca Epifânio Dória, Escola do Legislativo e coberturas de imprensa, ela se vê sistematicamente preterida nos eventos considerados “oficiais” ou legitimadores do cordel sergipano. Isso aponta para a existência de uma hierarquia interna no campo, onde ainda operam mecanismos de exclusão que reproduzem preconceitos de raça, gênero, classe e território. Durante a entrevista, Daniela nomeia essas ausências com coragem: “quando esses espaços realmente são ligados ao cordel, que é quando eu digo onde estão os donos do cordel, aí não vão me chamar nunca para cá”. A expressão “donos do cordel” é carregada de crítica, ela desestabiliza a ideia de um campo neutro no cordel sergipano e mostra que há uma disputa de poder em curso, onde as mulheres, especialmente negras, lésbicas e deslocadas do centro, seguem sendo deixadas à margem, fortalecidas apenas em espaços que constroem por si mesmas e por outras.

A trajetória de Daniela Bento se cruza com a de Izabel Nascimento no entendimento de que o território é mais do que um espaço físico: é pertencimento, é espaço político e, sobretudo, lugar de reivindicação.

A relação de Izabel Nascimento com o território se estabelece desde muito jovem. Nascida e criada em Aracaju, capital sergipana, a cordelista relembra que, muito antes de presidir a Academia Sergipana de Cordel em 2017, já atuava na cena cultural local como presidente da Associação de Cordelistas e Repentistas de Sergipe em 2009, assumindo, desde cedo, um papel de liderança na preservação e reivindicação de um cordel sergipano menos desigual e mais aberto as pluralidades da experiência.

Izabel compartilha que sua primeira e breve experiência em uma posição de liderança foi decisiva para a posterior consolidação da Academia Sergipana de Cordel (ASC). Foi nesse espaço que ela pôde experimentar a organização coletiva e encaminhar seus primeiros projetos no campo da cultura popular. No entanto, como a própria autora ressalta, esse momento não esteve isento de críticas, pelo contrário, foi desafiador, especialmente por se tratar da primeira mulher a ocupar a presidência da associação, além de ser, à época, ainda muito jovem:

“Eu passei menos de um ano presidindo essa associação, justamente por causa desses conflitos, por ter sido a primeira mulher, e aí também tinha dentro desse contexto uma questão geracional, porque eu era muito jovem, na ocasião de 2009 eu era muito jovem, mas eu tinha uma capacidade, eu sempre tive uma capacidade de organização muito boa, de organização coletiva muito boa, de pensar as coisas, de organizar, de encaminhar, e buscar formas. Isso sempre foi algo muito definido. Mas, passei menos de um ano na associação porque comecei a enfrentar de forma muito, muito forte esses conflitos. Ainda mais forte em 2017. Quando eu vou à presidência da academia em 2016, eu já vou com essa experiência de 2009, então eu passei menos de um ano, porque eu pedi o desligamento da associação em meio a muitos conflitos, e aí conflitos mesmo por causa de ser mulher, por ser jovem, por pensar de uma forma diferente, por querer a literatura de forma diferente” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

A fala de Izabel sinaliza os desafios estruturais enfrentados por mulheres em posições de liderança dentro dos espaços culturais do estado de Sergipe. Sua breve experiência na presidência da Associação de Cordelistas e Repentistas do estado é marcada por tensões de gênero e preconceito geracional, que ali atuaram como mecanismos de exclusão e deslegitimização da atuação da cordelista. A resistência à sua presença naquele cargo, conforme relatado pela cordelista, esteve diretamente ligada ao fato de ser mulher, jovem e propor uma outra forma de fazer cordel. À época, conforme relata a cordelista em entrevista, não havia a visibilidade proporcionada pelas redes sociais. Ela afirma: “a gente não tinha a visibilidade que as redes sociais trazem, a gente tinha o presencial, o fazer a reunião ali, o conversar,

aconteciam muitos conflitos". Essa experiência encontra eco na crítica formulada por Daniela Bento, quando se refere à existência de "donos do cordel", expressão que nomeia grupos de cordelistas e repentistas homens e mais velhos, que detêm prestígio em espaços culturais e institucionais em Aracaju. Izabel assim como Daniela, fala sobre a resistência desses grupos em abrir espaço para vozes dissidentes, sobretudo de mulheres, no cordel sergipano.

Aqui é válido pontuar que o movimento de reconhecer Izabel Nascimento e Daniela Bento como protagonistas no cordel sergipano parte de uma escolha da autora desta dissertação, comprometida com a potência do protagonismo destas mulheres na região e em tensionar o apagamento histórico que atravessa a trajetória das mesmas. Embora ambas contribuam significativamente para a valorização e renovação do cordel em Sergipe, ainda são pouco reconhecidas por seu trabalho neste cenário. Em uma busca rápida pelo termo "cordel em Sergipe", nas 05 primeiras páginas do Google, maior rede de pesquisa do mundo³⁹, obtivemos alguns dados interessantes. O levantamento, cujos dados estão sintetizados no quadro a seguir, revelou um total de 34 cordelistas mencionados: 24 homens e apenas 10 mulheres. Esses números mostram não apenas a disparidade quantitativa nas aparições, mas também a lógica de visibilidade que privilegia os nomes masculinos, enquanto marginaliza as trajetórias de mulheres no cordel sergipano, mesmo diante de atuações e contribuições consistentes como as de Izabel e Daniela.

Quadro 05 – Cordelistas sergipanos mencionados nas cinco primeiras páginas do Google.

Acesso em:	Cordelistas citados (por ordem de aparição no corpo do texto)	Posição na página	Tipo de publicação - Veículo
<u>Sergipe em versos de cordel</u>	João Firmino; Izabel Nascimento; Pedro Amaro.	1º posição.	Reportagem - Portal Contexto UFS
<u>Literatura de Cordel em Sergipe - Saiba mais sobre o Cordel em Sergipe</u>	Chiquinho do Além-Mar; João Firmino.	2º posição.	Reportagem - Sergipe Turismo.
<u>Governo de Sergipe - Academia de Sergipana de Cordel é instalada</u>	João Firmino; Izabel Nascimento; Thiago Barbosa;	3º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe

³⁹Google teve 5 trilhões de buscas em um ano; é a primeira vez em quase uma década que o buscador divulga o dado oficialmente. Disponível em: [Google revela volume total de buscas no mundo e diz que Geração Z lidera pesquisas](https://www.google.com.br/intl/pt-BR/gnews/press/2017/09/05/google-revela-volume-total-de-buscas-no-mundo-e-diz-que-gerao-z-lidera-pesquisas)

<u>ENTRE VERSOS E RIMAS: A HISTÓRIA DE SERGIPE NO CORDEL</u>	Chiquinho do Além-Mar; João Bebe-Água; Antônio Wanderley; Eronilde de Oliveira Rosa.	4º posição.	TCC - Repositório UFS
<u>19 de Julho: Dia Estadual da Literatura de Cordel - O que é notícia em Sergipe</u>	João Firmino; Chiquinho do Além-Mar.	5º posição.	Notícia - Infonet
<u>A força da representação da mulher no cordel em Sergipe. Cordelteca em escola de Nossa Senhora da Glória faz homenagem a cordelista negra Alda Cruz - Mangue Jornalismo</u>	Alda Cruz; Isis da Penha.	6º posição.	Reportagem - Mangue Jornalismo.
<u>Iose - Imprensa oficial de Sergipe /Noticias</u>	José Antônio dos Santos.	7º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe
<u>Comunicação e Políticas Públicas: Um Estudo de Caso Sobre a Literatura de Cordel em Sergipe</u>	Manuel D'Almeida Filho; João Firmino; Ronaldo Dória; Chiquinho-do-Além-Mar; Gilmar Ferreira; Izabel Nascimento; Pedro Amaro.	8º posição.	Portal Intercom
<u>Literatura de cordel atrai turistas ao mercado de Aracaju</u>	João Firmino.	9º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe
<u>Academia movimenta a literatura de cordel em Sergipe - Cinform Online</u>	João Firmino; Izabel Nascimento; Thiago Barbosa.	10º posição.	Notícia - CinformOnline
<u>Alese aprova Projeto que valoriza e estimula a Literatura de Cordel - Assembleia Legislativa de Sergipe</u>	João Firmino; Iran Barbosa; Izabel Nascimento.	11º posição.	Notícia - Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe.
<u>Livro conta a historia de Sergipe em versos de cordel</u>	Chiquinho do Além-Mar.	12º posição.	Notícia - GloboPlay
<u>Cordelistas elaboram ações para fortalecer o cordel - PGE - Procuradoria Geral do Estado de Sergipe</u>	Izabel Nascimento; Nicole Silva Santos.	13º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe
<u>Isto é SERGIPE: Livros de cordel e cordelistas sergipanos</u>	Pedro Alves da Silva; Manoel de Almeida Filho; José Marins dos Santos; Severino Milanez; José	14º posição.	Post em blog - Isto é Sergipe.

	Pacheco; Manoel Serafim; João José Silva; João Ferreira da Silva; Zezé de Boquim; Gilmar Santana; Severino José; Ronaldo Dórea Dantas; João Firmino; Zé Antônio dos Santos.		
<u>CORDEL - "História de Sergipe Contada em Versos"</u>	Chiquinho do Além-Mar.	15º posição.	Notícia - Overmundo
<u>Em Sergipe, cordel é tradição encontrada no Mercado Thales Ferraz, no Centro de Aracaju</u>	Nenhuma menção a cordelistas.	16º posição.	Publicação Instagram - Turismo Sergipe.
<u>Alese aprova PL que cria o Dia Estadual dedicado à Literatura de Cordel F5 News - Sergipe Atualizado</u>	João Firmino; Izabel Nascimento.	17º posição.	Notícia - F5 News
<u>Covid é tema concurso de cordel em Sergipe Sergipe G1</u>	Nenhuma menção a cordelistas.	18º posição.	G1 Sergipe
<u>Programa de Fomento à "Literatura de Cordel nas Escolas", das redes pública e privada, em todo o território do Estado de Sergipe.</u>	Nenhuma menção a cordelistas.	19º posição.	Publicação em diário oficial - Assembleia Legislativa de Sergipe
<u>Projeto Cordel Acordando é aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura - PGE - Procuradoria Geral do Estado de Sergipe</u>	Izabel Nascimento; Chiquinho do Além-Mar.	20º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe
<u>Oficina de Cordel será realizada no Campus Glória - IFS - Instituto Federal de</u>	Chiquinho do Além-Mar.	21º posição.	Notícia - Instituto Federal de Sergipe

<u>Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe</u>			
<u>Academia Sergipana do Cordel será instalada — Click Sergipe</u>	Izabel Nascimento; Maria Salete Nascimento.	22º posição.	Release - ClickSergipe
<u>Nos versos femininos do cordel – Meus Sertões</u>	Alda Cruz; Isis da Penha.	23º posição.	Notícia - Meus Sertões
<u>Livro de Cordel: A Peleja de Leandro Gomes com uma Velha de Sergipe de Leandro Gomes de Barros – Cordelizar</u>	Leandro Gomes	24º posição.	Folheto - Cordelizar
<u>Sou Chiquinho do Além Mar</u> <u>Sou Cantador, Menestrel,</u> <u>Sou Professor, Forrozeiro,</u> <u>Funcionário do Cordel.</u>	Chiquinho do Além-Mar.	25º posição.	Publicação no Instagram - colegiopromundo
<u>Lei Ordinária 8768 2020 de Sergipe SE</u>	Nenhuma menção a cordelistas.	26º posição.	Calendário Oficial de Eventos do Estado de Sergipe, o "Dia Estadual da Literatura de Cordel" - Leis Estaduais
<u>Cordel de Sergipe participa de campanha de valorização do patrimônio cultural CidadeMarketing</u>	Ademarcos Santana.	27º posição.	Notícia - Cidade Marketing
<u>Sergipe abre a 7ª edição do Festival Cena Nordeste com programação diversificada</u>	Chiquinho do Além-Mar; Tonico de Ogum.	28º posição.	Notícia - Portal Governo de Sergipe
<u>Antologia reúne poesias de mulheres cordelistas de Sergipe - ASA Brasil Articulação Semiárido Brasileiro</u>	Erika Soares; Daniela Bento; Juana Inês de La Cruz; Margarida Alves; Maria das Neves Pimentel.	29º posição.	Nota - Portal Articulação Semiárido Brasileiro

<u>O cordel e a mudança da capital de Sergipe PDF</u>	João Firmino; Pedro Amaro; Leopoldo Moreira.	30º posição.	Artigo - SlideShare
<u>Literatura de Cordel é tema do Giro Sergipe</u>	João Firmino; Thiago Barbosa; Izabel Nascimento; Paula Azevedo.	31º posição.	Notícia - Giro Sergipe
<u>Turismo literário na rota do cordel — Ministério do Turismo</u>	Nenhuma menção a cordelistas.	32º posição.	Notícia - Ministério do Turismo
<u>Peleja de Leandro Gomes com uma Velha do Sergipe (A) · Biblioteca Virtual Cordel - Biblioteca Virtual Cordel - Bibliothèque virtuelle de l'Université de Poitiers</u>	Leandro Gomes.	33º posição.	Folheto - Acervo Biblioteca Virtual Cordel - Université de Poitiers
<u>RILDO VIVALDO TELE S-Caderno_pedagógico.pdf</u>	Varneci Nascimento; Antonio Barreto; Leandro Gomes	34º posição.	Caderno Pedagógico - Repositório UFS

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Apesar da crescente atuação e presença das mulheres no cordel sergipano que já constatamos até aqui, os dados expostos no quadro revelam uma disparidade significativa na referênciação de homens e mulheres nas publicações que abordam o tema “cordel em Sergipe”. Os cordelistas homens aparecem na maioria absoluta das publicações, com exceção daquelas que não mencionam cordelistas ou que têm recorte voltado à autoria feminina.

Izabel Nascimento é a única mulher a aparecer nas primeiras posições do buscador, inicialmente em uma reportagem do *Portal Contexto UFS*, o que evidencia o papel fundamental da universidade na construção de espaços de visibilidade para mulheres cordelistas, seja por meio de projetos de extensão, reportagens, pesquisas acadêmicas como esta ou outras formas de publicação. Em seguida, seu nome também surge em uma notícia relacionada à abertura da Academia Sergipana de Cordel, citada entre João Firmino e seu pai, Pedro Amaro. Ainda assim, as demais menções a Izabel só voltam a surgir a partir da sexta posição nos resultados. Ela é, contudo, a mulher mais citada no levantamento, presente em 10 publicações, geralmente associadas à ASC ou a discussões sobre a presença feminina no campo do cordel.

Por outro lado, Daniela Bento, presidente da Academia Sergipana de Cordel, atuante nas escolas do sertão e em projetos com mulheres rurais, aparece apenas uma vez, na vigésima nona posição, em uma matéria publicada pela Articulação do Semiárido, organização da qual faz parte. Outras cordelistas, como Alda Cruz, Isis da Penha e Maria Salete Nascimento, também só passam a aparecer nos resultados a partir da sexta posição, muitas vezes em blogs e portais independentes, e em publicações que destacam a potência da autoria feminina no cordel.

Esses dados reforçam que as dinâmicas de gênero também operam nos algoritmos e nas estruturas de veiculação da informação digital. Um exemplo emblemático é apontado por um estudo do Instituto Internacional de Ciências da Computação da Universidade Carnegie Mellon, nos Estados Unidos. A pesquisa mostrou que anúncios de vagas com salários superiores a 200 mil dólares anuais foram exibidos 1.852 vezes para usuários identificados como homens, mas apenas 318 vezes para mulheres. Essa disparidade revela que, mesmo no ambiente digital, os algoritmos tendem a reproduzir, e muitas vezes acentuar, as desigualdades de gênero. No caso do cordel sergipano, isso significa que o apagamento das mulheres também se manifesta tanto nos portais de informação da região, como no ranqueamento da maior ferramenta de busca do mundo.

Considerando que a maioria das publicações são de cunho noticioso, aqui cabe relembrar um dos ensinamentos da graduação de jornalismo, o critério de escolha das fontes, que aqui tende a ser "tautológica", ou seja, valoriza-se mais quem já teve evidência midiática. Basta observar o número de vezes que Izabel é citada, algumas delas junto com João Firmino. Investigar a hierarquização das menções dos/as cordelistas ao longo do material coletado foi, também, uma forma de notar como, tanto nas posições das páginas no Google quanto no corpo das publicações encontradas, as cordelistas sergipanas são frequentemente citadas por último ou posicionadas entre nomes masculinos "mais famosos" na cena cultural sergipana, ou ainda, descartadas completamente das publicações em referência ao cordel em Sergipe. Parar para pontuar sobre a ordem das menções aos/às cordelistas nos resultados de busca é um movimento crítico para evidenciar como a visibilidade das trajetórias de mulheres cordelistas é atravessada por dinâmicas de poder, inclusive dentro de seu próprio campo. Essa marginalização, muitas vezes sutil, opera por meio de ausências, silenciamentos e hierarquizações que mantêm as autoras em posições periféricas, mesmo quando são protagonistas em suas práticas.

Nesse sentido, as reflexões de Patricia Hill Collins (2019) sobre o conceito de *outsider within*, ou “estrangeira de dentro”, oferecem uma lente potente para compreender a experiência dessas mulheres. Para a autora, esse conceito se refere à posição ocupada pelas mulheres negras, que, mesmo inseridas em determinadas estruturas sociais, são vistas como alheias e permanecem à margem dos centros de poder. A condição de *outsider within* permite, no entanto, a construção de um ponto de vista diferenciado, a partir do qual essas mulheres passam a ressignificar suas experiências, suas comunidades, seus vínculos familiares, seus espaços de trabalho e a sociedade como um todo. A partir dessa perspectiva, Collins destaca a importância da autodefinição e da autoavaliação como práticas políticas para mulheres negras historicamente marginalizadas e definidas pelo olhar do outro. Assim, a análise da visibilidade (ou da ausência dela) das cordelistas também deve ser compreendida como parte de um processo mais amplo de luta por reconhecimento e autoria.

Mesmo diante de um cenário excludente e desafiador, parece ainda mais relevante para a autora desta dissertação posicionar as contribuições das cordelistas em evidência neste trabalho. Visto que tanto no campo como na capital, Izabel e Daniela estão reescrevendo a história do cordel sergipano e a forma que ele é feito e divulgado. Vale destacar que entre as contribuições de Izabel para a cultura popular local temos a criação da “Casa do Cordel” em 2013, um projeto idealizado por sua irmã Julianna Santana e realizado por Izabel e família, que abriga um acervo particular de folhetos de cordel de sua autoria, de seus pais e de outros cordelistas e repentistas aracajuanos. Mais do que um centro de memória, a Casa do Cordel se estabeleceu na cidade de Aracaju como ponto de encontro intergeracional de poetas e entusiastas da cultura popular, sendo também palco de celebrações juninas e, há mais de duas décadas, local de comemoração do aniversário do patriarca da família, Pedro Amaro do Nascimento. Para além do território sergipano, em 2014, Izabel também representou o Brasil em um Festival Internacional na Áustria, onde divulgou quatro de seus títulos na Embaixada Brasileira, promovendo o cordel sergipano em âmbito internacional. Nos anos seguintes, entre 2016 e 2017, assumiu um marco institucional importante ao se tornar presidente e fundadora da Academia Sergipana de Cordel (ASC), cargo que ocupou até 2019 e para o qual foi reeleita, estendendo seu mandato até 2021. Entre suas iniciativas, destacamos a criação da Rádio Cordel Sergipe⁴⁰, uma rádio web dedicada exclusivamente à valorização dos cordelistas

⁴⁰Se tratava de uma rádio web encabeçada por Izabel Nascimento e pelo técnico de som Agnaldo Silva em 2018, que em uma programação de 24h disseminava até meados de 2020 a cultura de cordel em Sergipe, além de divulgar trabalhos de novos e antigos cordelistas. Estava disponível em: [Rádio Cordel Sergipe RCS - Aracaju / SE - Brasil | Radios.com.br](http://Rádio%20Cordel%20Sergipe%20RCS%20-%20Aracaju%20/SE%20-%20Brasil%20|%20Radios.com.br)

locais, a organização da primeira antologia do cordel sergipano escrita exclusivamente por mulheres, a realização de saraus, transmissões ao vivo durante a pandemia e a idealização da I Feira de Cordel em Sergipe.⁴¹

Hoje, fora do estado, Izabel leva o cordel sergipano para São Paulo. Quando questionada sobre o seu recente deslocamento de Aracaju para a Megalópole, Izabel responde com uma frase que sintetiza sua relação com o território: “a gente sai do Nordeste e o Nordeste não sai da gente”. Há aqui uma elaboração sensível sobre o pertencimento que não se apaga com a mobilidade, pelo contrário, se intensifica na ausência, transformando a saudade em força que move seus novos projetos. A escolha de migrar para São Paulo se dá, segundo a autora, não como uma renúncia, mas como estratégia de amplificação das vozes que nascem no chão da capital sergipana. “Eu vim pra São Paulo para viver Sergipe a partir daqui”. Para Izabel, o território não é fronteira, é travessia.

Hoje ela ocupa o espaço urbano e acadêmico do Sudeste não como corpo estrangeiro, mas como sujeita de uma pesquisa de mestrado que pretende levar o cordel sergipano de Aracaju para o mundo. Vale mencionar que sua dissertação de mestrado foi inteiramente escrita em versos. A autora conta que “Foram mais de 300 estrofes escritas [...] o cordel não deixa de trazer os elementos que o trabalho acadêmico pede: as referências, a parte histórica, todo o conceito, a reflexão, a análise [...] mas, além disso, tem a poesia” (Trechos da entrevista concedida a autora, 2025). Com esse gesto, ela deixa na universidade as marcas do cordel sergipano, posicionando mais uma vez o fazer cordel como lugar legítimo de produção de conhecimento. A defesa, como ela mesma diz, foi um dos momentos mais importantes da sua vida, não só pelo reconhecimento acadêmico, mas porque “eu pude me expressar através do cordel”. Izabel complementa que quando falava em prosa, emocionava-se. Mas ao declamar, não perdia o foco. O território da palavra rimada era, ali, abrigo e voz.

Figura 16 – Apresentação REBRAC: Recital de vozes da resistência, Holanda.

⁴¹A I Feira do Cordel de Sergipe foi um evento realizado no Museu da Gente Sergipana e fez parte das comemorações do primeiro ano da instalação da Academia Sergipana do Cordel (ASC). A ação reuniu artistas locais como Bob Lelis e Rural do Forró, grupo Vocal Vivace, Joésia Ramos, Lucas Campelo e Quarteto Casaca de Couro.



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁴².

Neste lugar de Mestre em linguagens pelo Programa de Mestrado Profissional da Escola de Artes Célia Helena, Izabel cria o aplicativo *Cordel Aplicado*, que é parte dessa visão estratégica de reterritorialização do cordel no digital. A literatura de cordel, por sua mediação, deixa de ser apenas memória para se tornar um caminho possível entre o saber popular e a inovação tecnológica, sem que um invalide o outro. Ao apresentar esse trabalho fora do Brasil, durante o congresso da REBRAC, na Holanda, ela se depara com um novo desafio: como apresentar o cordel para quem talvez o escute pela primeira vez? Sua resposta é clara: “o desafio é compreender a responsabilidade de estar fora do Brasil e entender o que fazer e o que dizer nesses espaços”.

Mesmo fora de Aracaju, em pleno mês junino, ela confessa: “queria estar dançando forró no Arraiá do Povo”. A saudade de Sergipe e de seus festejos aparece para a cordelista não como tristeza, mas como ponte para chegar em outros lugares, sem deixar de pertencer ao seu estado de nascimento. Simbolicamente, a cordelista cura a saudade dos festejos juninos, em eventos que também acontecem em São Paulo.

Para Izabel, o território do cordel é simultaneamente chão e céu: raízes e nuvens, como na antologia que inspira parte desta dissertação. A partir do atravessamento desses limites e ao trazer à tona discussões que enfatizam a relação entre campo e cidade, dimensão que perpassa a escrita de Daniela e Izabel especialmente quando ocupam espaços de poder, se torna evidente que estudar suas trajetórias sem considerar seus pontos de vista sobre o território resultaria em uma análise incompleta. É justamente nessa articulação entre corpo, território, luta e palavra que suas experiências ganham densidade e força.

Dessa forma, o que vemos até aqui é que tanto a trajetória de Izabel Nascimento quanto a de Daniela Bento não apenas ampliam os contornos de uma autoria feminina no

⁴² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C59r8RZoDec/>. Acesso em: 04 maio 2025.

cordel sergipano, como propõe um novo ponto de vista sobre os lugares de poder reivindicados por mulheres negras. Um ponto de vista fincado na coletividade e na possibilidade de insurgência de mulheres contra as estruturas de opressão não só na capital aracajuana, mas também nos interiores e ao redor do Brasil. Suas experiências fazem do cordel uma arena de disputa, onde a palavra escrita é também um ato de cura, de denúncia e de comunhão. Neste momento, as cordelistas nos ensinam que, quando mulheres se articulam em rede, não apenas escrevem histórias, elas reescrevem a história.

3.4 Cordel e as tecnologias digitais

O que acontece quando o protagonismo de duas mulheres cordelistas atravessa as possibilidades comunicacionais das tecnologias digitais? Ao retomarmos a historiografia do cordel no capítulo que inaugura esta dissertação, com base em autores como Beltrão (1982), Terra (1983), Luyten (1983), Abreu (1997), Noblat (1992), Lopes (2001), Rosa (2013) e Lemaire (2020), foi possível perceber que ao longo dos anos com o surgimento da tipografia e dos outros meios de comunicação não se extinguiu a tradição oral no cordel, sua musicalidade, ritmo, métrica, função social, tampouco a potencialidade do poeta. Ao contrário, as inovações comunicacionais advindas do surgimento de novas tecnologias digitais expandiram as formas de fazer cordel. Nesse processo, as mulheres cordelistas já estavam presentes no mundo da poesia oral, como cantadoras, repentistas, declamando, performando, e mais tarde assinando seus próprios cordeis, ainda que invisibilizadas por uma lógica patriarcal e epistêmica, que só considerava o que era impresso e publicado com autoria reconhecida, sobretudo, por homens.

Hoje, com o advento da internet e de outras tecnologias digitais, o cordelista se encontra novamente diante da disputa: reinvenção ou abandono? Longe de representar uma ruptura com a tradição, as novas mídias vem oferecendo outras possibilidades de criação, circulação e resistência política, agora fortalecidas nas mãos das mulheres que fazem cordel sem precisar se esconder em pseudônimos. À exemplo, temos o já citado por aqui Movimento **#CORDELSEMMACHISMO**, que reuniu mais de mil mulheres online, em coletivos, através das redes sociais, posicionando-se ao lado de Izabel contra a marca do patriarcado no cordel. O Movimento **#CORDELSEMMACHISMO** não foi o único ato de resistência política e social das mulheres cordelistas por meio das redes sociais.

O primeiro caso de infecção pelo vírus do COVID-19 no Brasil foi registrado em fevereiro de 2020 e, desde os decretos iniciais de calamidade pública

estabelecidos pelo governo do estado de Sergipe, Izabel e outras cordelistas usaram as redes sociais para manter viva a poesia de cordel em tempos tão sombrios. Segundo Eduardo Carneiro (2020), o distanciamento social provocado pela pandemia alterou significativamente as formas de interação entre as pessoas, tornando as mídias sociais canais de comunicação mais utilizados do que nunca. Esse crescimento se deve, em grande parte, à necessidade de reinvenção diante do novo cenário. O autor aponta que “Argentina, Brasil, Chile e Paraguai foram os países com o maior percentual de mudança no número de publicações e interações em mídias sociais multiplataforma registradas em março de 2020, em comparação com o ano anterior”. Os dados expostos pelo autor também revelam que o maior engajamento foi observado na rede social Instagram, que apresentou um aumento de 10% nas interações em relação a março de 2019.

Na época, com o “boom” das lives e streamings, Izabel intensificou a produção do “Cordel de Quinta” e lançou também o quadro “Quarentena Poética”, que para ela foi uma forma de aproximação e de trazer conforto e esperança em um momento de isolamento e incertezas.

Figura 17 – Print screen feito pela autora da aba inicial do canal no Youtube de Izabel Nascimento.



Fonte: Captura da autora⁴³.

Hoje o canal da cordelista conta com mais de 4 mil inscritos e passou por um processo de reformulação, incorporando uma série de vídeos voltados para o fazer pedagógico do cordel. Em 2019, esse movimento de migração para as redes sociais ganhou força, especialmente diante das necessidades impostas pelo contexto da pandemia, quando as transmissões ao vivo se transformaram em espaços de conexão, escuta e resistência tanto para cordelistas quanto para outros públicos. Sobre esse período, Izabel relata:

⁴³ Disponível em: [Izabel Nascimento - YouTube](https://www.youtube.com/c/IzabelNascimento). Acesso em 20 maio 2025.

“Com a pandemia, vieram todas as questões que nós passamos, mas também a popularização dos serviços, dos trabalhos de streaming, de transmissões e de ferramentas que se desenvolveram muito rápido. Então, hoje nós estamos numa conversa em uma sala virtual, graças também a essa popularização desses tipos de ferramentas. Mas eu já fazia isso há tempo. Fui fazendo lives, fui fazendo para o Instagram, fui fazendo para o YouTube, migrei para o YouTube, lá em transmissões salvas com mais de uma pessoa. Fui fazendo e aproveitando e conhecendo, e claro, o conhecimento tecnológico a gente vai mudando a cada dia. A gente vai criando, vai aprendendo, então isso me deu possibilidades” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

A pandemia, para Daniela, também foi um momento de pensar em como resistir através do cordel, adaptando sua poética às possibilidades do contexto digital. Ao contrário de Izabel, que optou pelo YouTube e pelas redes sociais como principais meios de comunicação neste período, Daniela escolheu os recursos sonoros como estratégia de aproximação com o seu público. Neste cenário, a cordelista criou o “*Conversa de Quintal*”, um podcast que se tornou espaço de reflexão e debate político sobre as necessidades da mulher agricultora em plena crise sanitária no país:

“Eu tinha um podcast de trabalho que era *Conversas de Quintal*, que aí eu também trabalhava só com formação para as mulheres agricultoras. No tempo da pandemia, eu fiz o *Conversa de Quintal* para discutir questões. A gente fazia esse podcast para discutir a campanha do médico, entrevistava pessoas de longe, fazia um programinha bem legalzinho. Eu gosto muito de rádio, eu gosto muito de ouvir coisas no rádio. É tanto que eu não assisto televisão, quando assisto, muito raramente, eu assisto de costas, porque eu gosto de ouvir, eu não gosto de ver nada” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Sua escolha pelo rádio como espaço de formação ia além de uma simples preferência frente a outros meios, para Daniela, refletia um modo de ver e imaginar o mundo, mesmo diante do caos de uma pandemia. A ausência de imagem, proporcionada pelos dispositivos sonoros, em sua perspectiva, só amplia a possibilidade de criação e interpretação por parte do ouvinte, coisa que ela mesma curtia fazer, permitindo que cada pessoa construa, com liberdade, suas próprias representações sensíveis a partir da escuta.

“Eu vou olhar para ver a cara dos personagens e eu gosto de imaginar a cena. Eu não gosto de assistir, de ver. Eu acho que o texto e a imagem juntos matam a possibilidade de você criar aquela imagem na sua cabeça. Conversa de doido, mas é assim que eu gosto de ver na vida” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

O que Daniela apresenta de forma descontraída como “conversa de doido”, mostra na verdade sua relação com a linguagem sonora. O podcast surge, assim, como um lugar sensível de escuta e imaginação, pensado para alcançar “outros ouvidos e outros olhares”, especialmente daqueles que, por diversas razões, não têm acesso ao livro físico, à escrita ou ao contato direto com a autora:

“Então, o meu podcast que surge muito por isso, para tentar alcançar outros ouvidos e outros olhares que não tivessem a possibilidade de me ler. Ou porque não têm acesso ao meu livro, porque não têm acesso a mim, ou porque não têm acesso à escrita” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Embora hoje esteja descontinuado e dado palco a outro projeto da cordelista que detalharemos mais à frente, o podcast “*Ressaca Poética*”, Daniela ainda expressa saudade do *Conversa de Quintal*, que ia ao ar todas às segundas-feiras, de sua casa em Poço Redondo para o mundo. Ao relembrar essa experiência, ela também revela as dificuldades de manter esse tipo de iniciativa diante da intensidade e instabilidade de sua rotina de trabalho, mas deixa a promessa “um dia eu volto”:

“Confesso que tenho bastante falta, porque ele saía toda segunda-feira. E acabou que a minha rotina de trabalho, nunca sei onde é que eu estou no final de semana, acabou me impossibilitando. Até meu pequeno estúdiozinho que eu tinha eu desmontei. Uma hora dessa eu volto” (Bento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Sem receio da possível extinção diante das transformações tecnológicas, mesmo diante de um momento de incertezas, essas mulheres utilizam os meios como podcasts, redes sociais e até as recentes Inteligências Artificiais para dar continuidade à sua forma de compor cordel, fazendo desses meios recurso de acesso e construção de comunidades. É esse processo de resistência e reinvenção que analisaremos neste tópico.

Ao compreender que as tecnologias resultam do processo de evolução humana e contribuem para a formação, estruturação e funcionamento das sociedades, bem como para o desenvolvimento das aptidões humanas, Pierre Lévy (1993), a partir do conceito de cibercultura propõe o abandono da oposição tradicional entre sujeito e máquina. Para o autor, as tecnologias não devem ser reduzidas a meros instrumentos de uso, tampouco vistas como uma ameaça às formas de fazer humana. Lévy afirma:

Se algumas formas de ver e agir parecem ser compartilhadas por grandes populações durante muito tempo (ou seja, se existem culturas relativamente duráveis), isto se deve à estabilidade de instituições, de dispositivos de comunicação, de formas de fazer, de relações com o meio ambiente natural, de técnicas em geral, e a uma infinidade indeterminada de circunstâncias [...]. Basta que alguns grupos sociais disseminem um novo dispositivo de comunicação, e todo o equilíbrio das representações e das imagens será transformado, como vimos no caso da escrita, do alfabeto, da impressão, ou dos meios de comunicação e transporte modernos (Lévy, 1996, p.16).

Neste sentido, a cibercultura nasce como expressão de um fluxo contínuo de ideias, práticas e representações, que cumpre um papel de conectar pessoas através dos computadores

sem suprimir o mundo físico. Ela não se apresenta como uma esfera dissociada da cultura “tradicional”, mas a incorpora e a expande, afetando práticas artísticas e as formas de sociabilidade. Esse impacto é perceptível mesmo em fenômenos que transcendem o ambiente virtual, como evidenciado nas ações de acolhimento, escuta e informação promovidas por projetos como *Conversa de Quintal* e *Quarentena Poética*. Esses exemplos demonstram como o digital pode ser apropriado de maneira sensível e engajada pelas cordelistas, potencializando a literatura de cordel como espaço de afeto, resistência e formação coletiva. Isso nos lembra das transformações históricas no fazer cordel, que passou da oralidade para a escrita impressa, das tipografias para as telas e ondas do rádio, e, mais recentemente, para o ambiente digital com o advento da internet e das redes sociais. Esses deslocamentos nos modos de produção e circulação da palavra são compreendidos por Pierre Lévy (1993) como parte das chamadas “tecnologias intelectuais”, instrumentos que não apenas ampliam a comunicação, mas também reconfiguram as formas de pensar, aprender e partilhar saberes.

A compreensão do conceito de cibercultura proposto por Pierre Lévy (1993) nos ajuda a pensar os atravessamentos que o digital trouxe às trajetórias das cordelistas. Tais atravessamentos emergiram de forma orgânica, tanto nas vivências das autoras no universo do cordel quanto no próprio processo de construção desta pesquisa. Em um fluxo contínuo de descobertas e reinvenções, algo já esperado, considerando que este trabalho se desenvolve a partir das trajetórias de duas sujeitas ativas, engajadas e em constante movimento dentro e fora das redes. Nesse sentido, novos elementos foram se revelando ao longo do percurso, ampliando de maneira significativa o escopo da investigação e aprofundando as reflexões sobre autoria e o uso das tecnologias digitais nas trajetórias de Izabel e Daniela.

Entre eles, o lançamento de um cordel feito no ChatGPT e o desenvolvimento do aplicativo “*Cordel Aplicado*” por Izabel Nascimento, e posteriormente, o relançamento do Cordel “*Coisa de Preto*” em formato de curta-metragem. Esses movimentos sinalizam uma articulação ainda viva da atuação das cordelistas atrelada aos meios de comunicação, reforçando a importância de uma análise profunda sobre o papel das tecnologias digitais na atuação das autoras. Compreender não apenas como elas utilizam essas ferramentas, mas como constroem, a partir delas, novas formas de narrar, resistir às opressões e ocupar espaços.

Partindo desse pressuposto, nasce o último bloco da entrevista. Os questionamentos se voltam para o modo como as redes sociais e os recursos tecnológicos vêm sendo incorporados às suas práticas, não só como instrumentos de divulgação, mas como espaços de criação coletiva e engajamento político.

A entrevista se inicia com Izabel a partir da seguinte provocação da autora desta dissertação:

Você criou o aplicativo agora no mestrado, mas desde o início já buscava formas de difundir o cordel através da tecnologia e das redes sociais. Lançou o Cordel do WhatsApp e “agora a moda pegou” pelas redes sociais. Em 2018, você também lançou o projeto Sementes de Girassóis, que foi construído coletivamente em seu perfil com seus seguidores. Queria entender mais sobre esse processo de começar a fazer cordel nas redes sociais. Sabemos que ainda não é acessível para todos, mas oferece um alcance maior, permitindo que alcancemos pessoas além de nossa proximidade física. (Trecho da entrevista, Grifo da autora, 2025)

Nesse momento, Izabel compartilha a experiência do seu primeiro cordel pensado para as redes sociais, refletindo sobre os caminhos que a levaram a transformar as redes sociais em palco:

“A gente não via cordel nas redes sociais. Com a ampla divulgação do Cordel do WhatsApp, eu comecei a escrever outros textos e lançar também, não somente através do WhatsApp, mas no Facebook. E isso me deu a possibilidade de conversar com muitas pessoas, porque as pessoas começaram a conhecer de quem era a autoria” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Em prol da presença ativa do cordel nas redes sociais, em 2015, Izabel Nascimento escreve e divulga, por meio de seu próprio WhatsApp, o *Cordel do WhatsApp*, marcando o início de sua atuação nas plataformas digitais. A partir dessa iniciativa, seu trabalho viralizou ao tratar, com humor e crítica, da nova “moda” entre o público: o uso intensivo do aplicativo de mensagens. A repercussão do cordel foi imediata, revelando mais uma vez o potencial das redes sociais como espaço de circulação da poesia e diálogo direto com os leitores. No trecho abaixo, a cordelista narra sobre a “nova moda do face e do zap”:

*“Agora a moda pegou.
Pelas redes sociais.
É no Face ou pelo Zap.
Que o povo conversa mais.
Talvez nem saiba o motivo.
Que esse tal de aplicativo.
É mais lido que os jornais.”*

(Izabel Nascimento, 2015)

Ocupar novos espaços através das redes sociais também trouxe desafios significativos para Izabel Nascimento, especialmente em relação ao plágio e ao uso indevido de sua obra sem os devidos créditos à autora. Com o sucesso do *Cordel do WhatsApp* e sua ampla

circulação, o texto foi reproduzido em livros, apresentado na televisão e divulgado com o nome de outros autores. Algum tempo depois, relembrando o episódio em uma publicação no Instagram, Izabel reconheceu que, na época, "preferiu se calar", mas afirmou com firmeza que "hoje não se cala de jeito nenhum".

Figura 18 – Publicação de Izabel: capa do Jornal da Cidade devido ao plágio da obra “Cordel de Whatsapp”



Fonte: Print feito pela autora⁴⁴.

Em entrevista, Izabel comenta sobre o episódio envolvendo o uso indevido de sua obra, ressaltando que conseguiu registrar oficialmente o *Cordel do WhatsApp* em seu nome no dia 20 de janeiro de 2015. Ela destaca que o registro só foi possível graças à captura da tela de sua publicação original no Facebook, o que comprova a autoria e a data de divulgação do texto.

“Claro que nesse tempo o Cordel do WhatsApp foi plagiado, ele foi publicado em livros sem a minha autoria, ele foi apresentado na TV com um autor diferente, enfim, teve vários contratemplos, mas felizmente eu consegui registrar o Cordel do WhatsApp a partir da tela do Facebook. Por isso que eu sei a data, que foi dia 20 de janeiro de 2015” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

O plágio sofrido por Izabel revela uma nova dimensão de invisibilidade enfrentada pelas mulheres no cordel: a supressão da autoria nos meios digitais. Mesmo diante da ampla circulação de suas obras, o apagamento de sua assinatura acende um alerta sobre como a marginalização da autoria de mulheres se atualiza nas dinâmicas virtuais. Ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais oferecem novas possibilidades, elas também impõem novos riscos às cordelistas. Em entrevista ao Jornal da Cidade, em 2019, Izabel relembrava o ocorrido

⁴⁴Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BwO3UI4B39w/>. Acesso em 19 abril 2025.

e comenta que o plágio no cordel é uma coisa recorrente, tanto no sentido histórico, como no atual. Ela diz:

O cordelista Leandro Gomes de Barros, por exemplo, já era vítima de cópia do seu trabalho lá no ano de 1900, onde ele também teve seus folhetos reproduzidos sem autorização. Infelizmente, existe uma vulnerabilidade social muito grande no cordel por ser considerada uma literatura de menor valor, mas é preciso assegurar aos cordelistas os direitos que eles têm. (Nascimento, 2019)

Sobre a reivindicação de seus direitos, a autora complementa dizendo que exigir a autoria de um texto que é dela é uma “questão histórica”, remetendo ao passado de silêncio imposto a tantas poetisas. Izabel completa: “A cordelista precisa ser reconhecida como autora de sua obra, a população precisa saber quem de fato escreveu e reconhecer” (Nascimento, 2019).

Com a repercussão de seus primeiros versos no digital para além do triste episódio de plágio, Izabel percebeu também o crescente interesse do público em conhecer cada vez mais sobre suas obras. A partir disso, passou a estabelecer um diálogo direto com seus leitores e leitoras, em enquetes e publicações no Instagram, Facebook e Youtube. Esses leitores não apenas engajavam suas produções, mas também sugeriam temas e inspiravam novas obras:

“Comecei a escrever poemas e fui conversando com as pessoas, então estabeleci um diálogo muito importante, muito interessante com as pessoas que me sugeriam vários temas. Alguns eu escrevia, outros não, mas eu passei três anos escrevendo com essas inspirações, das respostas que eu tinha das pessoas” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

A partir dessa experiência, Izabel passou a reconhecer, de forma cada vez mais nítida, o potencial das redes sociais na sua arte. Nesse movimento de troca e escuta, impulsionado por textos e sugestões enviadas por seus seguidores, a cordelista lançou, em 2018, seu primeiro livro: *Sementes de Girassóis*. A obra é uma coletânea de cordéis que foi construída de maneira colaborativa, a partir dos resultados de uma enquete realizada em seu perfil pessoal no Instagram, reafirmando sua aposta na escrita participativa e no uso das redes como espaço de criação compartilhada. A experiência de Izabel pode ser teorizada a partir das contribuições de Raquel Recuero (2009), ao discutir como as tecnologias digitais são apropriadas de maneira criativa e crítica por diferentes grupos sociais. A autora afirma que as redes sociais online funcionam como estruturas sociais, permitindo conexões entre indivíduos e grupos. Assim, essas plataformas ampliam o acesso à informação e possibilitam formas de ação coletiva. Mais além, a cultura participativa nas redes e os modos como nos apropriamos

dessas tecnologias reinventam constantemente suas características, criando novas formas de sociabilidade e participação.

Empiricamente, ao perceber que o formato tradicional do folheto já não comportava a quantidade e diversidade de cordéis produzidos, Izabel recorreu às redes sociais para escutar seu público e transformar essa escuta em processo de elaboração editorial. Como ela mesma relata:

“O folheto já não era um suporte para a quantidade de poemas que eu tinha. Eu fiz uma enquete no próprio Facebook e no Instagram, fiz uma enquete, as pessoas começaram a votar quais eram os poemas que elas queriam ver nesse livro, e aí foi que surgiu a ideia de fazer *Sementes de Girassóis*. Eu coloquei ‘sementes’ porque eram doses, eram estrofes soltas, com vários temas, mas eram doses de poemas, não era uma história completa como um coletivo. Então esse livro, ele não nasce no material físico. Ele nasce no espaço virtual” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

O lançamento de *Sementes de Girassóis* foi marcado por um sentimento coletivo de celebração e pertencimento. Um momento de ampliação das possibilidades de comunicação através do cordel feito nas redes sociais e a partir de múltiplos pontos de vista acerca das produções da autora. Como completa Izabel:

“Foi um momento muito importante de celebração, o lançamento de *Sementes de Girassóis*, porque as pessoas começaram a dizer, olha, eu gosto desse poema, olha, eu gosto desse, eu gosto desse. Isso deu a possibilidade da comunicação. E a gente acredita que as redes sociais, elas ampliam a comunicação. A gente pode criar formas de qualificar as comunicações através das redes sociais” (Nascimento, 2024, em entrevista concedida à autora).

Essa potência do cordel feito e compartilhado em redes sociais encontra eco na escrita de outras mulheres cordelistas, como a cearense Dalinha Catunda, que, em 2011, já antevia o poder das tecnologias digitais na reinvenção do cordel. Em seus versos, ela celebra esse encontro:

*[...] A internet chegando,
Vestiu de asas o cordel,
Que voou pra todo canto,
Como um alado corcel,
Com toda desenvoltura,
Aproveitou a abertura
Para firmar seu papel.*

*Um dia virou folheto
O que era apenas oral.
Chegou à televisão,
A revista, ao jornal.
E na internet brilha
Seguindo a nova trilha
Neste mundo virtual.*

*Na internet impera,
A real democracia,
Lê-se o contemporâneo,
E o antigo se aprecia
Com a multiplicidade
Que na rede contagia.*

(Catunda, 2011)

Entre métricas e rimas, Datinha evoca uma celebração das novas trilhas percorridas pelo cordel contemporâneo, agora feito também de cliques, comentários e conexões, mas ainda profundamente enraizado na escuta, na troca e na coletividade. Também como forma de celebração, Izabel conta que um dos seus últimos cordéis foi feito pelo ChatGPT⁴⁵. Os versos nasceram como uma forma de rebater os *haters*. A cordelista diz: “Fiz de maneira pedagógica mesmo. Porque, ao som de qualquer novidade, já pregam que a poesia de cordel vai acabar.” Para Izabel, a inserção de tecnologias digitais, como a Inteligência Artificial, não representa o fim do cordel, mas sim a emergência de novas práticas culturais. Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Pierre Lévy (1993) e com os versos de Dalinha (2011). De acordo com os autores, cada nova tecnologia reorganiza e amplia a cultura popular, especialmente no caso do cordel, que desde sua origem carrega em si uma propensão à reinvenção, possibilitando o surgimento de múltiplas linguagens e formas de expressão.

Izabel observa que o temor relacionado ao uso da Inteligência Artificial no universo do cordel não emerge, necessariamente, de quem cria, mas de um medo histórico que sempre acompanhou os avanços tecnológicos: o receio de que a tecnologia extinga o caráter humano

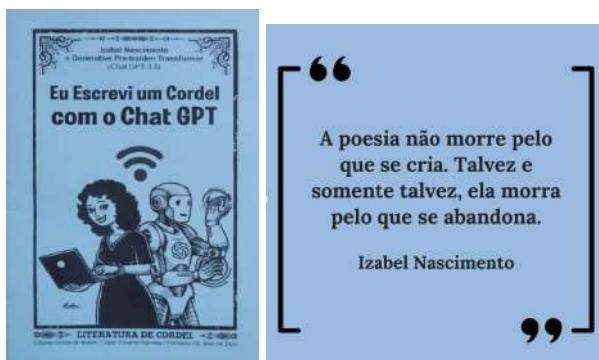
⁴⁵ Publicado no dia 29/04/2024 no perfil pessoal da cordelista no instagram. Disponível: https://www.instagram.com/p/C6Wgs2pAC6F/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFIZA==

das coisas. Entretanto, sua prática evidencia o oposto: a poetisa de cordel, longe de desaparecer, resiste e se reinventa, abrindo novas possibilidades de criação, circulação e fortalecimento da cultura popular. Assim, como uma forma de manifesto, a autora escreve em seu perfil do Instagram no dia 29/04/2024:

Este cordel nasce do medo. Mas não do medo de quem escreve versos, e sim, daquele medo histórico que fez com que algumas pessoas, no passado, anunciassem o fim da Literatura de Cordel graças ao surgimento do jornal impresso, depois do rádio, depois da televisão, depois da internet, depois das redes sociais e que agora está em polvorosa com a Inteligência Artificial, sem saber que o/a poeta é na essência, um ser destemido. (Nascimento, 2024, publicação no Instagram)

Um ser destemido! É assim que Izabel descreve o poeta que diante das mudanças, não abandona o fazer cordel, mas o ressignifica. Neste momento, Izabel sem medo denuncia o conservadorismo que insiste em fixar o cordel em moldes rígidos, ao mesmo tempo em que afirma a potência das tecnologias digitais como resposta crítica ao medo e à “forma única” de escrever cordel. Para a cordelista, quando nos debruçamos sobre as potencialidades do cordel é necessário ampliar o olhar para aprofundar as discussões e erradicar a mentalidade rasa com as quais ainda nos deparamos. Em sua obra breve, porém contundente, *Eu escrevi um cordel com o ChatGPT*, publicada neste mesmo dia (29/04/2024) pelo coletivo Cordel de Mulher, Izabel ironiza e desafia a narrativa apocalíptica que anuncia o “fim” do cordel diante das tecnologias digitais. Longe de temer o novo, a autora o enfrenta com inteligência crítica e sensibilidade, relembrando que outras tecnologias, o rádio, o jornal, a televisão, a internet, também foram, em seu tempo, tratadas como ameaças, mas nenhuma delas matou a poesia.

Figura 19 – "Eu escrevi um Cordel com o ChatGPT".



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁴⁶.

Recentemente, Izabel Nascimento também desenvolveu, em sua pesquisa de mestrado, o projeto Cordel Aplicado, um aplicativo educativo voltado à difusão da literatura de cordel por meio de recursos interativos. A proposta, conforme relata a autora, nasce da articulação

⁴⁶Disponível: <https://www.instagram.com/p/C6Wgs2pAC6F/>. Acesso em: 13 maio 2025.

entre tecnologia e ancestralidade, no contexto de uma pedagogia crítica e popular. Em suas palavras:

"O final do meu trabalho foi a criação de um aplicativo chamado Cordel Aplicado, que serve para as pessoas terem acesso aos conhecimentos da literatura de cordel através de um aplicativo. Um aplicativo com jogos, um aplicativo com perguntas e respostas, um aplicativo onde você interage com outros poetas. Então, essa ferramenta também foi criada, que aí foi também o que eu apresentei no meu trabalho de mestrado, que é esse aplicativo, que é mais uma forma de usar a tecnologia nesse contexto, claro, porque a minha linha de pesquisa são processos pedagógicos, mas utilizar uma ferramenta digital para o conhecimento ancestral. Então, isso também fez parte de todo esse conteúdo que foi o mestrado"

(Nascimento, 2024, entrevista concedida à autora).

Este ato de Izabel em mediar disputas e formular novas funções sociais através dos recursos comunicacionais para o cordel nos remete a ótica de Martín-Barbero (1997) e dos estudos da Folkcomunicação de Beltrão (1980). Neles vemos que a literatura de cordel não se limita a poesia declamada em saraus e feiras: ela se consolida como uma mediação cultural sendo também um recurso comunicacional do fazer social. Essa característica mediadora, segundo Barbero (1997), não decorre apenas das pressões impostas pela mercantilização ou pela adequação a determinados formatos de consumo, mas emerge sobretudo do “dispositivo da repetição e dos modos de mediar”, ou seja, das escolhas sobre o quê, quanto e como fazer. Por se configurar como ação mediadora para Izabel, o fazer cordel da cordelista carrega marcas da heterogeneidade e da pluriculturalidade não se de quem escreve, mas também de quem lê. Nesse sentido, convoca um olhar crítico e amplo ao se deslocar das categorias estabelecidas pela literatura, abrindo espaço para o fazer cordel como prática social, política, coletiva e sobretudo, comunicacional.

Segundo o pesquisador do campo da comunicação, Luiz Antônio Marcuschi (2010, p. 169), a interatividade nas redes sociais é intrínseca e, de certa forma, a internet é um espaço democrático, mesmo não sendo universal, o que pode evocar uma diversificação de vozes nas mais diversas pautas e movimentos que surgem dele. Em concordância com Marcuschi, Cecília Peruzzo (2003) reflete que quando cordelistas utilizam o cordel como veículo de comunicação para acessar grupos vulneráveis, elas encontram nas redes sociais um canal de expressão para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade.

Nessa perspectiva, a comunicação popular se desenvolve articulada aos movimentos sociais como canal de expressão e meio de mobilização e conscientização das populações residentes em bairros periféricos e submetidas a carências de toda espécie. (PERUZZO, 2003, p.247)

Assim como o cordel criado com o auxílio do ChatGPT e outros projetos digitais desenvolvidos por Izabel Nascimento, o *Ressaca Poética*, idealizado por Daniela Bento, representa uma expressão poderosa dessa concepção do cordel como ponte, canal de escuta e instrumento de expressão. Atenta às realidades das mulheres com quem atua na zona rural, Daniela percebeu uma nova demanda: o acesso aos cordéis, por meio do áudio, em podcast.

Eu entendia também que, assim, muita gente não consegue ler, mesmo estando nas redes sociais. E isso eu estou muito absorvendo de algumas mulheres que eu trabalho com elas. E quando eu mando o WhatsApp, conecta todo mundo em qualquer lugar de trabalho e como eu trabalho com comunidade, às vezes eu escrevia um texto em base que elas pediam para mandar áudio porque elas não conseguiam ler. E eu também queria que outras pessoas que não conseguissem ler, eu pudesse oferecer o link para me ouvir (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Inaugurado em dezembro de 2017, o podcast *Ressaca Poética* foi idealizado por Daniela como um recurso de acessibilidade para mulheres de sua comunidade que não tiveram acesso à alfabetização. Ao longo de 52 episódios, o programa promoveu, por meio da poética, reflexões com essas mulheres sobre temas como violência doméstica, problemáticas de gênero sob uma perspectiva decolonial, racismo, intolerância religiosa, sexualidade e machismo. A proposta central consistia em construir um diálogo horizontal mediado pela poesia. O último episódio do podcast foi ao ar em 14 de março de 2022, totalizando 05 anos no ar. Daniela conta que precisou encerrar o projeto devido à correria do cotidiano e aos contratempos que se acumularam. Ainda assim, ela reconhece a importância e a potência social que o *Ressaca Poética* segue exercendo, mesmo após o fim das gravações. Desde o lançamento até os dias atuais, o podcast permanece como um instrumento de escuta, acolhimento e partilha para muitas mulheres que enfrentam barreiras estruturais de acesso à leitura e à informação.

Figura 20 – Capa do PodCast Ressaca Poética no Spotify.



Fonte: Spotify⁴⁷.

Em entrevista, a cordelista nos conta:

“Estou há bastante tempo sem gravar, falta de tempo. Mas eu dizia assim, olha, todo tema que eu tenho conversado e que muita gente queria que escutasse, não consegue escutar porque não consegue ler, porque não consegue baixar o negócio do celular, que é fraco, mas eu consigo mandar no MP3, baixar no MP3, no meu podcast com textos e elas vão me ouvir” (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

O fim do *Ressaca Poética* não impediu a cordelista de tentar outros formatos de fazer cordel para aprimorar a comunicação com seu público. Essa sensibilidade à realidade do outro marca a forma como Daniela pensa e pratica o cordel em diferentes suportes até hoje. Ao refletir sobre sua experiência enquanto cordelista nas redes sociais e o fim da poesia frente às tecnologias digitais, ela afirma:

“Eu costumo brincar e dizer assim, que eu sou até bem pouco de ocupar as redes mesmo com o meu cordel de declamar, gosto de usar como espaço pedagógico, de denúncia. Mas, eu acredito que o cordel não vai perder a sua característica de ser escrito, o suporte, porque o cordel não é o livro, o cordel é o texto, não importa que suporte” (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Neste momento, Daniela evoca um cordel autônomo, pedagógico, tanto em sua poética quanto em sua função social, ou seja, um cordel que vá além da materialidade dos suportes. Essa compreensão revela uma postura aberta às transformações do tempo presente, sem, contudo, perder de vista a essência do que é o cordel: uma forma de expressão popular

⁴⁷Disponível em: [RESSACA POÉTICA Caso queria contribuir faça através do nosso PIX 52535770334 | Podcast on Spotify](#). Acesso em: 02 maio 2025.

que transcende o papel e ganha vida no encontro do poeta com o outro. Ademais, Daniela reconhece essa expansão das formas de fazer cordel com advento das redes sociais como um movimento muito natural:

“Acho que é uma tendência realmente que o cordel vai ocupar cada vez mais as redes sociais por uma questão do tempo presente. Acho que o cordel tem que estar em todo canto, e acho massa os que têm aí nas redes, nos virtuais. E, por vezes, eu faço também, mas eu acredito que a gente precisa sempre caminhar nessas duas vertentes, entre o livro escrito, impresso, e as redes sociais” (Bento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Daniela se ancora na compreensão de que comunicar é também educar, e que a poesia pode servir como ponte entre mundos, vertentes, saberes e modos diversos de existência. A partir dessa perspectiva, ela transforma o cordel em um recurso de inclusão comunicacional e pedagógica, acessível tanto para quem lê com os olhos quanto para quem escuta com os ouvidos. Essa abertura e compromisso com a ampliação de acessos se manifestam de forma expressiva em seu mais recente projeto: o curta-metragem *Coisa de Preto*. Com direção de Pâmela Peregrino e distribuição da produtora Corpo Fechado, o filme conquistou em maio de 2025 o prêmio de Melhor Roteiro no festival Tela Cariri: *O Nordeste É Coisa de Cinema*, reafirmando o potencial do cordel como linguagem múltipla, insurgente e, também, audiovisual.

Figura 21 – Capa premiação Festival Tela Cariri, obra Coisa de Preto.



Fonte: Instagram @daniela.poeta⁴⁸.

A animação é roteirizada por Daniela Bento e narrada por Izabel Nascimento, e

⁴⁸Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DI48e2bNq-V/>. Acesso em: 28 abril 2025.

ressignifica uma expressão historicamente estigmatizada, destacando a luta dos afro-brasileiros contra condições de trabalho precárias, a demonização religiosa e a expropriação cultural. Em *Coisa de Preto*, Daniela evoca uma contra-narrativa que afirma o pertencimento, a memória e a agência política dos corpos negros:

“[...] *O que é coisa de preto?*
É ficar limpando o chão?
Não ser líder do partido?
Nem chefe da redação?
Se você só pensa assim
Reveja a opinião.

Não guarde seu preconceito
Demonstre sua visão
Não despreze nosso credo
Com sua bíblia na mão
Nosso Oxum e Olorum
Habita é no coração.

O nosso cabelo é lindo
Trançado ou pixaim
O nosso batuque anima
Mas não faz nada ruim
Mas uma fé que maltrata
Fere você e a mim.

[...] *Tentei aqui descrever*
Um pouco da nossa glória
Do passado do presente
Mostrar nossa trajetória
Debater o preconceito
Que persiste na história.

Reafirmando a luta

*Concluo aqui meu cordel
 Em busca de consciência
 Foi que usei o papel
 Vamos unir nossa luta
 Pintar um novo painel.*
(Bento, 2021)"

Ao perguntar "o que é coisa de preto?", a autora nos convoca a romper com visões cristalizadas e estigmatizantes, propondo, em seu lugar, uma celebração da ancestralidade, da estética negra e da espiritualidade afro-brasileira como formas legítimas de existência. As imagens de "cabelo trançado ou pixaim", "batuque" e "Oxum e Olorum" deslocam o olhar colonial e cristão hegemônico, que prioriza certas culturas e credos em detrimento de outras. Daniela não apenas denuncia, mas propõe uma nova gramática de sentidos, um "novo painel", onde a arte do cordel se transforma em recurso político, de empoderamento. É nesse entrelaçamento entre palavra, corpo e história que a narrativa de *Coisa de Preto* se constitui como um dispositivo contra-hegemônico, que não só combate o racismo estrutural, mas também reivindica espaços de saber e poder para sujeitos historicamente marginalizados.

Nas palavras da própria cordelista, a obra foi concebida com a intenção de dialogar com o chão da escola, abordando o racismo como tema central a partir de uma perspectiva pedagógica crítica. "Lanço o cordel *Coisa de Preto* com a perspectiva de que ele possa ser uma ferramenta pedagógica, didática na escola", afirma Daniela Bento, que, na segunda edição da obra, incluiu glossário, referências bibliográficas e outros recursos metodológicos voltados à prática docente. A proposta era clara: inserir o cordel como instrumento de formação antirracista no cotidiano escolar. O que nasceu, portanto, como intervenção no espaço educativo, hoje transborda as salas de aula e ganha o mundo pelas telas, alcançando públicos diversos por meio da linguagem audiovisual e digital, sem perder seu caráter formativo e de denúncia.

A professora Maria Gislene Fonseca (2019) fala sobre a potência das mulheres cordelistas que ousaram desbravar outros formatos como o audiovisual e as redes sociais para tornar o fazer cordel cada vez mais ativista e coletivo:

Além de criarem espaços para a visibilidade de suas produções, as mulheres poetas têm se organizado politicamente para reagirem a um apagamento histórico de suas contribuições para a poesia de cordel. Elas se reúnem em grupos e associações, mas

também informalmente, pensando produtos, eventos e ações políticas de mobilização (Fonseca, 2019).

Para a autora, nesses espaços, as cordelistas não só pensam e divulgam suas obras, mas promovem encontros, formações e ações em coletivo que visam disputar narrativas e afirmar uma presença crítica no cordel, presença essa que historicamente foi ocultada ou secundarizada. A fala da professora Maria Gislene em diálogo com as trajetórias de Daniela e Izabel, nos revela também uma dupla dimensão da atuação das mulheres cordelistas: por um lado, a reconfiguração do fazer cordel, que passa a incluir outros formatos, corpos e experiências; por outro, a criação de novas pedagogias de resistência política, que fazem das redes sociais um campo de enfrentamento e debates.

Ao refletir sobre os caminhos presentes e futuros da literatura de cordel, Izabel Nascimento afirma sua recusa em assumir uma postura estática diante das transformações sociais e tecnológicas. Para ela, ser cordelista é também acompanhar os fluxos do tempo, reinventar a tradição e manter a potência da palavra em constante movimento: “me recuso a ser uma cordelista que para no tempo”.

“Nós não vamos ficar parados no tempo. Nós tivemos mudanças muito profundas na sociedade, dos dois mil anos pra cá. E essas mudanças, elas vão continuar acontecendo. O que nós vamos fazer com elas é que vai fazer a grande diferença pra nós enquanto humanidade. Se nós vamos utilizar uma faca pra fazer um alimento, ou se a gente vai utilizar uma faca pra tirar a vida de alguém. Mas é a mesma ferramenta. Se nós vamos utilizar as redes sociais para difundir coisas positivas, para falar sobre poesia, para contar histórias, para observar quem são as mulheres que estão escrevendo, que estão desbravando o mundo, quem são as mulheres que estão se desafiando a fazer coisas onde nunca chegaram, ou se a gente vai utilizar as mesmas redes sociais, as mesmas ferramentas, para xingar as mulheres, para ofender as mulheres, para depreciar as mulheres” (Nascimento, 2024, trecho da entrevista concedida a autora).

Com essa mesma postura combativa, Izabel e Daniela se colocam ao lado de outras cordelistas e à frente de um processo de embate aos atravessamentos históricos de gênero, raça e classe, desafiando as estruturas patriarcais que há séculos tentam delimitar os espaços da autoria feminina no cordel. Nesse contexto, os meios digitais também se tornam arenas para elas. Como analisa Néstor García Canclini (2019), ainda que as redes produzam movimentos intensos e por vezes efêmeros, elas também podem gerar participação significativa e promover formas de horizontalidade nas relações sociais. O movimento **#CORDELSEMMACHISMO**, assim como outros projetos citados até aqui, é exemplo dessa potência: ao ocupar o espaço virtual, as cordelistas articulam poetas, pesquisadoras e coletivos em torno da denúncia das violências de gênero no campo do cordel, transformando a internet em território de escuta, visibilidade e construção coletiva. Como escreve o autor, “La

desciudadanización se radicaliza, mientras algunos sectores se reinventan y ganan batallas parciales: por los derechos humanos, por la equidad de género, contra la destrucción ecológica, etc" (Canclini, 2019).

Essa reinvenção frente às tecnologias digitais e novas formas de comunicação, protagonizada por mulheres cordelistas, mostra que o cordel não é um espaço apolítico, mas de reivindicação legítima. A autoria feminina no cordel, nesse sentido, não apenas sobrevive, ela se expande, reconfigura todo o cenário e incomoda. Entendendo as redes sociais como aliadas de suas experiências, inclusive devido ao que é possibilitado por elas, Izabel Nascimento e Daniela Bento mantém ainda HOJE presença ativa em suas páginas pessoais no Instagram, elas se recusam a “parar no tempo”.

Figura 22 – Reinvenção do Coisa de Preto, primeiro como folheto, depois como livro em aquarela, trend “primeiro você começa, depois você melhora”.



Fonte: Instagram @daniela.poeta⁴⁹.

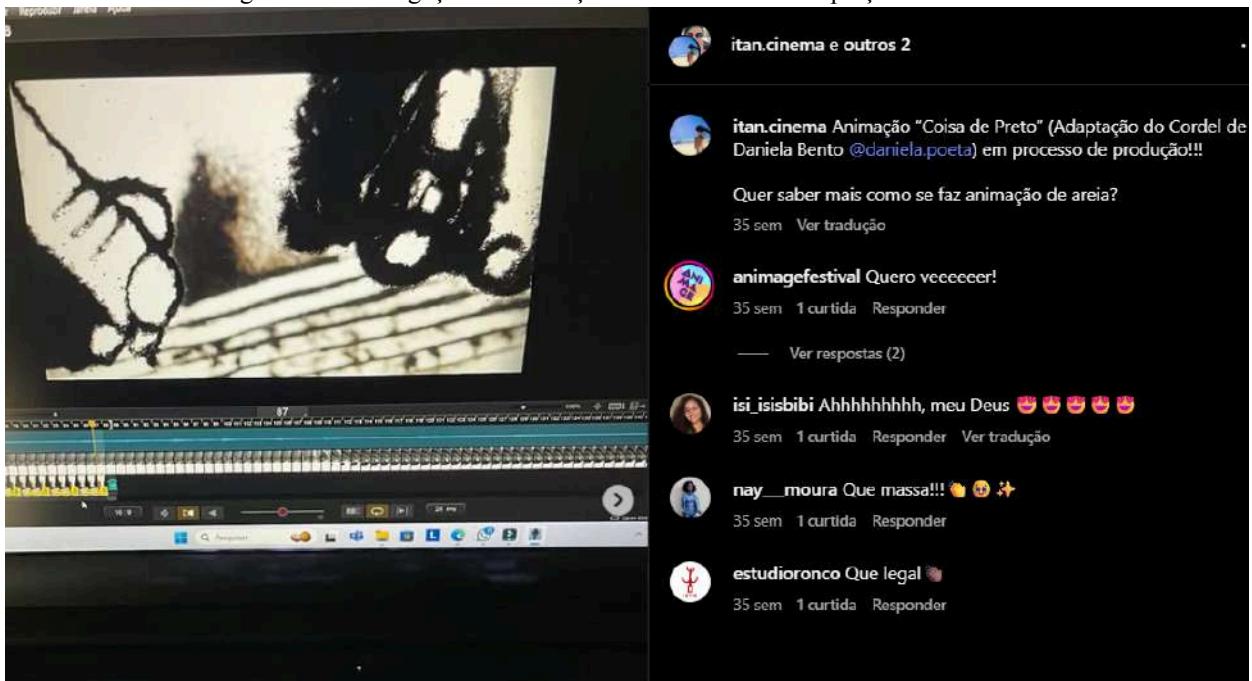
Figura 23 – Divulgação roda de conversa sobre identidade, pertencimento e sexualidade.

⁴⁹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGaeXwFvkPx/>. Acesso em 04 abril 2025.



Fonte: Instagram @daniela.poeta⁵⁰.

Figura 24 – Divulgação da animação Coisa de Preto. Adaptação do cordel.



Fonte: Instagram @daniela.poeta⁵¹.

Figura 25 – Divulgação Mesa de Debate em alusão ao dia da visibilidade lésbica.

⁵⁰Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAyC7-1uVFL/>. Acesso em 04 abril 2025.

⁵¹Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DAc-yQuisk/>. Acesso em 04 abril 2025.



Fonte: Instagram @daniela.poeta⁵².

Figura 26 – #tbt Izabel no Programa Encontro com Fátima Bernardes, homenagem ao Dia Internacional da Mulher.



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁵³.

Figura 27 – Novo quadro “Belita” Izabel em quadrinhos.

⁵²Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_DWS7kOjyo/. Acesso em: 05 abril 2025.

⁵³Disponível em: https://www.instagram.com/p/CaznqRsu_Rz/. Acesso em: 05 abril 2025.



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁵⁴.

Figura 28 – Carta de Izabel contra o machismo sofrido pelas mulheres do Vale do Paraíba.



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁵⁵.

⁵⁴Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DJRPhomOOFv/>. Acesso em: 10 abril 2025.

⁵⁵Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DIC033MAEq9/>. Acesso em: 10 abril 2025.

Figura 29 – Trecho da carta de Izabel contra o machismo sofrido pelas mulheres do Vale do Paraíba.



Fonte: Instagram @izabel.cordel⁵⁶.

Nos perfis pessoais das autoras no Instagram, que se consolidaram como espaços de comunhão, troca constante de saberes e incubadoras de novos projetos, Izabel Nascimento e Daniela Bento não apenas divulgam suas produções, mas também se afirmam politicamente, elaboram novas semânticas para o fazer cordel e expandem o alcance da poesia popular como recurso de formação crítica. Suas publicações ultrapassam o campo da autopromoção: são denunciativas, engajadas e políticas. Ali, compartilham conteúdos sobre a história e os bastidores do cordel, versificam temas urgentes, denunciam violências de gênero e de raça, resgatam memórias subalternizadas e vinculam suas experiências de vida aos debates contemporâneos sobre autoria, feminismo e justiça social. Nesse processo, o cordel, que outrora ecoava em feiras, praças e folhetos, se reinventa em timelines, curta-metragens, lives e hashtags, transformando as redes digitais em arenas de ressignificação e afirmação de uma poética de resistência.

Encerro este tópico com o apelo do professor Osvaldo Meira (2008), direcionado a nós, pesquisadores/as do campo da comunicação, em seu trabalho “*O acontecimento midiático na Literatura do Cordel*”. O autor nos convoca à atenção crítica diante das transformações pelas quais passam as manifestações culturais no contexto globalizado. Ele avisa:

⁵⁶Disponível: <https://www.instagram.com/p/DIC033MAEq9/>. Acesso em: 04 abril 2025.

Nós, pesquisadores, devemos ficar mais atentos às metamorfoses ou às rápidas mudanças por que passam as diferentes manifestações culturais tradicionais no mundo globalizado, até para entender melhor os processos de apropriação e incorporação dos bens midiáticos, materiais e imateriais, na produção, difusão e recepção, que reinventam e dão novos sentidos às narrativas populares no cordel. (Meira, 2008, p.8)

Suas palavras ganham ainda mais densidade quando articuladas à discussão sobre a potência de cordelistas como Izabel Nascimento e Daniela Bento, que assumem um protagonismo engajado nos meios digitais em favor da coletividade e da transformação social. Nesse contexto, é urgente compreender o cordel não apenas como uma expressão literária enraizada na tradição, mas como um meio vivo, dotado de função social e em permanente reinvenção. Um campo atravessado por disputas de poder, tensionamentos políticos e afetivos, que conferem novos sentidos às narrativas populares. Essa reinvenção adquire força ainda maior quando o cordel é feito por mulheres negras que, a partir de seus pontos de vista situados, deslocam a centralidade do discurso hegemônico, subvertem a lógica patriarcal e ressignificam o fazer cordel a partir de suas próprias experiências, sobre os seus próprios termos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento, reafirmamos a relevância histórica e social de duas mulheres negras sergipanas que reinventam o cordel e o transformam em um recurso político de enfrentamento às estruturas racistas e patriarcais da sociedade. Reafirmamos, sobretudo, a importância das contribuições dessas autoras para o campo da comunicação. Ainda que os estudos da folkcomunicação, e outras linhas de pesquisa que já reconhecem o cordel como meio comunicacional, tenham avançado de Beltrão para cá, a potência informativa, denunciativa e comunicacional do cordel continua sendo explorada de forma tímida nos programas de pós-graduação em Comunicação Social frente às suas reais possibilidades.

O presente trabalho vem na contramão, fundamentado nas perspectivas de autoras como Patricia Hill Collins (2019) e articulado ao pensamento feminista negro e interseccional de autoras como Lélia Gonzalez (1984), Conceição Evaristo (2007), Ochy Curiel (2020), Maria Lugones (2019), Glória Anzaldúa (1987), Audre Lorde (1980), bell hooks (2019) e Chimamanda Ngozi Adichie (2019). Nossa caminhar teórico e empírico possibilitou compreender como estudar as trajetórias das cordelistas em questão, a partir dos seus próprios termos. Ele revela as múltiplas funções sociais da autoria feminina no cordel, que não apenas subvertem os estigmas historicamente atribuídos à literatura de cordel como “subliteratura”, mas também confrontam os limites impostos à legitimidade da escrita das mulheres negras enquanto produtoras de saberes.

Nas palavras de hooks (2019, p. 264), “falar é a marca da liberdade, de se fazer sujeito”. Nesta perspectiva, contar nossas próprias histórias é uma forma de acessar o poder, de romper com a posição de objeto, sendo representadas ou narradas por outros, e assumir a condição de sujeitas que constroem e reescrevem suas próprias trajetórias. É exatamente esse movimento que Daniela Bento e Izabel Nascimento fazem ao escreverem e falarem sobre suas experiências, seja nos folhetos de cordel, seja nas mídias digitais: reivindicam suas liberdades individuais ao mesmo tempo em que reescrevem uma história que é coletiva.

Em busca do fechamento do primeiro objetivo específico da pesquisa, foi possível traçar um panorama da história do cordel sob uma abordagem crítica e interseccional, evidenciando o processo de apagamento histórico das mulheres cordelistas, o contexto social e cultural do qual emergem trajetórias como as de Izabel e Daniela, e, sobretudo, apontar para a urgência de recontar as histórias dessas mulheres por outras perspectivas. Perspectivas que

rompem com os silenciamentos e revelem a complexidade de suas experiências enquanto mulheres que fazem cordel.

Ao investigar as trajetórias das cordelistas, demarcado no segundo objetivo específico da pesquisa, identificamos como as interseções entre gênero, raça e território atravessam suas vivências: seja nas redes sociais, nos espaços políticos ou nas dinâmicas familiares. Acerca do uso da tecnologia, foi possível observar sobretudo que as redes sociais não apenas funcionam como instrumentos de divulgação de seus trabalhos, mas também se apresentam como espaços de articulação política, fortalecimento de identidades e criação de redes de acolhimento e resistência política entre mulheres. Observamos que Daniela e Izabel utilizam os meios digitais para reposicionar suas vozes e de outras cordelistas em uma esfera pública historicamente excludente, onde mulheres negras raramente ocupam o centro do discurso.

Por meio das inúmeras possibilidades da comunicação popular, essas poetisas constroem um lugar de acolhimento e visibilidade no cordel, tanto nas suas práticas cotidianas em comunidades quanto por meio das redes sociais. Ao se apropriarem das novas ferramentas de comunicação proporcionadas pela internet, ampliam suas potencialidades de influência e se tornam referências para outras mulheres, incentivando o surgimento de novas vozes e fortalecendo um movimento coletivo de autorias femininas no cordel.

Também foi possível identificar que a inserção da mulher negra no universo da comunicação popular tem provocado transformações significativas nos modos tradicionais de fazer cordel. De forma gradativa, é testemunhada uma verdadeira revolução no cenário do cordel, historicamente marcado pela hegemonia masculina. As práticas dessas mulheres tensionam o cânone, deslocam as margens e instauram novas centralidades, revelando como o cordel, ao ser atravessado por essas vozes insurgentes, se reinventa como espaço de criação e denúncia.

Por fim, ao delimitar as dimensões afetivas, sociais e políticas que emergem das falas de Izabel e Daniela no terceiro objetivo específico a pesquisa, observamos também o quanto suas narrativas tensionam os limites do cânone literário e da tradição popular, desafiando as estruturas hegemônicas tanto no interior do cordel quanto nos espaços que o cercam. A síntese desta análise revela a partir das quatro dimensões principais das trajetórias das cordelistas, que Izabel Nascimento e Daniela Bento não apenas iluminam as múltiplas formas de resistência das mulheres negras no cordel, mas também apontam para o poder transformador da palavra quando enraizada na experiência, na memória e na mulheridade. Sobretudo, demonstra que o cordel, longe de ser apenas uma manifestação literária periférica,

é um território de disputa, de construção e reivindicação identitária e de insurgência contra o sistema patriarcal e racista de opressão. Essas mulheres não escrevem à margem, elas redesenharam os limites do centro, resistem em posição de protagonismo. E ao fazê-lo, oferecem novas possibilidades de vivenciar o cordel. Assim, esta dissertação assina o compromisso que é preciso uma escuta atenta, o registro e ampliação dos espaços de fala de cordelistas negras, pois neste movimento reside uma força epistemológica que desafia o silenciamento e a exclusão dos saberes e fazeres populares.

Deste modo, esta dissertação também reflete um compromisso pessoal, político e acadêmico com a desconstrução de narrativas hegemônicas e estereotipadas que historicamente marginalizaram as mulheres negras no cordel. Ao lançar luz sobre as trajetórias de Izabel Nascimento e Daniela Bento, o trabalho buscou evidenciar como, mesmo diante de dinâmicas opressivas de raça, sexualidade e gênero, essas cordelistas reescrevem seus lugares sociais a partir de uma perspectiva insurgente e contra-hegemônica. Ao invés de serem apenas representadas, elas assumem a palavra e com ela, o poder de narrar, denunciar e criar.

Este compromisso também se concretiza na intenção de fomentar debates acadêmicos e sociais no campo da comunicação sobre as permanências das estruturas de exclusão que atravessam as manifestações culturais. O cordel, como linguagem popular e política, se revela como campo fértil para tensionar essas continuidades e reivindicar novas possibilidades de autoria. Por isso, deixo como horizonte de ampliação desta pesquisa a proposta de estabelecer diálogos com outros contextos comunicacionais e com diferentes expressões artísticas, contribuindo para a construção de espaços mais diversos e plurais para vozes que historicamente foram relegadas a marginalização, espaços que reconheçam a potência criadora, crítica e ancestral das mulheres negras sergipanas, especialmente aquelas que transformam manifestações culturais como o cordel em território de reexistência.

Por fim, comprehendo que este trabalho não se encerra aqui. Ele permanece em estado de construção, aberto a novas conversas, escutas, teorizações, histórias, objetivos, caminhos metodológicos e aprofundamentos. Esta escrita me conectou a muitas pessoas, direta e indiretamente, e permitiu que eu reconhecesse tanto as potencialidades deste fazer pesquisa quanto suas limitações e os pontos que ainda exigem aprimoramento. É um texto em movimento, vivo, disponível para ser revisitado por mim em breve e, espero, também escancarado por outras vozes em futuros tão urgentes quanto necessários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 4. ed. atual. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AGUIAR, Sonia. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais: Santos, 2007. p. 1-15.

AMADO, Aianne; MALTA, Renata Barreto. **# OscarsSoWhite? A (falta de) representatividade racial na maior noite do cinema mundial**. Esferas, n. 28, 2023.

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência**. Revista estudos feministas, v. 13, p. 704-719, 2005.

BECKER, H. **Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante**. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. 2^a.ed. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 47 - 64.

BELTRÃO, Luiz. **Almanaque de Cordel: veículo de informação e educação do povo**. Comunicarte, v. 1, n. 1, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica. Usos e abusos da história oral**, v. 8, p. 183-191, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Políticas culturais e crise de desenvolvimento: um balanço latino-americano**. BRIZUELA, JI; ROCHA, R. Política Cultural: conceito, trajetória e reflexões—Néstor García Canclini. Salvador: EDUFBA, p. 45-86, 2019.

CARNEIRO, Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Raça, classe e identidade nacional**. Thoth–Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes, Brasília, n. 2, p. 1-299, 1997.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Matrizes da leitura: a expressão xilográfica**. 1994.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing Grounded Theory: a practical guide through qualitative analysis**. London: Sage Publications, 2006.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. **Pesquisa qualitativa: evolução e critérios**. Revista Espaço Acadêmico, 2012.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Boitempo editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **O que é um nome? Mulherismo, feminismo negro e além disso.** Cadernos pagu, p. e175118, 2017.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. (E-book).

DA CONCEIÇÃO LIMA, Dulcilei. **O feminismo negro na era dos ativismos digitais.** Conexão Política, v. 8, n. 1, p. 49-70, 2019.

DA SILVEIRA CORSI, Margarida; DE SOUZA, Rafael Zeferino. **A escrita feminina na literatura de cordel: rompendo barreiras.** Revista Práticas de Linguagem, v. 11, n. 1, 2021.

DE ARAUJO VIEIRA, Iasmim. " e; **A Estrada da Sabedoria" e;: a produção de conhecimento no interior do movimento da mulher trabalhadora rural do Nordeste (MMTR/NE).** 2017. Tese de Doutorado. [sn].

DE HOLLANDA, H. B., NASCIMENTO, B., GONZALEZ, L., & CARNEIRO, S. **Interseccionalidades: pioneiras do feminismo negro brasileiro.** Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

DOS SANTOS, Francisca Pereira. **O livro delas: autoria feminina no cordel, cantoria e gravura.** Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 33, p. 218-230, 2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade.** Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação, v. 2, p. 62-83, 2005.

ESCÓSSIA, Fernanda. **O cordel das mulheres: Uma nova geração reage ao machismo de um gênero poético.** In: Revista Piauí, Ed.168, 2020.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo,** v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

FÉLIX, Josilene. **(In)visibilidade feminina no folheto de cordel.** *Temporalidades*, v. 13, n. 1, p. 391-407, 2021.

FONSECA, Maria Gislene Carvalho. **Autobiografias de mulheres cordelistas: uma contribuição para a nova historiografia do cordel.** Boitatá, v. 15, n. 30, p. 88-100, 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. In: _____. **Da diáspora: identidades e**

- mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HAMMOND, Karla; LORDE, Audre. **An Interview with Audre Lorde.** The American Poetry Review, v. 9, n. 2, p. 18-21, 1980.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel.** 121 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- LEMAIRE, Ria. **Donde Vindes Filha Branca y Colorida? Reflexões em torno do tema mulher e oralidade. Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e diáspora.** João Pessoa: Idéia, 2005.
- LEMAIRE, Ria. **Tradições que se refazem.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, p. 17-30, 2019.
- LEVI, Giovanni. The uses of biography. In: RENDERS, Hans; DE HAAN, Binne (ed.). **Theoretical discussions of biography: approaches from history, microhistory, and life writing.** Leyden: Brill Academic Publishing, 1989.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel.** São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- MELO, Miriam Carla Batista de Aragão de. **“Cordel de saia”: autora feminina no cordel contemporâneo.** São Cristóvão, 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe.
- MONDADA, Lorenza. **A entrevista como acontecimento interacional: abordagem linguística e conversacional.** Rua, v. 3, n. 1, p. 59-86, 1997.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. **O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração.** Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Prisciane Pinto Fabricio; DE OLIVEIRA, Aldenice Auxiliadora; MAMEDES, Rosilene Félix. **Um panorama sobre o folheto de cordel e sua versatilidade temática e performática.** Conselho Editorial, 2023.
- SANTOS, Manuela Fonseca. **A literatura de cordel.** Revista de estudos Ibero-americanos,

2005.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Globalização e geografia: a compartimentação do espaço.** Caderno Prudentino de Geografia, v. 1, n. 18, p. 5-17, 1996.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão artista.** São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2008.

TAVARES, Manuel. Epistemologias do Sul. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Almedina, 2009. 532 p. *Revista Lusófona de Educação*, v. 13, n. 1

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste.** 1983.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: EDUC, 2000

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO TRATADA - DANIELA BENTO.

**TRANSCRIÇÃO TRATADA - DANIELA BENTO.
ENTREVISTA CONCEDIDA VIA GOOGLE MEET.**

DATA: 20/06/2024

HORA: 11:30

LINK DE ACESSO PARA A ENTREVISTA NA ÍTEGRA:
https://drive.google.com/file/d/1_V904iDGdzd7jFOdNv3gnkuMot8MYo48/view?usp=sharing

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO TRATADA - IZABEL NASCIMENTO.

TRANSCRIÇÃO TRATADA - Izabel Nascimento.

ENTREVISTA CONCEDIDA VIA GOOGLE MEET.

DATA: 28/06/2024

HORA: 17:00

LINK DE ACESSO PARA A ENTREVISTA NA ÍNTEGRA:

<https://drive.google.com/file/d/1fWFSVFLNllbzym0Bhk2ungrT8RweaYTH/view?usp=sharing>

APÊNDICE C – MEMORIAL.

MEMORIAL

Das Neves às Nuvens — Às vozes que não se calam!

Dedicado à mulher cordelista,

que ousa se autodefinir.

À princípio:

“Se eu não tivesse me definido para mim mesma, teria sido esmagada pelas fantasias que outras pessoas fazem de mim e teria sido comida viva.”

– **Audre Lorde (1982)**

“Me causava incômodo essa naturalidade de ter uma literatura blindada para ofender quem você quiser. Porque, na verdade, o cordel é isso. O cordel é gracejo. Mas o mundo não comporta mais esses gracejos. O mundo evoluiu. Eu nem sei se nesse tempo era permitido, porque era um contraditório. Ninguém podia dizer diferente, porque se uma mulher não podia nem escrever, ela ia poder dizer o quê? Como poderia se defender?”

– **Daniela Bento (2024, entrevista concedida à autora)**

Assim começa este memorial: ao eco das palavras de Daniela Bento e Audre Lorde, que nos lembram da urgência da autodefinição e da coragem de romper silêncios. Porque é nas linhas, nos dizeres, no corpo e na voz da mulher cordelista que este memorial encontra seu sentido. Antes de virar letra, é vivência. Antes de ser história, é memória encarnada.

Este memorial nasce como um desejo de jogar luz sobre as muitas mulheres, artistas, ativistas, cordelistas que foram citadas ao longo desta dissertação de mestrado. É também fruto da inquietação diante das ausências, da vontade de fazer presente o que foi apagado. Nasce da necessidade de apresentar, com o cuidado que a memória exige, um pouco das contribuições das mulheres que, com palavras afiadas, abriram brechas no tempo para que outras também pudessem passar.

Inspirado na I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano, Das Neves às Nuvens, obra organizada por Daniela Bento e Izabel Nascimento, o título deste trabalho carrega travessias. Evoca Maria das Neves Batista Pimentel, primeira mulher a publicar um cordel em 1938, silenciada por um pseudônimo. E aponta para um futuro que já começou, nas nuvens, nas redes, nas rodas, no protagonismo das cordelistas que ainda resistem, reinventam e reescrevem o cordel em todas as suas formas possíveis.

Aqui, cada história de vida é uma marca, como nos ensina Conceição Evaristo, uma escrita de vida que é também vida escrita. Não são apenas biografias, mas reverências: às que vieram antes, às que seguem lutando, às que ainda virão.

Este é um memorial vivo. Vibrante. Sensível. Que não se encerra, mas se abre em possibilidades.

Porque enquanto houver escuta, haverá verso.

E enquanto houver verso, haverá voz.



**Alba helena -Pós-graduada em Orientação Educacional
pela Faculdade Nacional de Filosofia
e Mestre em Educação.**

Ter sonhos nada me custa:
sou milionária ao sonhar,
fortuna que não me assusta
pois não podem me roubar!
(Alba Helena)

Apresentação

Nascida em Niterói, no dia 11 de julho de 1932, Alba Helena tece sua trajetória entre palavras, encantamentos e resistência poética. Desde menina, já costurava versos com a ponta do coração e da caneta, descobrindo na poesia um lugar de presença e permanência. Poetisa, sonetista, trovadora, cordelista, declamadora e contista, a palavra é sua matéria-prima. No mundo das trovas, deu seus primeiros passos, mas foi no cordel que fincou os pés e encontrou “irmãos de jornada”, nordestinas e nordestinos mestres dessa arte popular, com quem compartilha o gosto pela rima, pela métrica e pelo poder de narrar o mundo.

Além de poeta, Alba é pós-graduada em Orientação Educacional pela Faculdade Nacional de Filosofia e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de Métodos e Técnicas. Aos 93 anos, Alba Helena também ocupa a décima sexta cadeira da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), da qual faz parte como membro efetiva, sendo uma das poucas mulheres de sua geração a receber tal reconhecimento. Entre versos e prêmios recebidos, foi deixando suas marcas nas páginas e nos corações por onde passa.



**Anilda Figueiredo - Presidente da Academia dos Cordelistas do Crato,
Membro da ABLC e do Movimento Cordel Sem Machismo.**

Os dois se dana a rimar/
cada um no seu papel,
e se tem mulher no cordel,
nossa dever é respeitar,
e nossa missão apreciar.
(Anilda Figueiredo)

Apresentação

Natural do Crato (CE), Anilda Figueiredo nasceu em 24 de novembro de 1953 e desde a infância se viu cercada pela musicalidade das palavras rimadas. Foi ouvindo as histórias em cordel contadas por sua avó que a futura poeta começou a cultivar seu fascínio pela arte da palavra. Como ela mesma já declarou em versos:

*“Desde criança eu vi minha avó contar histórias/
em livrinhos de cordel que ficaram na memória.”*

Sua produção é marcada por um engajamento profundo com as raízes nordestinas e o fortalecimento da presença feminina no cordel. Em 2001, tornou-se a terceira mulher a integrar a Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), ocupando a cadeira nº 07, que pertencia ao poeta Elói Teles de Moraes. Sua entrada, ao lado de Bastinha Job e Josenir Lacerda, representou um marco na ocupação de espaços tradicionalmente masculinos. Atualmente, Anilda preside a ACC, reforçando seu papel de liderança no cordel cearense. Em 2014, foi reconhecida como sócia efetiva da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), onde ocupa a cadeira nº 03, antes pertencente ao poeta Firmino Teixeira do Amaral. Além de

cordelista, Anilda é folclorista, contadora de histórias e referência na luta por equidade de gênero na literatura popular.

Participante ativa do Movimento das Mulheres Cordelistas Contra o Machismo, criado em 2020 por Izabel Nascimento, sujeita desta pesquisa de mestrado, que reúne coletivos de todo o Brasil sob o mote #cordelsemmachismo, Anilda foi uma das mulheres a denunciar a estereotipação da mulher nos folhetos e afirma a importância de reescrever essas representações com respeito, autenticidade e protagonismo. Em parceria com Dalinha Catunda, Bastinha Job e outras poetisas, lançou o verso-manifesto:

“Se tem mulher no cordel, você tem que respeitar.”

Sua presença é símbolo de uma geração de mulheres que, à semelhança de Maria das Neves Batista Pimentel, não pedem licença: escrevem, ocupam e resistem.



**Fanka Santos - Poetisa, pós-doutora e fundadora
da Sociedade dos Cordelistas MaUDitos.**

O cordel é meu bendito
Meu adorno d'esperança
Se um dia é maUDito
Noutro ele é a criança
Que espalha a verdade
A real prosperidade
Só beleza ele alcança.
(Fanka Santos)

Apresentação

Francisca Pereira dos Santos, mais conhecida como Fanka Santos, é professora, poetisa, pesquisadora e uma das vozes potentes da literatura de cordel feminista na contemporaneidade dentro e fora da academia. Atuante na região do Cariri cearense, Fanka é Professora Titular da Universidade Federal do Cariri (UFCA), onde leciona no curso de Graduação em Biblioteconomia e no Mestrado Profissional em Biblioteconomia, articulando ensino, pesquisa e extensão com uma perspectiva contra-hegemônica e agroecológica.

Formada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) em 1997, com Especialização em Literatura Brasileira (2000), Fanka é Mestra em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC, 2002) e Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2009). Realizou dois pós-doutorados: um em Linguística pela Universidade de Poitiers (França, 2012–2013) e outro em Educação pela UFC (2020).

Fanka é também fundadora da Sociedade dos Cordelistas MaUditos, criada no ano 2000, coletivo que se destacou por romper com os padrões conservadores do cordel e trazer novas perspectivas à poética. Seu compromisso com a escrita crítica e com a representatividade de gênero se expressa em obras como *Romaria de Versos* (2008), *Água da Mesma Onda* (2011), *Esmiuçando Saberes de Gente Semente* (2011, com Izaira Silvino) e *Bioera: A Rede Viva de Conexões* (2020, com Eduardo Bonzatto). Em 2023, publicou *O Livro Delas – Catálogo de Mulheres Autoras no Cordel e na Cantoria Nordestina*, pela Editora ImepH, obra fundamental para o mapeamento da presença feminina na literatura oral do Nordeste.

Hoje a poeta é professora, permacultora fundadora da Aldeia da luz, gestora cultural e coordenadora da escola livre Pé d’Escola.



Isis da Penha - Poeta, palestrante e pesquisadora de cordel.

Já começo declarando:
 Tenho cinquenta e dois anos
 Chamo Maria da Silva
 Apesar de vários danos
 Persisto negra e robusta
 Poeta da vida injusta
 Tanto o nome quanto a idade
 São fatos convencionais
 Para questões sociais
 Não possui prioridade.
(Isis da Penha)

Apresentação

Sergipana, Isis da Penha é cordelista, poeta, educadora cultural e semeadora de palavras que florescem em território sergipano. Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), constroi sua trajetória entre o chão do saber popular e os corredores da universidade pública, onde a literatura não se curva ao cânone, mas pulsa como ferramenta de transformação.

Mediadora do Grupo de Estudos de Cordel "Estante Feminista" e membro do Movimento Cultural Via Láctea (MVL), Isis tem seus versos espalhados por 13 estados do Brasil, compondo uma constelação de escrevivências que cruzam as margens da literatura e da militância. Em 2018, integrou a I Antologia das Mulheres do Cordel Sergipano – *Das Neves às Nuvens* – e, em 2020, foi duplamente reconhecida pela Fundação de Cultura e Arte Aperipê com recursos da Lei Aldir Blanc, nas categorias Produção de Cordel e Formação e Produção Cultural.

Para Isis da Penha, a mulher negra no cordel é voz que desafia o silêncio, é página viva que reescreve o mundo com seus próprios códigos de beleza, dor e encantamento. Sua escrita atua nas trincheiras contra a invisibilidade das mulheres cordelistas e suas histórias ancestrais que nunca deixaram de ser contadas.



Ivonete Morais - Socióloga, cordelista e escritora.

Sou mulher de uma só mama
 Minha vida vou seguir
 Ter uma vida saudável
 Eu assim vou prosseguir
 Vou fazendo o que eu mais gosto
 Mais cordéis vou produzir
(Ivonete Morais)

Apresentação

Natural de Fortaleza, Ceará, Ivonete Morais é socióloga, poetisa de cordel e guardiã das memórias que habitam o imaginário nordestino. Sua escrita emerge da terra e da gente, da criança que brinca de roda à mulher que desafia os silêncios sociais. É dessas poetas que o povo chama de “musa cheia”, carregada de inspiração, mas também de coragem porque escreve com sensibilidade sem nunca abandonar o olhar crítico, esperançoso e transformador.

Seu cordel é um espelho do cotidiano, refletindo com lirismo a força da cultura popular, o papel da mulher, e as biografias de quem fez da arte um ofício de resistência. Ivonete costura versos como quem borda histórias: com firmeza e beleza. Entre suas obras, destacam-se: *História das mulheres no cangaço*, *Lendas e Brincadeiras de criança em verso* e *Mulher cordelista na arte de versejar*.

Para Ivonete Morais, a mulher cordelista é a que resgata a infância e revira a história. É quem brinca, sonha, denuncia e ensina, sem jamais abandonar a rima.



Jarid Arraes - Escritora, cordelista, mentora de escrita e finalista Jabuti.

Há um dia em que a mulher
pergunta a si mesma
pergunta para outra
mulher
e as perguntas pairam
flutuam
sobre a cabeça
as perguntas incomodam
(Jarid Arraes)

Apresentação

Nascida em Juazeiro do Norte, no coração do Cariri cearense, em 12 de fevereiro de 1991, Jarid Arraes carrega no sangue o verbo, a urgência da justiça. Escritora, cordelista, poeta, Jarid vem traçando com sua escrita um caminho que mistura coragem e delicadeza. Seus livros cruzaram fronteiras e foram traduzidos para francês, espanhol, italiano e inglês, mas continuam enraizados na terra vermelha do sertão que a formou.

Autora do premiado *Redemoinho em dia quente*, ganhador dos prêmios Biblioteca Nacional e APCA e finalista do Jabuti, também escreveu o romance *Corpo Desfeito*, os poemas de *Um buraco com meu nome*, e os cordeis que recontam histórias silenciadas, como *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* e *As lendas de Dandara*. Criadora do Hub Górgona e mentora do curso *Escrevendo o Trauma*, Jarid transforma a dor em denúncia e a palavra em cura. Hoje, vive em São Paulo, mas sua voz ecoa do Cariri às páginas do mundo.

Sua trajetória também se inscreve no jornalismo e na militância cultural. Jarid já colaborou com veículos como *Folha de São Paulo*, *Quatro Cinco Um*, *Caros Amigos*, *Claudia*, *Cult e Blooms*, além de ter suas poesias publicadas na *Revista Parênteses* e na *Revista Gueto*. Participou de antologias como a da *TAG Experiências Literárias*, e escreveu

cordeis em parceria com instituições comprometidas com os direitos humanos, como *Chega de Fiu Fiu (ONG Think Olga)* e *Informação Contra o Machismo (Artigo 19)*.

Para Jarid Arraes, a mulher negra no cordel é a heroína que a história tentou esconder, mas que retorna em versos afiados para reescrever o passado e reinventar o futuro.



Josenir Lacerda - Cordelista, artesã e Mestra da Cultura

Todo poeta de fato
É grande observador
Seja da rua ou do mato
Seja leigo ou professor
Faz verdadeira pesquisa
Vasto estudo realiza
Buscando essência e teor.
(Josenir Lacerda)

Apresentação

Nascida em Crato, Ceará, Josenir Amorim Alves de Lacerda é cordelista, artesã e Mestra da Cultura, fez da poesia uma ponte entre gerações, da oralidade um gesto de resistência, e da memória do sertão um legado vivo. Com mais de 100 cordéis publicados e incursões pelo conto e pela crônica, é uma das fundadoras da Academia de Cordelistas do Crato (ACC), onde ocupa a cadeira nº 03, e também membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), na cadeira nº 37.

Josenir, ao lado de seu companheiro de vida e arte, Miguel Teles, ergueu com as próprias mãos o Museu Social Cordel e Arte, um espaço de encantamento e preservação onde se respira o Cariri em forma de papel, pano e verso. Sua dedicação à cultura lhe rendeu diversos prêmios e reconhecimentos, entre eles a Comenda Patativa do Assaré em 2020 e o título de Mestra da Cultura em 2022, concedido oficialmente pelo Governo do Estado do Ceará.

Para Josenir Lacerda, a mulher no cordel é a fianneira da história e do afeto, que borda com palavras a ancestralidade sertaneja e ergue museus com as mãos. É ela quem transforma memória em resistência e arte em legado.



Julie Oliveira - Cordelista, editora, pedagoga e produtora cultural.

A boca de uma mulher é
Instrumento de poder
Na luta para alcançar
O que ela bem entender
Só com voz e atitude
Nós poderemos vencer!
Vencer o silêncio que
Teimam sempre em nos impor
Como se lugar de fala
Fosse fazer um favor
Sem saber que gritaremos
Se o caso assim for!
(Julie Oliveira)

Apresentação

Cordelista, pedagoga, editora e produtora cultural, Julie Oliveira faz da escrita um ato de cura e da publicação um gesto de militância. Fundadora da Ganesha Edições e Produções Culturais e do Coletivo e Selo Editorial Cordel de Mulher, Julie é uma semeadora de livros e ideias, responsável por editar e lançar ao mundo obras que florescem nos caminhos da educação popular e da equidade de gênero.

Com 15 livros editados, premiados e distribuídos nacionalmente em programas educacionais, Julie é presença ativa no cenário literário e político do cordel contemporâneo.

Para Julie Oliveira, a mulher no cordel é a que escreve seu destino sem pedir licença, abrindo caminhos para outras, publicando sonhos e plantando revoluções em papel. Sua escrita não se limita à folha: ela é editora da memória, autora do presente e arquiteta de futuros possíveis.



Maria das Neves - Cordelista Paraibana

Eu sou filha de poeta
e neta de repentista
meu avô era Ugolino
e meu pai Chagas Batista
também faço poesia
o poeta é um artista!
(Maria das Neves)

Apresentação

Nascida em 02 de agosto de 1913, na Paraíba, Maria das Neves Baptista Pimentel foi a primeira mulher a publicar um cordel no Brasil. Filha do poeta e editor Francisco das Chagas Baptista, cresceu entre livros, tipografias e palavras em João Pessoa, onde também viveu a partir de 1945. Em 1938, ousou romper o ciclo do silêncio e publicou o folheto *O violino do diabo ou o valor da honestidade*, mas para escapar da censura patriarcal da época, teve de ocultar seu nome sob o pseudônimo Altino Alagoano, em referência ao seu marido, Altino de Alencar Pimentel, e ao estado de origem dele, Alagoas.

Mesmo sendo pioneira, Maria das Neves não assinou sua autoria abertamente até a década de 1970. Seu gesto de escrever escondida em nome de todas que viriam depois tornou-se símbolo da resistência feminina no cordel. Como disse em entrevista: “*Não existia naquele tempo, folheto feito por mulher. (...) Então eu disse: eu não vou botar meu nome.*”

(PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 70). Seu apagamento estratégico foi também um ato de abertura: um caminho clandestino que pavimentou as veredas da visibilidade para tantas outras.



**Maria de Lourdes Aragão Catunda (Dalinha Catunda) - Membro da
ABLC
e Sócia Benemérita da Academia dos Cordelistas do Crato.**

A mulher nunca se acanha
Rodando a saia com manha
Ingressa nesse universo
Encara tema diverso

Na cultura popular,
Ocupando seu lugar
E faz bem o seu papel
Se tem mulher no cordel
Você tem que respeitar.
(Dalinha Catunda)

Apresentação

Nascida em Ipueiras, Ceará, no dia 28 de outubro de 1952, Maria de Lourdes Aragão Catunda, mais conhecida como Dalinha Catunda, é uma das vozes mais expressivas da literatura de cordel contemporânea. Filha de Espedito Catunda de Pinho e Maria Neuza Catunda, Dalinha traz em sua linhagem familiar a força da oralidade e da criação literária: sua mãe era poetisa e sua tia, contadora de histórias. Desde cedo, aprendeu a transformar sentimentos, memórias e vivências em versos e prosas, traço que marcaria profundamente sua trajetória como cordelista, declamadora e narradora popular.

Radicada no Rio de Janeiro desde a juventude, Dalinha construiu sua carreira artística entre o sertão e o asfalto, a memória e a militância poética. Com trabalhos que aliam crítica social, humor e resistência, conquistou seu lugar na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), instituição historicamente dominada por homens, onde hoje ocupa a cadeira nº 25, cujo patrono é Juvenal Galeno.

Além da ABLC, é também membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA) e sócia benemerita da Academia dos Cordelistas do Crato (ACC), instituições que reconhecem seu papel na valorização da cultura nordestina e na ampliação do espaço de autoria feminina na literatura popular. Com um estilo marcado pela oralidade e um olhar atento sobre as questões de gênero, Dalinha é autora de uma vasta obra poética e engajada, sendo referência para as gerações mais jovens de cordelistas mulheres.



Maria do Rosário Pinto - Atua no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan) e é membro da ABLC.

Nosso mundo evoluiu
Hoje a mulher determina
Que norte dará à vida
Mesmo sendo nordestina
Não carrega o estigma
Daquela pobre menina
(Rosário Pinto)

Apresentação

Rosário Pinto é uma das figuras centrais na preservação e valorização da literatura de cordel no Brasil. Natural de Bacabal, no Maranhão, mas radicada desde a infância no Rio de Janeiro, sua trajetória se confunde com a memória viva do cordel. Atuou por 18 anos como

responsável pela Cordelteca – Memória da Literatura de Cordel, da Biblioteca Amadeu Amaral, vinculada ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP/Iphan), onde coordenou, catalogou, pesquisou e difundiu acervos fundamentais para o campo.

Além de pesquisadora e curadora, Rosário também é cordelista e ocupa a cadeira nº 18 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), cujo patrono é José Bernardo da Silva. Sua produção autoral reflete a solidez de uma trajetória construída entre a prática e a teoria, articulando saberes populares, políticas culturais e memória. Dentre suas obras destacam-se *A Mulher e sua Trilha*, *Catalogação do Cordel e O Poeta e o Folheteiro*, que evidenciam não apenas domínio técnico, mas também um olhar sensível e crítico sobre a importância do registro, preservação e circulação do cordel e os desafios enfrentados pelas mulheres que fazem cordel.



Salete Maria - Cordelista, performer, jurista e professora.

Limpemos nossa retina
Para enxergar a história
E ver como essa cretina
Ainda nos ignora
Pois narra os grandes feitos
Dos machos e seus direitos
Deixando a mulher de fora.
(Salete Maria)

Apresentação

Cordelista, jurista, professora e performer, Salete Maria é força indomável da palavra que rasga o silêncio. Nascida no sertão do Cariri e forjada nas trincheiras da justiça e da arte, é uma das vozes potentes da literatura de cordel contemporânea. Aprendeu a rimar com a avó cega e analfabeta e transformou esse legado em revolução: fez do cordel palco de denúncia, afeto e libertação.

Membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, criada em 2000, Salete transita entre o lírico e o político com maestria. Atuou por mais de uma década como advogada de mulheres e pessoas LGBTQIA+ vítimas de violência, peticionando em forma de cordel, um gesto radical de insurgência e estética. Atualmente é professora do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA, e sua trajetória já soma mais de 20 anos de "cordelírio feminista e libertário".

Seus cordéis foram premiados pela FUNCEB, musicados por Socorro Lira, recitados por Deth Haak, citados por Arnaldo Jabor e encomendados por cineastas como Wagner Almeida. Suas obras circulam entre universidades, palcos, teses e saraus, misturando ironia, dor, humor e poesia com um estilo inventivo e absolutamente comprometido com os direitos humanos.

Para Salete Maria, a mulher no cordel é a que toca fogo nas estruturas com palavras afiadas. É quem rompe as cercas da cultura dominante e dança sobre os escombros com rima, justiça e paixão.



Sebastiana Gomes de Almeida - Mestra de cordel, professora e ocupante da cadeira nº 4 na Academia dos Cordelistas do Crato.

Professora aposentada,
cordelista na ativa,
Assaré do Patativa
é minha terra amada;
Crato é a mãe idolatrada,
que me acolheu em seu seio,
aqui encontrei o veio
da joia da Educação,
da completa Formação

que me deu força e esteio.
(Bastinha)

Apresentação

Nascida em Santo Amaro, no município de Assaré (CE), a mesma terra de Patativa, Sebastiana Gomes de Almeida, conhecida como Bastinha, é uma voz inconfundível do cordel nordestino. Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Popular da URCA e ocupante da cadeira nº 4 da Academia dos Cordelistas do Crato, sob o patronato de Cego Aderaldo, ela se tornou uma das mais influentes cordelistas do Crato.

Com a caneta afiada e a mente criativa, Bastinha mergulha na oralidade popular para transformar o cotidiano em sátira, escárnio e crítica social. Aborda temas como ecologia, política, religiosidade e os tabus do riso: *o corno, a sogra, a solteirona*. Suas décimas, repletas de provérbios, farsas, julgamentos e encantamentos, revelam uma estética própria e inconfundível. Obras como *A sogra no folclore, Só quem segura os caídos é Deus e o sutiã, O corno e a tipologia, Santo Antônio responde à solteirona* e *Lula cadê?* demonstram sua habilidade em unir humor e crítica de forma brilhante.

Para Bastinha, a mulher no cordel é quem escreve com graça, desafia com riso e encanta com sabedoria.

A seguir, reunimos no quadro 06 as autoras mencionadas até aqui e ao longo da pesquisa, acompanhadas de suas principais obras, instituições responsáveis pela publicação, ano de lançamento, região de atuação e informações de disponibilidade. Este registro é um convite para que conheçam ainda mais de perto essas mulheres que escrevem cordel a partir de suas subjetividades, atravessando de cabeça erguida, e não mais as sombras, as estruturas patriarcais e racistas com o verso.

Quadro 06 – Cordelistas citadas ao longo da pesquisa.

Autoras	Principais Títulos - Região - Instituição - Ano	Disponível em:
Alba Helena	Duas saias no cordel. Rio de Janeiro: ABLC, 2013. Gonçalo, um iluminado e o cordel sublimado. Rio de Janeiro: ABLC, s. d. Mena: uma cearense de fibra. Rio de Janeiro:	Catálogo Cordeloteca UNESP. Blog Cordel de Saia.

	ABLC, 2013 O silêncio do Patativa. O último vôo do Patativa. Rio de Janeiro: ABLC, 2002.	
Anilda Figueiredo	Acerto de Contas, Crato, CE: ACC, 2011. Carnaval. Crato, CE: ACC, 2012. Cacimbinha (Zé da Luz). Crato, CE: ACC, 2011. Como escrever em verso. Crato, CE: ACC, 2011. Diversidade de Gênero. Crato, CE: ACC, 2023. Efeito do Viagra. Crato, CE: ACC, 2023. Festa de São João. Crato, CE: ACC, 2011. Meu Cariri Amado. Crato, CE: ACC, 2019. Mitos e lendas do Cariri. Crato, CE: ACC, 2023. O Cariri Cearense. Crato, CE: ACC, 2019.	Cordel Cariri, blogspot. Academia de Cordel do Crato, blogspot.
Dalinha Catunda	Farinha do mesmo saco. Rio de Janeiro: ABLC, 2008. A invasão do Alemão. Rio de Janeiro: ABLC, 2011. É livre meu pensamento. Rio de Janeiro: Gráfica hb, 2013. Recordar – Nos dez de queixo caído. Rio de Janeiro: ABLC, 2013. Não deixe o homem bater, nem em seu atrevimento. Rio de Janeiro: ABLC, 2011. Posse de Pedro Bandeira na ABLC. Rio de Janeiro: ABLC, 2014. Rosa apavorada. Rio de Janeiro: ABLC, 2007. O jumento do Maurício. Rio de Janeiro: s. n, 2005. O homem que perdeu a rola. Rio de Janeiro: Gráfica hb, 2013. O doutor e a roceira. Rio de Janeiro: ABLC,	Catálogo Cordeloteca UNESP.

	<p>2013.</p> <p>No reino animal. Rio de Janeiro: ABLC, 2011.</p> <p>Levando fumo. Rio de Janeiro: ABLC, s.</p> <p>Fuxico de mulher. Peleja virtual. Rio de Janeiro: ABLC, 2011.</p> <p>Cordel no embalo das redes. Rio de Janeiro: ABLC, 2011.</p> <p>Babados no cordel. Rio de Janeiro: ABLC, 2011.</p> <p>As três Marias/ Papo de mulher. Rio de Janeiro: ABLC, 2010.</p> <p>Apologia ao cordel. Rio de Janeiro: ABLC, s. d.</p> <p>Cobra criada. Rio de Janeiro: ABLC, 2010.</p> <p>Quando eu ia ele voltava, quando eu voltava ele ia. Rio de Janeiro: ABLC, 2012.</p> <p>Um jumento e duas doidas. Fortaleza, CE: s. n, 2013.</p> <p>Saudades do Zeca Frauzino. Rio de Janeiro: ABLC, 2010.</p> <p>Saias no cordel. Rio de Janeiro: ABLC, 2009.</p>	
Francisca Pereira dos Santos (Fanka)	<p>No tempo da Clarabóia. Juazeiro do Norte/CE: Sociedade dos Cordelistas Malditos, 2001.</p> <p>Bioera e a rede viva de conexões. Juazeiro do Norte: editora independente, 2020</p> <p>O cordel é meu bendito. Cariri/CE, Instituto Moreira Salles, 2020.</p> <p>Vou-me-kariri-rizar. Cariri/CE, Instituto Moreira Salles, 2020.</p>	<p>Mapa Cultural do Ceará CNPQ Acervo Instituto Moreira Salles.</p>
Isis da Penha	<p>O casamento de Isis. Sergipe. Academia Sergipana de Cordel. 2021.</p> <p>Quando a palavra fere estruturas - Violência Linguística. Fortaleza/CE: Ganesha Edições, 2021.</p>	<p>Teu Cordel. Instagram Pessoal da Cordelista. Academia Sergipana de Cordel.</p>
Ivonete Moraes	Família de A a Z numa abordagem sistêmica.	Acervo das Memórias da

	<p>Fortaleza/CE: Tupynanquim Editora, 2007.</p> <p>Ser criança é... brincadeiras de ontem e de hoje. Fortaleza/CE: Tupynanquim Editora, 2009.</p> <p>Descartes Gadelha: Um Artista do Povo. Fortaleza/CE: Projeto: SESC Cordel, 2015.</p> <p>Coração Máquina da Vida e do Amor. Fortaleza/CE: Projeto: SESC Cordel, 2009.</p> <p>Folclore Brasileiro. Fortaleza/CE: Cordel Informativo, 2016.</p> <p>Juliette no BBB 21: A Força e a Resistência do Nordeste. Fortaleza/CE: Rouxinol do Rinaré Edições, 2021.</p>	Poesia Popular.
Jarid Arraes	<p>As Lendas de Dandara (Prosa). Juazeiro do Norte. Editora de Cultura, 2016.</p> <p>Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis (Cordéis). Juazeiro do Norte. Polén Livros, 2017.</p> <p>Um buraco com meu nome (Poemas). Juazeiro do Norte. Selo Ferina, 2018.</p> <p>Dandara et les esclaves libres (Edição francesa de As Lendas de Dandara) (Prosa). Anacaona, 2018.</p> <p>Redemoinho em dia quente (Contos). Juazeiro do Norte. Alfaguara, 2019.</p> <p>Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis (2^a ed.) Juazeiro do Norte. Seguinte, 2020.</p> <p>Um buraco com meu nome (2^a ed.) (Poemas). Juazeiro do Norte. Alfaguara, 2021.</p> <p>Corpo desfeito (Romance). Juazeiro do Norte. Alfaguera, 2022.</p> <p>Cordéis para crianças incríveis. Juazeiro do Norte. Companhia das Letrinhas, 2024.</p>	Blog Jarid Arraes.
Josenir Lacerda	<p>O Linguajar Cearense, Crato/CE, ASC, 2001.</p> <p>De Volta ao Passado, Crato/CE, ASC, 1998.</p> <p>O Menino que Nasceu Falando, Crato/CE, ASC, 1992.</p>	Acervo Wikipédia

	<p>Segredo de Marina, Crato/CE, ASC, 2009.</p> <p>Marina Gurgel, Crato/CE, ASC, 2012.</p> <p>Matriz: Grafias Femininas, Crato/CE, ASC, 2015.</p> <p>Os Queixumes de um Cordel em Tempos de Pandemia, Crato/CE, ASC, 2021.</p> <p>História das Donzelas Teodoras, Crato/CE, ASC, 2007.</p> <p>A Brincadeira vai Começar, Crato/CE, ASC, 2012.</p> <p>O Sopro da Deusas, Crato/CE, ASC, 2023.</p>	
Julie Oliveira	<p>Pandora. Fortaleza/CE, editora independente, 2020.</p> <p>A verdadeira história do Pavão Misterioso. Fortaleza/CE. SEI Editora, 2024.</p> <p>Homenagem à Rita Lee: Nossa Rainha do Rock. Fortaleza/CE, Rouxinol do Rinaré Edições, 2025.</p> <p>Das Fogueiras ao Fogo das Palavras: Mulheres, resistência e literatura, Fortaleza/CE, Cordel de Mulher, 2025.</p>	Instagram Pessoal da Cordelista.
Maria das Neves Pimentel	<p>O amor nunca morre. Paraíba: Thesaurus, 1993.</p> <p>O violino do diabo ou o valor da honestidade. Paraíba, Gráfica Familiar, 1930.</p> <p>O Corcunda de Notre Dame. In: MENDONÇA, Maristela Barbosa de. Uma voz feminina no mundo do folheto Brasília: Thesaurus, 1993.</p>	<p>Blog Cordel de Saia.</p> <p>Tese Uma Voz Feminina no mundo dos folhetos.</p>
Maria Rosário Pinto	<p>A mulher e sua trilha. Rio de Janeiro: Gráfica hb, 2013.</p> <p>Catalogação de Cordel. Rio de Janeiro: Funarte e Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2002.</p> <p>Fuxico de Mulher. Rio de Janeiro: ABLC, 2011.</p> <p>Nas asas do Pavão Misterioso (90 anos de</p>	<p>Memórias da Poesia Popular - Acervo Sobre Vida e Obra de Cordelistas Brasileiros.</p> <p>Blog Cordel de Saia.</p>

	<p>sucesso). Campina Grande, PB: CAMPGRAF, 2013.</p> <p>O poeta e o folhetinho. Campina Grande, PB: ABLC, 2012.</p>	
Salete Maria	<p>Mulher - Cariri, Cariri - Mulher, Juazeiro/CE, editora independente, 2000.</p> <p>Mulheres Fazem. Bahia, 2^a edição, 2005.</p> <p>Mulher Também Faz Cordel, Bahia, editora independente, 2008.</p> <p>Não a cultura do estupro. Salvador/BA, editora independente, 2016.</p> <p>Cordelirando: 30 anos de cordéis feministas e libertários, Salvador/BA, Editoras Periódicos, 2024.</p> <p>Xica Manicongo: 1^a Travesti do Brasil, Bahia – 1591, Bahia, Editora Grupo Gay da Bahia, 2025.</p>	<p>Portal de Literatura Baiana Contemporânea.</p> <p>Blog da autora, cordelirando.</p>
Sebastiana Gomes de Almeida	<p>Prece de uma solteirona. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 8 p.1996.</p> <p>O professor da URCA e o fundo de garantia. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 1996.</p> <p>A cultura popular no Cariri. Crato: Academia dos Cordelistas do Crato, 1996.</p> <p>Uma crítica bem humorada. Crato. In: CaririCult: arte, cultura e ideias em movimento, 2013.</p> <p><i>Se Queres Ser Meu Amigo Não Fales Mal do Meu Crato!</i>, Crato/CE, Academia dos Cordelistas do Crato e Secretaria Municipal de Cultura, 2023.</p>	<p>Memórias da Poesia Popular - Acervo Sobre Vida e Obra de Cordelistas Brasileiros.</p> <p>Blog Cordel de Saia.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Este memorial teve como intuito principal apontar para a importância de pensar a memória como um campo de disputa. A dificuldade em localizar cordéis de autoras mulheres nos meios digitais escancara um problema estrutural: por que ainda é tão árduo o acesso às produções dessas mulheres, mesmo em tempos digitais onde temos tantos outros meios de

acesso à informação? O apagamento das vozes dessas mulheres continua operando na contemporaneidade? É possível que sim! Mas, há resistência!

Em meio às lacunas e silenciamentos, surgem espaços de memória e resistência. À exemplo, temos as próprias trajetórias das cordelistas que motivaram a existência deste trabalho, além de projetos que lutam diariamente para manter vivo os registros de tantas cordelistas como o acervo digital *Memórias da Poesia Popular*, o blog *Cordel de Saia*, a atuação da Academia de Cordel do Crato, da Academia Sergipana de Cordel, e dos outros acervos e espaços institucionais que acessamos para construção do memorial e organização do quadro 06. Essas iniciativas não apenas preservam vozes que por tanto tempo estiveram à mercê das máscaras do seu tempo, como também mantêm vivo o trabalho de diversas poetisas populares de diferentes lugares do Brasil, transformando os meios digitais em lugares de resistência. A existência desses espaços cumpre uma função histórica e social urgente: assegurar que as palavras das mulheres no cordel não se percam nas fendas do esquecimento, não se apaguem novamente.

Nesse mesmo horizonte, esta pesquisa se inscreve. Ao registrar e refletir sobre as trajetórias das cordelistas sergipanas, afirmamos com firmeza e afeto: há, sim, mulheres que escrevem, criam e reinventam o cordel, fazendo dele território de voz, memória e transformação social e política. Desenvolver este trabalho é também reafirmar um compromisso: cultivar a memória da autoria feminina como parte indissociável da cultura popular brasileira.

Este memorial não termina aqui. É por natureza INCONCLUSIVO. Ele segue em cada verso escrito por uma mulher que se recusa a calar. Das Neves às Nuvens, seguimos.